



**GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**



SIDNEI ALVES DA ROCHA

**A MAGIA DA PALAVRA NAS HISTÓRIAS ORAIS E ESCRITAS:
UMA PROPOSTA DE FRUIÇÃO LITERÁRIA**

Sinop – MT

2015

SIDNEI ALVES DA ROCHA

**A MAGIA DA PALAVRA NAS HISTÓRIAS ORAIS E ESCRITAS:
UMA PROPOSTA DE FRUIÇÃO LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora Prof. Dr^a Adriana Lins Precioso

Sinop – MT

2015

Ficha catalográfica

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

R672m Rocha, Sidnei Alves da.

A magia da palavra nas histórias orais e escritas: uma proposta de fruição literária / Sidnei Alves da Rocha. – Sinop, 2015.
169 p.

Orientadora: Dra. Adriana Lins Precioso.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, Faculdade de Educação e Linguística, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras.

1. Histórias, Contação. 2. Letramento. 3. Leitura e Escrita. 4. Fruição Literária. 5. Histórias – interpretação e análise. 6. Mestrado Profissional em Letras. I. Precioso, Adriana Lins, Dra. II. Título. III. Título: uma proposta de fruição literária.

CDU 821:808.5

SIDNEI ALVES DA ROCHA

**A MAGIA DA PALAVRA NAS HISTÓRIAS ORAIS E ESCRITAS:
UMA PROPOSTA DE FRUIÇÃO LITERÁRIA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop
(Presidente)

TITULARES

Prof. Dr. Danglei Pereira de Castro
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Rosana Rodrigues da Silva
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

SUPLENTES

Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS/Campo Grande

Profa. Dra. Luzia A. Oliva dos Santos
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop

Aprovada em: 06 de agosto de 2015.

Local da defesa: Sala “CEI” – *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho (com base na dedicatória do romance *O cheiro de Deus*, de Roberto Drummond e em Manoel de Barros:

“No que tiver de água matando a sede” à minha esposa Elisandra, que sempre me disse que “quem ama exerce Deus”;

No que tiver de “palavras me” gorjeando, à professora Luzia, por me mostrar que “poesia é voar fora da asa”;

No que tiver de “delírio do verbo”, às professoras Rosana e Monica, que me apresentaram “as gramáticas expositivas do chão”;

No que tiver de “linguagem que” obedece “a desordem das falas infantis do que as ordens gramaticais”, à professora Adriana, pela orientação de que “tudo o que” eu tenho “de fazer é tirar do” meu “texto as palavras bichadas do seu próprio costume”;

No que tiver de “encantador de palavras”, ao professor Mantovani, que me ensinou que “os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia”;

No que tiver de “palavras” multiplicando “os silêncios”, ao professor Henrique, por me fazer acreditar que “borboletas maduras chegavam de pousar nos seus discursos”;

No que tiver de “bilhete numa pedra presa por cordão” onde “não havia e-mail”, às professoras Tânia e Sandra, que muito me ensinaram sobre tecnologia, apesar de saberem que “eu não sou da informática: eu sou da invencionática”;

No que tiver de “delírio do verbo”, à professora Tânia, que me sugeriu a “pelo menos uma vez por dia” ir “no Moraes ou no Viterbo a fim de consertar a minha ignorância, mas só acrescenta”;

No que tiver de esconderijo “por trás das palavras para mostrar-se”, à professora Leandra, que sentenciou “que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”;

No que tiver de “coisas” que “não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis”, ao professor Genivaldo, que tanto comentou que, “quando as aves falam com as pedras e as rãs com as águas — é de poesia que estão falando”;

No que tiver de gosto pelo “equilíbrio sonoro das frases”, aos contadores de histórias, que provaram que “a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites”;

Enfim, no que tiver de vestígios do menino que fui nos escritos desse poeta, a Manoel de Barros, por me ensinar, com singeleza e sabedoria que “sou água que corre entre pedras” e a me fazer “gostar quase até do cheiro das letras”.

AGRADECIMENTOS

À minha querida esposa Elisandra, por acreditar em mim sempre e por me incentivar na busca pelo conhecimento, criando possibilidades para que eu me aprimore cada vez mais;

À Capes, pela elaboração e implantação de projeto tão magnífico como o ProfLetras e pelo incentivo aos estudos dos profissionais de Letras;

À Coordenadora e professora Dr^a Luzia pelos momentos de fruição literária nas aulas de Literatura e por conduzir de forma tão séria e profissional o curso do ProfLetras em Sinop, com especial atenção aos alunos, procurando atendê-los sempre e na medida do possível;

À professora Dr^a Adriana pelas magníficas aulas de Literatura Infanto-juvenil e Texto e Ensino e, em especial, pelas relevantes orientações e ideias para o andamento do meu projeto;

À professora Dr^a Leandra, pelas fundamentais aulas de letramento e multiletramento e por nos incentivar e nos orientar nas participações em Congressos e Seminários fora do nosso Estado;

Ao Secretário Jefferson, pela presteza nas informações e pela disposição em ajudar no que lhe pudesse ser possível, respondendo com prontidão e-mails de solicitações e de tira-dúvidas;

À SEDUC-MT pela prontidão em atender as solicitações de licenças em tempo hábil;

Aos colegas da primeira turma do ProfLetras pelas inúmeras trocas de experiências, discussões profundas e colaborações recíprocas entre os colegas e ao GELAR – Grupo de Estudos literários: A Rota, pelas nossas discussões literárias no percurso de mais de 320 Km de nossas idas e vindas de casa à Universidade;

À direção, coordenação e professores da Escola Estadual 12 de Abril pelas contribuições que cada um, na medida do possível, deu para o desenvolvimento do projeto, especialmente ao diretor da escola, que me ajudou muito na busca pelos contadores tradicionais do município;

Aos contadores de histórias que foram as estrelas convidadas para o desenvolvimento da pesquisa-ação, narrando seus contos, poemas e causos maravilhosos e aos alunos da 3^a Fase do 3^o Ciclo pela brilhante participação em todas as etapas e módulos do projeto;

Ao meu cachorro Jack, pela ausência estratégica nos momentos em que eu produzia meu TCF (é um cavalheiro), mas também à Capitu e ao Hatchi, pela presença constante ao meu lado nos momentos de produção, brindando-me com chulezinho bom de cachorro;

À Capitu (de novo), por ficar o tempo todo a meu lado deitada em seu Puff e que, vez em quando, olhava-me com seus “olhos de cigana, oblíquos e dissimulados”, incentivando-me a prosseguir sempre;

Finalmente, a Deus, por ter sido meu amparo em diversos momentos e, principalmente, por fazer tantos seres fantásticos atravessarem o meu caminho e compartilharem comigo esses momentos tão importantes de minha vida, na continuidade dos meus estudos e da minha formação.

Avozinha Garoa vai contando
Suas lindas histórias, à lareira.
"Era uma vez... Um dia... Eis senão quando..."
Até parece que a cidade inteira

Sob a garoa adormeceu sonhando...
Nisto, um rumor de rodas em carreira...
Clarins, ao longe... (É o Rei que anda buscando
O pezinho da Gata Borracheira!)

Cerro os olhos, a tarde cai, macia...
Aberto em meio, o livro inda não lido
Inutilmente sobre os joelhos poussa...

E a chuva um'outra história principia,
Para embalar meu coração dorido
Que está pensando, sempre, em outra cousa...

Mário Quintana

Há histórias tão verdadeiras que às vezes
parece que são inventadas.

Manoel de Barros

ROCHA, Sidnei Alves da. **A magia da palavra nas histórias orais e escritas: uma proposta de fruição literária.** 2015. 169 f. TCF – Trabalho de Conclusão Final (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2015

RESUMO:

Este Trabalho de Conclusão Final fará o percurso da contação de histórias em tempos e espaços diversos, tendo a preocupação de trazer um pouco dessa prática para a sala de aula e foi desenvolvido em forma de Sequência Didática em uma turma da 3ª Fase do 3º Ciclo (9º Ano), da Escola Estadual 12 de Abril, no município de Terra Nova do Norte, Mato Grosso, dividido em etapas como: leituras, interpretações e análises do livro *Peter e Wendy*, de J. M. Barrie e dos livros de contos *23 histórias de um viajante* e *Um amor sem palavras*, ambos de Marina Colasanti, bem como análise de dois filmes: *Em busca da Terra do Nunca* e *O segredo de Neverwas*; práticas de contação de histórias por narradores tradicionais da comunidade, fechando com produções de contos fantásticos/maravilhosos por parte dos alunos. O percurso da Sequência Didática elaborada para a realização das atividades tem base em Dols e Schneuwly (2004) e no letramento literário de Cosson (2012, 2014). Já os letramentos e multiletramentos ancoram-se em Soares (2009) e Rojo (2012). No tocante à contação de histórias, os referenciais são as autoras Matos (2014) e Busatto (2013) e, por fim, as discussões sobre leituras, leituras literárias e produção têm o suporte teórico de Compagnon (2009), Colomer (2009), Koch e Elias (2013), Kleiman (2005, 2007), entre outros. Os contadores de histórias encantaram os estudantes, sendo preferido por eles o contador que explorou os contos de fadas populares e alguns poemas da tradição oral e não teve a ideia de oferecer-lhes lições de moral como aconteceu com um dos contadores cuja prática não agradou muito aos ouvintes, mas que também contou causos espetaculares acontecidos com ele. Dentre os demais contadores, uma contadora explorou um conto de terror e outros dois narraram causos. Enfim, é o resultado dessa fantástica jornada de oito meses pelas terras do imaginário através da fruição literária que é apresentado no TCF – trabalho de Conclusão Final – e que vem à luz neste momento.

Palavras-chave: Contação de histórias. Letramento. Leitura e escrita. Fruição literária. Interpretação e análise.

ROCHA, Sidnei Alves da. **The magic of the word in written and told stories: a proposal of literary fruition.** 2015. 169 f. Final Completion Work (Master's Degree) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2015.

ABSTRACT:

This Working Final Conclusion will the route of storytelling in different times and spaces, and the concern to bring some of this practice to the classroom. This study was carried out at “Escola Estadual 12 de Abril”, settled in Terra Nova do Norte municipality, and applied to a 9th major class (3rd Phase of 3rd Cycle), aiming to bring a bit of the storytelling practice into the classroom. It was divided in stages, like practices of storytelling accomplished by community traditional narrators; books analyses, including “Peter e Wendy” (by J. M. Barrie), “23 histórias de um viajante” and the tale “Um amor sem palavras” (both by Marina Colasanti); systematic analysis of two movies: “Em busca da Terra do Nunca” and “O segredo de Neverwas”; concluding with fantasy tales written by students. We designed the instructional sequence for these activities based on Dols and Schneuwly (2004) and especially in literary literacy by Cosson (2012, 2014). Furthermore, the others literacy and multi-literacy were founded in Soares (2009) and Rojo (2012). Regarding storytelling, the references were Matos (2014) and Busatto (2013) and, finally, the dialoguing about readings and and production have the theoretical support Compagnon (2009), Colomer (2009) Koch and Elias (2013), Kleiman (2005, 2007), among others. Despite the circumstance that the chosen major class was not composed of easy-going students, we accomplished the realization of a magnificent work, since most of the students worked very hard in all modules and stages of teaching sequence, providing analysis, interpretations, contribution in the discussions and amazing productions. The storytellers delighted students and their predilection was on the narrator that explored the popular fairy tales and some poems of oral tradition and did not have the idea to offer them moral lessons as with one of the tellers whose practice did not please too listeners, but which also had spectacular stories happened to him. One teller explored a horror tale, and two others narrated stories. Nevertheless, here we present the result of this remarkable eight-months-journey over “the imaginary lands” through literary fruition.

Keywords: Storytelling. Literacy. Reading and writing. Literary fruition. Interpretation and analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. SOBRE LETRAMENTOS LITERÁRIOS E OUTROS LETRAMENTOS	13
1.1 A leitura no ambiente escolar	19
1.2 A importância dos gêneros textuais na Educação Básica.....	26
1.3 As multimodalidades textuais.....	29
1.4 Competência e habilidades no 3º Ciclo de Formação Humana.....	30
2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM TEMPOS, ESPAÇOS E SUPORTES DIVERSOS	34
3. A NOVA TERRA DO NUNCA: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A FRUIÇÃO LITERÁRIA	41
3.1 O fantástico em Marina Colasanti	46
3.2 Análise das atividades desenvolvidas na SD – Sequência Didática.....	51
3.3. Módulo I – Convite à fantasia: Uma viagem à Terra do Nunca.....	52
3.4 Módulo II – O mundo de fantasias em <i>Neverwas</i>	62
3.5 Módulo III – O amor em questão: Análise da história fantástica <i>Um amor sem palavras</i> 71	
3.6 Módulo IV – 1º Intervalo – Leitura do livro <i>Peter e Wendy</i> , de J. M. Barrie	75
3.7 Módulo V – A “Nova Terra” do Nunca: entram em cena os contadores tradicionais	102
3.7.1 1ª parte: Atividades de escuta, gravação, digitação e correção dos contos e poemas ...	103
3.7.2 Primeiro contador de histórias	104
3.7.3 Segundo contador de histórias	115
3.7.4 2ª parte: Atividades de escuta, gravação, digitação e correção dos causos narrados	120
3.7.5 Terceiro contador de histórias	121
3.7.6 Quarto contador de histórias.....	127
3.7.7 Quinto contador de histórias.....	135
3.8 Módulo VI – Análise do livro <i>23 histórias de um viajante</i> (2014), de Mariana Colasanti	139
3.9. Módulo VII – Produção de contos pelos alunos com temas livres relacionados ao universo fantástico/maravilhoso.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
Referências Bibliográficas:.....	167
Referências webgráficas:	169

INTRODUÇÃO

O escritor uruguaio Eduardo Galeano começa assim um de seus causos publicados em *O livro dos abraços*: “Nas fogueiras de Paysandu, Mellado Iturria conta causos. Conta acontecidos. Os acontecidos aconteceram alguma vez, ou quase aconteceram, ou não aconteceram nunca, mas têm uma coisa de bom: acontecem cada vez que são contados” (GALEANO, 2009, p. 64). Isso talvez explique a importância das narrativas orais e sua longa trajetória na história da humanidade, reinventando-as, usando-as para emocionar as pessoas, fazendo-as sonhar e viajar por culturas, estações e países/lugares imagináveis ou inimagináveis, e é por esses e tantos outros motivos que a contação de histórias é uma atividade que sempre permeou a vida social das pessoas, mas atualmente, com tantas mídias e tecnologias cercando e afetando o cotidiano dos indivíduos, esta importante atividade de fruição tem o seu formato tradicional fortemente alterado quando ocorre nos centros urbanos principalmente. Ela porém ainda permanece quase inalterada em algumas poucas comunidades isoladas, distantes de tanto aparato tecnológico.

Para os Yanomami, a importância e a função da narração oral ficam claras nesta fala do cacique Davi Kopenawa Yanomami, “uma história do tempo de agora, mas vinda de um tempo mítico” (BUSSATO, 2013, p. 10):

Os brancos desenham suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo, e continuamos passando-as para os nossos filhos. As crianças, que não sabem nada dos espíritos, escutam os cantos dos xamãs, e depois querem ver os espíritos por sua vez. É assim que, apesar de muito antigas, as palavras dos xapiripë¹ sempre voltam a ser novas. São elas que aumentam nossos pensamentos. São elas que nos fazem ver e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar. Deste modo, quem não bebe o sopro dos espíritos tem o pensamento curto e enfumaçado; quem não é olhado pelos xapiripë não sonha, só dorme como um machado no chão. (BUSSATO, 2013, pp. 10-11)

Seria esse o motivo de termos perdido nossa fé nos mitos? Nossa capacidade de sonhar? Nossa ligação com o sagrado? Vivemos a era da modernidade. Desenhamos palavras em tantos aparatos e suportes que esse trabalho seria pouco

¹ Os xapiripë são espíritos, imagens xamânicas (utupë) vistas pelos pajés sob a forma de miniaturas humanoides enfeitadas de ornamentos cerimoniais coloridos e brilhantes. <http://www.socioambiental.org/pib/epi/yanomamis/espíritos.shtml> - abril, 2004. (BUSATTO, 2013, p. 11)

para uma lista tão extensa. De vez em quando, porém, sentimos uma angústia, uma ansiedade, uma necessidade de nos conectarmos com essa oralidade e, mesmo sem conhecê-los ou saber que existam, de nos ligarmos a esses espíritos xamânicos. No entanto, nossa conexão, na maioria das vezes, é outra, sobressaindo-se o e-mail que temos de enviar, o telefonema que não pode ficar para amanhã, a pesquisa na internet que grita para ser feita, entre inúmeros outros motivos que fazem com que nosso tempo voe e não nos permita sequer sentir a natureza, sentir a Mãe Terra dando-nos energia, revitalizando nosso ser, ligando-nos à essência das coisas, ao passado, à vida.

A tradicional narrativa em volta da fogueira, ao pé da cama, ou mesmo no terreiro de casa, tendo as estrelas como cobertura, encontra na televisão e na tela do computador seus suportes mais utilizados na atualidade. Perde-se, com isso, o contato direto, o olho no olho, a modificação do tom de voz ou a alteração na expressão corporal em decorrência dessa ou daquela reação dos participantes da atividade e coautores da história, mas ganha-se um adicional tecnológico, uma música, sons de monstros, carruagens, cavalos, inserção de imagens... possibilitando ao contador, em muitos casos, tornar a história mais viva, mais emocionante e até mesmo, mais convincente.

Por outro lado, essa prática que quase desapareceu de nosso meio e que se dá de forma isolada nesse ou naquele ambiente, pode ter seu regresso na escola. Desse modo e levando-se em conta o momento em que vivemos de poucas atividades de leitura por parte de nossos alunos devido a uma série de fatores, percebemos a necessidade de trabalhar com a experiência da contação de histórias tradicionais por contadores da comunidade, em conjunto com a fruição literária de narrações que tenham um cunho fantástico ou maravilhoso, sem a preocupação, especialmente em relação à literatura oral, de transformá-la em algo que vise a um fim pedagógico ou didático, já que “a ‘palavra’ do contador de histórias tem sido utilizada em muitas escolas de Ensino Fundamental como mais um recurso didático para ensinar alguma coisa, uma vez que, proposto como um prazer gratuito, o conto parece não encontrar espaço no ambiente escolar”. (MATOS, 2014, p. 134-135).

A preocupação em não didatizar essa palavra deve-se ao fato de que “educar é semear os grãos e a educação se faz a longo prazo” (HELD, apud MATOS, 2014, p. 136), sendo então necessário plantar a semente hoje para colher no amanhã, germinada na mente dos alunos que tiverem contato com essa palavra encantadora,

pois, “quando levamos à criança os conhecimentos exatos, pode-se, por um exercício de avaliação, medi-los, mas a formação de sua personalidade profunda não se pode medir”. (HELD, apud MATOS, 2014, p. 136).

A mescla da literatura oral com a literatura escrita visa levar o aluno a tomar gosto pela leitura, em especial, pela leitura literária, pouco apreciada em nossa sociedade altamente tecnológica pois, como se sabe, a leitura no Brasil não vai bem, bastando, para concluir isso, realizar uma observação à nossa volta para vermos poucas pessoas lendo algum livro ou algum texto, vê-los lendo textos literários em seu dia a dia, então, é mais raro ainda.

Esses raros momentos de leitura, no entanto, não são percebidos apenas nos alunos ou pessoas vistas aleatoriamente em diversos lugares da cidade, também nas salas de professores em diversas escolas raramente se percebe algum professor desfrutando prazerosamente da leitura de livros ou de textos que não sejam aqueles ligados à sua disciplina e o resultado é a ampliação desse desinteresse para os alunos, pois é difícil fazê-los esquecer o celular, o bate-papo, as intriguinhas de suas redes de contato e convencê-los a se concentrar em leituras, mesmo as obrigatórias como as explicativas expostas nos livros didáticos. Não se ensina aquilo que não se sabe ou não se pratica e, embora a maioria dos professores acredite que a fase de sermos espelhos para nossos alunos tenha passado, ainda é o professor que lhes serve de exemplo e de modelo e, se este não os incentivar, não os convencer por meio de atitudes positivas e profícuas a respeito de suas próprias leituras e descobertas por intermédio delas, tampouco os alunos irão se interessar em se tornar um leitor voraz e eficiente.

Esse fenômeno, que é mais facilmente observado na escola pelo constante contato direto entre alunos e professores, também é de fácil percepção em diversos outros ambientes. Em rodoviárias e aeroportos, por exemplo, é raríssimo encontrar alguém que não tenha como única e constante companhia um celular conectado a uma rede social ou mesmo desfrutando do celular para ouvir músicas ou jogar, sendo algo raro a visão de alguém com um livro nas mãos se deleitando pelo prazer oferecido por uma boa leitura e pela viagem que a literatura traz, talvez metaforizada neste ambiente como uma viagem dentro da outra.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tenciona buscar respostas e apontar caminhos a fim de sanar tais dificuldades enfrentadas pelas nossas escolas, cujo corpus de implantação foi a 3ª Fase do 3º Ciclo, tendo como campo empírico a Escola

Estadual 12 de Abril, no Município de Terra Nova do Norte-MT. Seu desenvolvimento ocorreu em forma de Sequência Didática, denominada em algumas partes desse trabalho apenas pelas iniciais SD, desenvolvida durante praticamente todo o ano letivo de 2014, cujos resultados fazem parte do capítulo 3 deste trabalho, em relato elaborado logo após a realização das atividades e a análise dos dados coletados, das respostas obtidas junto aos alunos e das escutas de narrativas orais realizadas por contadores tradicionais moradores do município de Terra Nova do Norte-MT.

Desse modo, o presente trabalho tencionava também sensibilizar os estudantes para que adquirissem o gosto pela leitura dentro e fora do seu contexto escolar, auxiliando na formação de alunos leitores e autores de narrativas, com o auxílio das TIC e das mídias à disposição da escola. Além disso, houve a constante preocupação em se envolver o aluno, transformando todo o seu protagonismo juvenil em ações proativas, dando-lhe a consciência de que ele é um dos sujeitos-autores e está diretamente ligado à pesquisa, possibilitando a ele receber as narrativas orais dos moradores mais antigos da cidade, participar das histórias como coautores e, mais que isso, reescrever essas histórias de modo a publicá-las e a disseminá-las em muitos outros suportes como sites, rádio escola, blogs, entre outros e tem como objetivo principal desenvolver o trajeto da contação de histórias na sociedade ao longo da produção oral, partindo, por meio de sequência didática e pesquisa bibliográfica dos suportes, mídias e tecnologias contemporâneas, até chegar a sua origem, aos contadores tradicionais, demonstrando a sua importância na atualidade, a fim de propiciar aos alunos momentos de escuta tradicional da comunidade e, a partir dessa ação, criar espaços virtuais para que as narrativas contadas na forma tradicional ganhem em dimensão no ciberespaço, com o desenvolvimento de site para esse fim, bem como com a utilização de canais no Youtube.

Por fim, percebe-se que toda essa compreensão de construção, desenvolvimento e contação de histórias provenientes dos narradores tradicionais, dos filmes *Em busca da Terra do Nunca* e *O segredo de Neverwas*, do romance *Peter e Wendy*, de J. M. Barrie e dos contos de Marina Colasanti analisados em sala de aula, enfim, da fruição literária que se desejou obter com todas estas atividades, despertou no aluno o interesse em produzir seus próprios contos maravilhosos ou fantásticos, para expô-los em murais e na web para deleite e apreciação dos futuros leitores, lado a lado com as histórias colhidas na grande árvore do conhecimento dos sábios narradores das comunidades locais.

1 SOBRE LETRAMENTOS LITERÁRIOS E OUTROS LETRAMENTOS

É cada vez maior a necessidade de a escola trabalhar de forma coerente e sistematizada o letramento, definido por Soares (2009, p. 18) como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. A autora salienta ainda ser esse “o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita”. Para Kleiman (2005, p. 10) “o letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita”. Tal ação, portanto, implica o uso da língua escrita nos diversos eventos de letramentos sociais em que o aluno participa nos seus contatos com a sociedade, ou seja, através dos conhecimentos adquiridos, o indivíduo se torna capaz ou consegue transitar com mais segurança em suas atividades diárias como comprar, vender, relacionar-se com amigos e familiares, usar meios de transporte, enfim, consegue participar mais e melhor em suas interações nessa sociedade plural, que a cada momento se torna mais complexa e mais dinâmica. Para entender melhor esses eventos de letramento (que fora da escola são essencialmente colaborativos), basta observar como se comportam pessoas letradas e não letradas, pessoas alfabetizadas e analfabetas ou alfabetas funcionais – eliminando-se as possíveis exceções.

Uma contação de histórias junto à família, ou envolvendo membros da sociedade, para Kleiman (2005, p. 35) constitui um evento de letramento pois, segundo suas concepções, o aluno associa essa ação à diversão, à distração, ao lazer, enfim, ao prazer estético da fruição literária que a boa leitura de um livro pode proporcionar e, é por isso que deve haver um entendimento na escola de que é preciso munir os estudantes para participar de leituras de mundo cada vez mais desafiadoras, que vão muito além do domínio de competências de leitura e de escrita, recorrendo, para tanto, às práticas de atividades prolongadas como as que acontecem com as sequências didáticas, por exemplo.

Kleiman (2007, p. 414) menciona que “uma representação habitual do professor é a de mediador”, o senso comum, no entanto, deu conta de realizar um apagamento dos “sentidos originais do conceito, e este perdeu a sua função original de atuar na mediação semiótica da aprendizagem”. Nas falas de (Vygotsky [1930]1984), o mediador passou a ser visto simplesmente como “aquele que está no meio, aquele

que medeia, por exemplo, a interação entre autor e leitor, arbitrando sobre significados e interpretações”. É neste sentido que a autora defende uma outra representação para o educador/mediador, deixando este de ser uma ponte (aluno/texto – aluno/autor), passando a adquirir o *status* “de agente de letramento (KLEIMAN, 2006, apud KLEIMAN 2007, p. 414), cujas associações metonímicas com o conceito de agente (humano) trazem à mente a ideia de fazer coisas”. A autora afirma ainda, complementando a ideia de “coisas”, que “um agente se engaja em ações autônomas de uma atividade determinada e é responsável por sua ação, em contraposição ao paciente, recipiente ou objeto, ou ao sujeito coagido”. (KLEIMAN, 2007, p. 414). Essa é uma guinada muito grande na educação e pode-se afirmar ser este um caminho certo e seguro para a melhoria da qualidade do ensino, já que o aluno deixa de ser um mero coadjuvante e passa a desempenhar o papel de protagonista da aprendizagem, quiçá, de sua própria história, passando o professor também de “mero mediador” a “provocador” de conhecimentos, de aprendizagens e de reflexões profundas.

Para que o educador se torne agente de letramento e colabore para que seus alunos se tornem estudantes-pesquisadores, sujeitos ativos e letrados, o caminho mais interessante que se vislumbra é o trabalho com a pedagogia de projetos ou com atividades envolvidas em uma sequência didática, pois assim o professor pode deixar de ser um (re)transmissor de conhecimento, com respostas prontas e passar a buscar, juntamente com seus alunos, soluções criativas para os fenômenos que lhes são apresentados no dia a dia, por meio de pesquisas e trabalhos árduos visando ao conhecimento profundo e significativo.

Já na introdução do livro *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* (2005), há uma importantíssima contribuição da pesquisadora Angela B. Kleiman, para o conceito de letramento quando ela enfatiza ser esta uma prática do uso da língua escrita na sociedade, permitindo com que o sujeito interaja bem e melhor com o contexto em que ele está inserido ou que se lhe apresenta. Para a autora “quando se ensina uma criança, um jovem ou um adulto a ler e a escrever, esse aprendiz está conhecendo as práticas de letramento da sociedade; está ‘em processo’ de letramento.” (KLEIMAN, 2005, p. 5).

Uma crítica que a autora faz sobre a prática do letramento escolar para aquisição da escrita é que ela é essencialmente individualizada, indo na contramão do que acontece em outras instituições e organizações sociais, cujas ações,

chamadas de eventos de letramento, ocorrem de maneira colaborativa. Para ela, quanto mais as práticas de letramentos escolares se aproximarem das práticas de letramentos sociais, mais ganho o aluno terá nas suas atividades escolares de aquisição da leitura, da escrita, de conhecimentos importantes para a sua vida, pois assim elas estarão ligadas às capacidades, desempenhos e saberes que lhe são comuns, que ele já domina e conhece por conta de sua prática social. (KLEIMAN, 2005, p. 22-23).

As práticas sociais de letramento são contextualizadas e nelas estão envolvidos saberes, ações, conhecimentos e variam de situação para situação em atividades públicas envolvendo a língua escrita. Já as práticas de letramento escolar são isoladas, são descontextualizadas, são fechadas em si mesmas, ou seja, as atividades com nada ou quase nada se comunicam. Tratam os indivíduos de maneira semelhante, sem situá-los no tempo e no espaço, independentemente se eles advêm de uma cultura letrada ou não, se eles fazem parte de uma comunidade que está em relação constante com as práticas sociais de letramento ou se é uma comunidade isolada, com poucas ou quase nada de práticas escritas à sua volta. Isso aos poucos vai mudando nas escolas, seja por imposição de projetos vindos “de cima para baixo”, organizados pelos órgãos oficiais, seja por iniciativa desse ou daquele professor que vai “contaminando” outros, seja pela troca de experiências em programas e projetos de formação continuada ou mesmo discussões na sala de educador das escolas públicas.

O ensino deve priorizar o protagonismo juvenil e, para tanto, o professor, na função de agente letrador, deve ser “um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e de suas redes comunicativas para que participem das práticas de uso da escrita situadas nas diversas instituições” (KLEIMAN, 2005, p. 54), havendo entre escrita e oralidade uma relação de continuidade, não de oposição, como explicita a autora.

Com o passar do tempo, os pesquisadores viram que era preciso ampliar os conceitos e as denominações de letramento, buscando novos horizontes na tentativa de englobar os letramentos que surgiram na sociedade, especialmente com o advento e a inserção cada vez maior das TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação), que influenciam a vida das pessoas e interferem no seu contato social, principalmente dos mais jovens, cada vez mais conectados com o mundo. Desse modo, a diversidade cultural, os costumes e a diversidade de linguagens presentes nesse novo contexto

fizeram surgir no e para o ambiente escolar a pedagogia dos multiletramentos. Segundo Rojo (2013) essa nova prática tem por base as discussões do Grupo de Nova Londres (GNL) que, após uma semana de discussões em um colóquio, publicou, em 1996, “um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos Multiletramentos – Desenhando Futuros Sociais”).

Nesse documento, havia a preocupação e a afirmação do grupo de que a escola tomasse “a seu cargo [...] os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte [...] devidos às novas TIC”, porém, não eram somente as TIC que constavam das preocupações desse grupo, mas também “de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade” (ROJO, 2013, p. 12).

Por isso Rojo (2013, p. 11) lança algumas perguntas para reflexão: “Por que abordar a diversidade cultural e a diversidade de linguagens na escola? Há lugar na escola para o plurilinguismo, para a multisssemiose e para uma abordagem pluralista das culturas?” Por fim a autora questiona o porquê de se “propor uma pedagogia dos multiletramentos” na escola.

Como se percebe, estamos rodeados de múltiplas linguagens que o conceito de letramentos (múltiplos) não dá conta de acompanhar, já que esse, como acrescenta Rojo (2013, p. 13) “não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral”. A autora complementa essa informação mencionando que isso

tem sido chamado de multimodalidade ou multisssemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar. (ROJO, 2013, p. 19)

Mas a escola pública está conseguindo implementar tudo isso? Esses conceitos e essa diversidade de textos compostos de tão distintas linguagens? Na medida do possível está, pois em inúmeros casos ela consegue envolver boa parte dos alunos, possibilitando-lhes o contato direto com toda essa diversidade e percebe-se que o aluno, devido ao fato de ser um “nativo digital”, apresenta facilidade em trabalhar com todas essas questões, tendo muitos apenas a dificuldade em trabalhar como os conceitos, que para eles parecem complicados em

demasia. Como a escola pública precisa abarcar todos os alunos, sem distinção, as práticas de leitura e produção nem sempre conseguem atingir os objetivos propostos devido a uma série de razões e de problemas que vêm desde a alfabetização destes estudantes e que suas discussões e aprofundamento não cabem no presente trabalho. O problema pode ser resolvido com um bom planejamento e mistura entre oralidade e escrita nas aulas de língua portuguesa, por exemplo.

Além dos diversos letramentos e multiletramentos mencionados anteriormente, existem, ainda, os diferentes tipos de letramento sugeridos por Fajardo e Orteni (2010). Segundo as autoras, “para se obter sucesso no século 21, alunos também precisam ter proficiência na ciência, tecnologia, e cultura, assim como adquirir uma maior compreensão de informação em todas as suas formas” (FAJARDO & ORTENZI, 2010). Para atingir esse patamar, o artigo menciona que, na “Era do Letramento Digital” devem ser incluídos os seguintes: Letramento Básico, Letramento Científico, Letramento Econômico, Letramento Tecnológico, Letramento Visual, Letramento de Informação e Midiático, Letramento Multicultural e o Letramento de Consciência Global.

Outro letramento que é tido como muito importante, pois é dotado de um poder humanizador, que possibilita ao leitor, em contato com a obra, modificar-se e, identificando-se com o outro, com culturas diversas e com cenários diferentes, tornar-se mais sensato, mais justo, mais digno e humano, é o chamado Letramento Literário, cuja base neste trabalho se sustenta no autor Rildo Cosson.

Para entender melhor a importância da literatura nos letramentos e multiletramentos, pode-se recorrer a Compagnon, quando este salienta que:

Lemos, mesmo se ler não é indispensável para viver, porque a vida é mais cômoda, mais clara, mais ampla para aqueles que leem que para aqueles que não leem. Primeiramente, em um sentido bastante simples, viver é mais fácil [...] para aqueles que sabem ler, não somente as informações, os manuais de instrução, as receitas médicas, os jornais e as cédulas de voto, mas também a literatura. Além disso, supôs-se por muito tempo que a cultura literária tornasse o homem melhor e lhe desse uma vida melhor. Francis Bacon disse tudo: “A leitura torna o homem completo, a conversação torna o homem alerta e a escrita torna o homem preciso. Eis porque, se o homem escreve pouco, deve ter uma boa memória; se fala pouco, deve ter a mente alerta; e se lê pouco, deve ter muita malícia para parecer que sabe o que não sabe”. (COMPAGNON, 2009, p. 29)

A sabedoria, por assim dizer, está nos livros, nos diversos conhecimentos que

ele transmite, e com o livro literário não é diferente; embora ele não tenha por objetivo ensinar, acaba por fazê-lo de forma indireta, pois a partir da leitura adquire-se vocabulário novo, cultura diferente, embasamento para discussões, conhecimento de mundo, científico e literário... Sem a leitura, o ser humano está fadado ao discurso repetitivo, maçante, cansativo, sem ampliação de seus horizontes.

Rildo Cosson, na obra *Letramento Literário: Teoria e Prática* (2012, p. 11), ao apresentar sua tese esclarece que escolheu “denominar a proposta de letramento literário para assinalar sua inserção em uma concepção maior de uso da escrita, uma concepção que fosse além das práticas escolares usuais”. Ainda segundo o autor, esta obra traz várias propostas de algumas práticas do pesquisador e de colaboradores, para o trabalho com literatura na educação básica, partindo de pressupostos teóricos e, talvez tão ou mais importante que isso, de atividades em forma de sequências didáticas, cujos modelos são expostos na obra, não para serem seguidos à risca, mas sim para servirem de base, afinal, ter como espelho uma experiência exitosa ajuda e muito na tomada de decisão de investir em sequências desta natureza e na atitude proativa do professor na tentativa de mudar seus conceitos e sua prática com relação ao trabalho literário em sala de aula e na possibilidade de oferecer ao aluno meios para uma melhor fruição da obra literária, adquirida após a leitura quando há o entendimento, quando há a interação entre leitor e texto.

Cosson (2012, p. 17) deixa clara a importância do letramento literário ao comentar sobre a primazia da escrita, “porque é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço. A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano.”

E por que a literatura liberta? Por que se tem de buscar no outro um conhecimento que determinado homem ignora? Simplesmente porque “a realização de si, julgava Proust, acontece não na vida mundana, mas pela literatura, não somente para o escritor que se consagra a ela inteiramente, mas também para o leitor que ela emociona durante o tempo em que ele se dá a ela” (PROUST, 2002 apud COMPAGNON, 2009, p. 21). A contação de história, obviamente, faz parte deste letramento literário. Esse ouvir o outro, a busca pelo conhecimento e pelo pensamento alheio motiva e provoca fruição, pois, “somente pela arte, continuava Proust, podemos sair de nós mesmos, saber o que enxerga outra pessoa desse universo que não é

igual ao nosso, e cujas paisagens permaneceriam tão ignoradas de nós como as por acaso existentes na lua.” (PROUST, 2002 apud COMPAGNON, 2009, p. 21).

Porém, “como arte da palavra”, segundo Matos, “a arte do contador de histórias é diferente [...] da arte do escritor, frequentemente chamado também de contador de histórias”. (MATOS, 2014, p. 101). A autora saliente que “a primeira grande diferença é que o corpo do escritor está ausente no momento da relação com o leitor e, no caso do livro, que por natureza é um objeto permanente, o que ele diz é definitivo”. Abrir esse parêntesis é relevante neste momento, pois a defesa de um ponto de vista, de mencionar ou mensurar a importância do contador de histórias em relação ao escritor, como faz a autora, depende muito dos seus objetivos e daquilo em que acredita. Matos ainda defende que, “mesmo que o escritor tenha um grande talento para contar histórias, quando ele escreve ‘conta’ apenas no sentido figurado. Seu trabalho, indireto, leva em conta condições diferentes”. E esclarece ainda que, “para o contador, a relação com o ouvinte é direta e imediata. Ambos estão presentes no mesmo lugar e compartilham a produção narrativa no mesmo instante em que ela se dá, ou seja, na situação de *performance* da poesia oral”. (MATOS, 2014, p. 101). Com o livro em mãos, o “diálogo” do leitor com o autor acontece de forma indireta e à distância.

1.1 A LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

Resultados de provas como o ENEM e até mesmo da Prova Brasil nos dão conta de que a escola apresenta falhas na sua tarefa primeira que é a de trabalhar de maneira criativa, prazerosa e produtiva a leitura em sala de aula e o reflexo da diminuição dessa prática em ambiente escolar gera a baixa capacidade de interpretação e análise apresentadas pela maioria dos estudantes. Alunos de maneira geral dizem não gostar de ler, que é entediante, difícil, sendo essa uma atividade demorada e “de pouco retorno”. Há de se levar em conta, entretanto, que ler não é uma das tarefas mais fáceis, seja esta realizada na escola ou fora dela e o uso da expressão “ler por prazer”, analisada friamente, soa até como um paradoxo. Criticamos nossos alunos, mas quantas vezes adiamos a leitura de um livro por considerá-lo grosso ou denso demais?

Mas afinal, o que é ler? Baseando-se em Cosson (2014, p. 35-36) temos que,

[...] em uma primeira e fundamental aproximação, podemos dizer que ler é produzir sentidos por meio de um diálogo, uma conversa. [...]

Numa segunda aproximação, ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros. [...] Numa terceira aproximação, ler é um diálogo com o passado que cria vínculos, estabelece laços entre leitor e o mundo e os outros leitores.

A escola necessita, mesmo não sendo esta uma tarefa fácil, levar o aluno a atingir esse patamar, a dialogar, a estabelecer vínculos, a se desvencilhar de seu universo, a experienciar e a saber que “o presente é todo o passado e todo o futuro²”. Assim, “quando a escola falha nesse compartilhamento, no processo da leitura, na função de nos tornar leitores, falha em tudo o mais, pois não há conhecimento sem leitura, sem a mediação da palavra e da sua interpretação, da leitura, enfim”. (COSSON, 2014, p. 36).

Um dos grandes erros que se comete na escola é perguntar ao aluno “o que quis dizer o autor?” Ainda segundo Cosson (2014, 37-38) “ler não é buscar o que disse ou quis dizer o autor, mas sim revelar o que está no texto”, ler as entrelinhas, interligá-lo ao conhecimento de mundo do leitor, fazer inferências, compreender metáforas e tantas outras figuras de linguagens presentes em seu bojo, enfim, ler é buscar o que disse o texto, decodificá-lo, decifrá-lo, conhecer sua estrutura, seus atalhos, suas artimanhas e suas armadilhas.

Essa crise na leitura, porém, não é um fenômeno exclusivo das escolas de educação básica brasileiras, mas vem ocorrendo em diversas partes do mundo, também não é exclusividade da educação básica, mas é nela que o jovem começa a perder o interesse pela leitura literária, ou mesmo por qualquer outra leitura, como visto anteriormente. Para Compagnon (apud Perrone-Moises, 2006, p. 17)

A presença da literatura no mundo não cessa de se reduzir, como uma pele de onagro; os estudantes que chegam aos cursos de letras na universidade não são mais leitores apaixonados; não sabem – como se ninguém os tivesse informado disso – que o estudo das letras passa pela prática assídua da leitura.

No Brasil, segundo Perrone-Moisés, (2006, p. 17) “é comum e generalizada a queixa dos professores universitários de que os alunos ingressantes nos cursos de graduação em Letras não gostam de ler” e que, segundo ela, como todos sabem, “a raiz do problema está nos cursos básico e secundário, nos quais os alunos deveriam

² Ode triunfal, Álvaro de Campos. In: PESSOA, Fernando. **Poemas de Álvaro de Campos: Obra poética IV**. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 44-53.

adquirir as competências mínimas exigidas para a leitura e a escrita”. Esse “estado calamitoso” do ensino básico e secundário brasileiro é “tristemente comprovado pelos resultados dos estudantes brasileiros em provas de âmbito nacional e internacional. E não apenas no que tange à linguagem verbal” (PERRONE-MOISÉS, (2006, p. 18). Mais uma vez a culpa maior recai sobre a educação básica, mas infelizmente é nessa etapa de ensino que o problema vai tomando forma e força.

Quanto a essa decadência da leitura iniciada especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental, recorremos aos escritos de Colomer (2009, p. 126) sobre pesquisa realizada na Espanha, mas que não difere daquilo que acontece no Brasil ou em muitos outros países, dando-nos conta de que

[...] a biblioteca escolar é uma atividade bastante extensa no primário, mas escassa no secundário. [...] Estudos recentes sobre hábitos leitores na Espanha mostram que as crianças leem cada vez mais ao longo do primário, enquanto seu ritmo de leitura decresce durante o secundário. Assim, por exemplo, se aos oito anos 60,4% das crianças leem uma vez por dia ou muitas vezes por semana, aos dezesseis só 20% o fazem. Ou se aos nove anos 49,7% afirmam que leem mais de quinze livros ao longo do curso escolar, aos dezesseis apenas o fazem escassos 2,1%, enquanto que 64,2% leem menos de cinco livros por ano nessa idade. No mesmo sentido, os estudos qualitativos revelam que a lembrança positiva da leitura durante a etapa primária é muito frequente entre os jovens entrevistados.

Esse rareamento na leitura iniciado nos anos finais do Ensino Fundamental e largamente intensificado no Ensino Médio talvez se deva à falta de projetos de leitura, a cobranças mais enfáticas por parte de todos os professores da escola (afinal a falta de leitura e de interpretação afeta a todas as áreas do conhecimento, sem distinção), à gradativa profundidade e complexidade das leituras e ao fato de serem muitos professores passando pela turma para lecionar nas diversas disciplinas oferecidas, fato que não ocorre no Ensino Fundamental inicial, quando se trabalha com a unidocência e os livros são menos densos e mais atrativos, pelo menos visualmente.

Para tentar resolver ou amenizar tais problemas de leitura na escola, Colomer (2009, p. 116) cita o exemplo de Barbara Kiefer que, em sua larga experiência e em suas múltiplas observações em turmas do primário sinalizou que “a competência literária dos alunos melhorava se os professores organizavam”, de maneira diferenciada, os contextos de trabalho na sala de aula, tendo como exemplos a implantação de “projetos ou unidades prolongadas de trabalho”, como acontece com as famosas sequências didáticas tão em voga no Brasil nos dias de hoje, “leituras em

várias ocasiões a cada dia, releitura das obras, atividades de respostas criativas, um tempo de leitura individual”, pois, segundo a autora, “a leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e de livre escolha é imprescindível para o desenvolvimento das competências leitoras” (COLOMER, 2009, p. 125). Outros pontos importantes sinalizados pela pesquisadora são: “estímulo às recomendações mútuas, um bom acervo de livros e intervenções do professor, com perguntas e comentários que estimulem” o jovem leitor, sendo necessários para que ele aprenda a “prestar atenção aos detalhes e sentimentos suscitados”, bem como para “observar e apreciar as obras, de modo que as interpretações” fluam “entre as crianças” (COLOMER, 2009, p. 116).

Por outro lado, e apesar da necessidade desse momento de leitura individual na escola, Colomer (2009, p. 139) conclui que a leitura é uma tarefa social, ou seja,

a criança que lê um livro o faz no seio de sua família, na aula ou na biblioteca, comentando-o com os adultos e com outras crianças leitoras, imersas em múltiplos sistemas ficcionais e artísticos que formam competências e conhecimentos que podem passar para a sua leitura. A aprendizagem da literatura realiza-se, assim, em meio a um grande desenvolvimento social de construção compartilhada do significado.

Sendo assim, o projeto de leitura prolongado que se pretende deve visar a momentos de leituras individuais e coletivas tanto na escola quanto em atividades extraclasse, especialmente realizadas no seio da família e disponibilidade do professor em atender a seus alunos nas possíveis dúvidas que venham a ter e nas intervenções pontuais, elaborando questões criativas, profundas e significativas para o desenvolvimento da competência leitora de seus alunos.

É triste constatar na leitura do livro *Literatura pra quê?*, de Antoine Compagnon, que a “leitura adolescente, julgada entediante porque requer longos momentos de solidão imóvel, não mais está assegurada” (COMPAGNON, 2009, p. 22). Percebe-se que “o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa [...] onde as páginas literárias se estiolam; nos lazeres, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros” (COMPAGNON, 2009, p. 21). Porém, mesmo que, “para a atual sociedade de consumo, contar histórias pode ser interpretado como perda de tempo”, bastando, para constatar o fato, apenas observar as pessoas e perceber “a pouca paciência que se tem para ouvir o outro [...]”.

(BUSATTO, 2013, p. 20) e sabendo-se que se vive “num tempo em que somos envolvidos por vários apelos transitórios e superficiais, e a sensação que paira nesse ar amorfo é de que dar profundidade às coisas representa perder tempo” (BUSATTO, 2013, p. 60), bem como nas palavras de Jean Baudrillard afirmando que este é o mundo contemporâneo, feito de aparência e simulacros” (BAUDRILLARD, 1991 apud BUSATTO, 2013, p. 61).

Baudrillard recorre, no início de seu livro *Simulacros e simulações* (1991, p. 7) à fábula de Borges³ como sendo a “mais bela alegoria da simulação”, na qual “os cartógrafos do Império desenham um mapa tão detalhado que acaba por cobrir exatamente o território (mas o declínio do Império assiste ao lento esfarrapar deste mapa e à sua ruína[...], confundindo-se assim com o real ao envelhecer. O autor afirma ainda que “esta fábula está terminada para nós”, pois nos dias de hoje “a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real”. Não há, portanto, mais a realidade, mas apenas sua representação, baseada em um modelo sem origem, por isso não precisa necessariamente “ser racional, pois já não se compara com nenhuma instância, ideal ou negativa”, eliminando-se qualquer referencial (BAUDRILLARD 1991, p. 8). Ainda segundo Baudrillard (1991, p. 103) “estamos num universo em que existem cada vez mais informação e cada vez menos sentido”. Para tanto, ele cita três hipóteses possíveis:

Ou a informação produz sentido [...] mas não consegue compensar a perda brutal de significado em todos os domínios [...]. Ou a informação não tem nada a ver com o significado. É outra coisa, um modelo operacional de outro tipo, exterior ao sentido e à circulação do sentido propriamente dito [...]. Ou então, pelo contrário, existe correlação rigorosa e necessária entre os dois, na medida em que a informação é diretamente destruidora ou neutralizadora do sentido e do significado. (BAUDRILLARD 1991, p. 103-104).

Existe, portanto, a informação em grande escala, mas ela nem sempre é

³ ...Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império, que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele. Menos Afeitas ao Estudo da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas. In: BORGES, Jorge Luis. **O fazedor**. São Paulo: Globo, 2000.

compreendida, nem sempre atende ao que se procura ou o que se espera dela e ainda há o problema da falta de opção do que se fazer com tal informação, especialmente aquelas disponibilizadas na grande rede, com seus links, hipertextos e redes de ligações que deixam muitas pessoas perdidas. O não saber usar as informações disponíveis é o pior elemento de toda essa enorme rede de conhecimento que existe em nosso mundo contemporâneo, conectado e altamente informatizado.

Há de se ter, no entanto, pensamento positivo e crer que os estudantes não foram totalmente contaminados pelos aparatos tecnológicos que os cercam e que a literatura tem vez e voz nas escolas, junto aos alunos adolescentes, no seu contexto familiar e no seu contato com a comunidade, como aconteceu neste trabalho com os alunos coautores e participantes das atividades da sequência didática e que, em sua maioria, surpreenderam e demonstraram que ainda sabem ouvir o outro e se encantar com as narrativas orais dos contadores tradicionais da comunidade.

É preciso insistir no trabalho com a literatura, mostrando aos alunos sua grande importância, pois ela “desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais que os discursos filosófico, sociológico ou psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia” (COMPAGNON, 2009, p. 50). Precisa-se mexer com os alunos, com suas mentes, com suas emoções. É preciso sensibilizá-los, levá-los à compreensão, propiciar a eles o encontro com esse tipo de arte. Torna-se cada vez mais urgente levar os estudantes (e até mesmo muitos professores) à compreensão de que “a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo. Um ensaio de Montaigne, uma tragédia de Racine, um poema de Baudelaire, o romance de Proust nos ensinam mais sobre a vida do que longos tratados científicos” (COMPAGNON, 2009, p. 26).

Essa mesma emoção e envolvimento do leitor sugeridos por Compagnon para a fruição do texto literário escrito, por extensão serve também para o conto oral, já que neste há a presença de um jogo narrativo tal qual acontece naquele. Porém, a *performance* do contador de histórias passa por três categorias de imagens, nas palavras de Cléo Busatto (2013, p. 61-62): imagem sonora, imagem visual e imagem corporal [...]. E nesta era tão moderna, como ficam a narração, a memória do povo, a formação das imagens na mente de quem fala e como ela se forma na mente de quem ouve? Nesses termos, Busatto responde afirmando:

Se em outros tempos o imaginário era nutrido fundamentalmente pela

memória das experiências vividas, hoje vivemos com a indústria de imagens, cujas produções ofuscam a memória e nos confundem, a ponto de não sabermos se o que recordamos é o que vivemos, ou o que vimos, seja no cinema, na televisão, no *outdoor* ou numa publicação semanal. Se o afeto que nos toma foi vivido por nós, ou pelo outro da dramaturgia televisiva, ou num dos tantos programas que exploram as misérias humanas veiculados pelos meios de comunicação. Fica a impressão de que nos roubaram o tempo de significar por nós mesmos e decidir o que pode ser importante para nós. É o universo das “imagens enlatadas” de Durand, entorpecem os sentidos, inibem o julgamento de valor e paralisam o sujeito-consumidor-passivo, já que lhe é retirado o poder de escolha. (BUSATTO, 2013, p. 60)

Quando se ouve uma história, um poema, um caso, quando se lê um romance, um conto de fadas, um texto narrativo qualquer, o leitor/ouvinte cria em sua mente as imagens, vislumbra as personagens, desenha cenários, imagina ambientes. Quando se assiste a um filme, especialmente aquele baseado em romance, a mensagem já chega decodificada, a narração já foi interpretada por um roteirista, diretor ou grupo de idealizadores, os autores já foram escolhidos, os cenários montados, as vestimentas selecionadas tendo por base uma interpretação toda pessoal que nem sempre corresponde à expectativa do receptor da filmagem, ou seja, do sujeito-leitor do livro.

Por outro lado, a filmagem geralmente é ambientada no mesmo local mencionado pelo escritor ou pelo menos em espaço parecido com aquele e, assim, possibilita também a quem o assiste, viajar, conhecer culturas, lugares, povos, costumes, entre outros. Nesse sentido, o que aproxima o cinema da literatura? Para Sarmiento (2012, p. 6):

A arte cinematográfica tem como segunda natureza a vertente literária. Traz, a princípio, embutido o processo narrativo da literatura, mesmo que no sentido oposto, numa lógica contrária, posto que aquilo que na literatura é visado como efeito (a imagem); no cinema é dado como matéria narrativa. Relações, aproximações e influências são historicamente comprovadas.

Algo impossível de negar é o alcance do cinema, muito maior que o da literatura, já que ele popularizou a arte, democratizando o acesso a esse tipo de entretenimento. Pelo preço do livro e pela tão falada falta de tempo, opta-se pelos filmes que duram cerca de 2 horas em detrimento à boa leitura de uma obra literária, que demanda tempo, concentração e silêncio. Segundo Sarmiento (2012, p. 7), “o

cinema dominou e potencializou os efeitos da literatura na construção do imaginário coletivo do séc. XX, com recursos tecnológicos que cativaram massas de espectadores transpondo tempos e espaços, alcançando uma dimensão além do até então possível pela literatura”.

O desenvolvimento do trabalho com filmes, contação de histórias, contos fantásticos/maravilhosos de Marina Colasanti e produção de narrativas igualmente fantásticas/maravilhosas pelos alunos como partes integrantes da proposta de sequência didática inserida no corpo deste trabalho tem em vista a aproximação dessas artes e o que se busca, portanto, é a motivação que os filmes podem dar ao desenvolvimento das outras atividades da SD, pois, baseando-se ainda em Sarmiento (2012, p. 7) compreende-se que,

Ao contrário do que geralmente se pensa, o filme não matou a literatura, a transformou em aliada, fazendo dela sua principal fonte de inspiração, tendo assim, de forma inexorável, construído um devir entre essas duas linguagens numa dialética na qual transformações e construções estruturais foram mútuas e provocadas justamente por esta dialética.

Os filmes analisados no desenvolvimento dessa SD podem se constituir como exemplos disso; em *O segredo de Neverwas* tem-se uma história construída em torno de um conto de fadas infantil que influencia sobremaneira a vida da personagem Gabriel. Mesmo que não se encontre o livro para ler, o filme desperta no seu receptor o interesse e a vontade de conhecer a fundo sua história e descobrir seu universo mágico. Algo parecido se dá com o filme *Em busca da Terra do Nunca* que, de maneira magistral, narra o processo de criação da peça teatral *Peter Pan*, de J. M. Barrie, escrita e encenada em Londres no ano de 1903. Mesmo se preocupando em contar a história de Barrie e sua trajetória como autor, de certa maneira muito fantasiosa, o filme toca em pontos importantes da fabulosa história do livro *Peter e Wendy* (2012), instigando a quem o assiste a interessar-se em encontrar o livro, lê-lo e deliciar-se com as peripécias e aventuras daqueles meninos maravilhosos, dos seus seres fantásticos e suas fadas encantadoras.

1.2 A IMPORTÂNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Há uma infinidade de gêneros textuais que rodeiam e influenciam a vida das

peessoas todos os dias, deixam-nas tontas, levam-lhes às comunicações mais ativas nos meios sociais e a cada dia que passa novos gêneros invadem seu meio, as redes de relacionamento, as redes sociais, impossibilitando aos estudiosos fazer um levantamento preciso da quantidade e da diversidade existente. Só para citar alguns já levantados e sistematizados em estudos, temos: e-mail, carta, poema, crônica, conto, anedota, roteiro, teatro, resumo, anúncio, tirinhas, convite, carta, comunicado, artigo, lista...

Para Kock e Elias (2013, p. 101) a lista é infindável e existem em grande quantidade, mesmo porque são práticas sociocomunicativas e são, por isso, mecanismos dinâmicos, tendo assim, sua estrutura modificada neste ou naquele ponto, nesta ou naquela comunidade, fato que resulta em outros gêneros, novos gêneros textuais, atualizados e disseminados no convívio social.

Quanto a essa diversidade, Bakhtin salienta que

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas). E é também com os gêneros do discurso que relacionaremos as variadas formas de exposição científica e todos os modos literários (desde o ditado até o romance volumoso). (BAKHTIN, 1997, p. 279-280).

Neste sentido, nosso repertório de gêneros do discurso, sejam eles orais e/ou escritos, é bastante numeroso e, mesmo que desconheçamos por completo ou em parte a sua existência teórica, eles nos afetam e os usamos com segurança e destreza na prática, nas palavras de Bakhtin (1997, p. 302).

A isso, Kock e Elias (2013, p. 102) dão o nome de competência metagenérica, que possibilita aos indivíduos que o desenvolveram interagir de forma competente nas diversas práticas sociais, competências que, por um lado, orientam a produção de nossas práticas comunicativas e, por outro, orienta nossa compreensão sobre os gêneros textuais produzidos efetivamente.

Para Bazerman

Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, modos de ser. São *frames* para a ação social. São ambientes para a aprendizagem. São os lugares onde o sentido é construído. Os gêneros moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos. Gêneros são os lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros e são os modelos que utilizamos para explorar o não-familiar. (BAZERMAN, 2011, p. 23).

O professor, portanto, precisa diversificar o uso dos gêneros textuais na escola, despertando nos alunos habilidades e competências a fim de munir os alunos do letramento necessário para o uso otimizado de cada um deles nos meios sociais, nas suas diversas e infindáveis práticas de comunicação. Porém, diversificá-los não significa deixar em segundo plano ou ignorar o texto literário.

Para Cosson, (2014), “atualmente [...] a literatura parece não ter mais lugar no cotidiano das pessoas” haja vista o que mostram os resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, de 2012 que traz resultados alarmantes, dando conta de que “os brasileiros leem em média quatro livros por ano em contraste com 4,7 em pesquisa semelhante realizada em 2007. Computados os livros por inteiro, o número de livros cai para 2,1”. Nesse computo não entram somente livros literários, já que, ainda segundo a pesquisa, a maior parte dessa leitura é realizada principalmente na Bíblia, em livros didáticos ou livros que servem para instrução, quando se parte para os livros literários, apesar de serem pouco lidos, aí frequentemente surgem na preferência os best-sellers, os livros do momento que tanto atraem a juventude em especial.

Esses dados são interessantes para nos inteirarmos melhor do que os institutos de pesquisa entendem por leitor e não-leitor. Muitos acreditam que, no cômputo de livros lidos por ano aparecem apenas livros inteiros, mas não é bem assim. De acordo com o instituto Pró-Livro, responsável pela pesquisa, “leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses”, já o “não-leitor é aquele que não leu, nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12.”

A pesquisa mostra ainda que o livro didático é o tipo de leitura mais largamente utilizado pelos leitores brasileiros. Sobre ele e, mais precisamente a respeito dos textos nele contidos, temos informações que

O desaparecimento ou mais precisamente o estreitamento do espaço da literatura na escola pode ser comprovado por vários indícios

(Cosson, 2002). Um deles são os próprios livros didáticos que, se antes continham fragmentos de textos literários, hoje são constituídos por textos os mais diversos. [...] No melhor dos casos, os textos literários se perdem entre receitas culinárias, regulamentos, roteiros de viagem, fôlderes publicitários, bulas de remédio e textos jornalísticos que são esmagadora maioria.” (COSSON, 2014, p. 13).

Ainda, segundo Cosson (2014, p. 13), toda essa tendência segue “as teorias mais recentes de língua, as quais pressupõem que o leitor competente é formado por meio do contato com textos de uso social variado”. Por outro lado, afirma ainda que, pelo seu caráter artístico, os teóricos tendem a considerar que o texto literário “não apresenta a regularidade necessária para servir de modelo ou exemplo para o ensino da escrita, logo cedendo lugar a outros tipos de texto que apresentem tais características”.

Sendo assim, acreditamos que, com a elaboração e a implantação de projetos com metodologias inovadoras, os professores, e em especial os docentes de Língua Portuguesa, possam fazer com que seus alunos adquiram o gosto por outras leituras (fora do seu cotidiano ou contexto), auxiliando na formação de alunos leitores e, principalmente, autores de narrativas, tendo, para tanto, o auxílio das Tecnologias de Informação e Comunicação e das mídias à disposição de professores e alunos na escola.

1.3 AS MULTIMODALIDADES TEXTUAIS

Os gêneros nem sempre nos são apresentados em caixinhas, em um único molde, ou disponibilizado em um único suporte. Assim, o aluno tem de conviver com inúmeras possibilidades de espaços e de misturas textuais, tendo de dominar, entretanto, o gênero e o tipo predominante nos textos que o cercam.

Um aspecto importante mencionado no artigo “Produção, escrita e ensino: o texto como uma instância multimodal”, da professora Maria do Socorro Oliveira, é a multimodalidade do texto, especialmente das produções infantis e até juvenis, que trazem em si elementos verbais e não verbais, como a própria escrita, as ilustrações, o formato das letras, o desenho das palavras... Interessante notar também que o texto, antes de ser escrito, passa primeiro pela formatação na memória e isto está estritamente ligado aos aspectos orais do texto, o que acaba por passar para a escrita esses elementos típicos da oralidade, em outras palavras, esse processo de

transformação do “som em letra ou signos falados em escritos, o escrevente não consegue abandonar as convenções da oralidade” e em muitos casos, “apenas a transcreve, sem interferir nessa produção linguística”. (OLIVEIRA, 2005, p. 11).

O trabalho com a oralidade deve ser incentivado na escola a partir de falas de autoridades, programas de rádio, contação de histórias com contadores populares, receitas, etc. para que o aluno consiga compreender como se dá a organização da fala, da ocorrência de vícios de linguagem, da necessidade de reordenação ao retextualizar a fala na escrita. É importante salientar que a espontaneidade da oralidade é uma ação que, segundo a autora, é diferente da ação de ler um texto em voz alta, pois, desse modo, o texto lido “não pertence à língua oral e sim à escrita”. (OLIVEIRA, 2005, p. 12).

A autora deixa claro que é extremamente importante que o professor abandone sua postura de um simples avaliador das produções textuais para se tornar um competente leitor dos textos de autoria de seus alunos.

1.4 COMPETÊNCIA E HABILIDADES NO 3º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA

Perrenoud (2003, p. 6) questiona seu leitor ao perguntar se, “afinal, vai-se à escola para adquirir conhecimentos, ou para desenvolver competências?”. Segundo o autor, “essa pergunta oculta um mal-entendido e designa um verdadeiro dilema”. Para ele, o mal-entendido está simplesmente em se acreditar que, quando o professor leva seu aluno a desenvolver competência, ele deixa de transmitir conhecimentos. Porém, pode-se fazer outra questão: Se o sujeito não tem desenvolvida a competência e a habilidade do letramento, do convívio com os outros, do protagonismo, da autonomia, da prática de estudo e pesquisa, muito mais dificuldade ele terá para chegar ao conhecimento sistematizado. Nesse sentido Perrenoud apresenta um novo dilema, alertando que “para construir competências, esta precisa de tempo, que é parte do tempo necessário para distribuir o conhecimento profundo”. (PERRENOUD, 2003, p. 6).

Em uma primeira abordagem, Perrenoud (2003) afirma que:

São múltiplos os significados da noção de competência. Eu a definirei aqui como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles. Para enfrentar uma situação da melhor maneira possível, deve-se, via de regra, pôr em ação e em sinergia vários

recursos cognitivos complementares, entre os quais estão os conhecimentos.

No sentido comum da expressão, estes são representações da realidade, que construímos e armazenamos ao sabor de nossa experiência e de nossa formação. Quase toda ação mobiliza alguns conhecimentos, algumas vezes elementares e esparsos, outras vezes complexos e organizados em redes.

Assim é, por exemplo, que conhecimentos bastante profundos são necessários para: Analisar um texto e reconstituir as intenções do autor; Traduzir de uma língua para outra; Argumentar com a finalidade de convencer alguém cético ou um oponente; Construir uma hipótese e verificá-la; Identificar, enunciar e resolver um problema científico; Detectar uma falha no raciocínio de um interlocutor; negociar e conduzir um projeto coletivo. (PERRENOUD, 2003, p. 7).

Nesse sentido, não bastam apenas conhecimentos de lembranças, de memorizações precisas de tudo o que o aluno estuda e de cujo aprendizado necessitará em um futuro próximo ou distante, pois, nas suas situações diárias, nos seus estudos e nas suas leituras, o aluno precisará “fazer relacionamentos, interpretações, interpolações, inferências, invenções, em suma, complexas operações mentais cuja orquestração só pode construir-se ao vivo, em função tanto de seu saber e de sua [...] visão da situação”. (PERRENOUD, 2003, p. 5)

As Orientações Curriculares para a Educação Básica de MT, (OCs), livro da Área de Linguagens, denominada aqui com as iniciais AL, enfatizam que:

é importante oportunizar situações desafiadoras para que os estudantes desenvolvam sua capacidade de pensar, organizar as informações que recebem compreendendo o seu sentido e atribuir significados de modo que ampliem o processo de letramento [...] indo além da ideia de dar sentido ao que se recebe (interação leitor-texto-autor), pois o aluno deve contextualizar as informações, mobilizando também seus conhecimentos escolares desenvolvidos anteriormente. (OCs / AL, p. 36).

Em relação à leitura e à escrita, as OCs de Linguagens apregoam, na página 42 que “no contínuo desenvolvimento linguístico do estudante, a presença do texto escrito impõe-se como necessidade de (re)conhecimento do domínio de recursos eficazes, que lhe permitirão compreender e produzir discursos nas diferentes situações comunicativas em que se encontre [...]”.

Já o desenvolvimento das habilidades linguísticas é exposto no referido texto da seguinte forma:

O desenvolvimento da habilidade linguística, para a construção de

qualquer gênero discursivo, ultrapassa o limite das frases para concretizar-se no discurso, isto é, no texto produzido por um locutor e dirigido para um interlocutor, previamente considerado, ambos estão inseridos em uma situação comunicativa real, com uma finalidade determinada (persuadir, convencer, demover, criticar, incentivar, etc.). Essas condições de produção inserem o texto/discurso num espaço dialógico em que diferentes informações, oriundas de fontes diversas, organizadas por diferentes operações linguístico-discursivas, são acionadas tanto pelo locutor quanto pelo interlocutor, para a construção do sentido intencionado pelo primeiro. Esse texto/discurso será tanto mais eficaz quanto mais se aproximar do objetivo estabelecido em relação às condições de produção. (OCs / AL, 43)

O documento ainda registra que “o desenvolvimento de capacidades de leitura e de escrita é indispensável no processo da compreensão da realidade para o exercício da cidadania como uma das condições para a transformação social”. Ele informa ainda que será por meio da leitura que “o estudante tomará contato não apenas com conhecimentos produzidos à sua volta, podendo construir um panorama da realidade em que vive, e empregá-los nos textos que vier a produzir, mas também com o prazer estético proporcionado pelos textos literários”. Neste sentido, e em ambos os casos, ele “apreenderá os aspectos característicos dos gêneros do discurso, dentre os quais o tema, a estrutura composicional e os recursos estilísticos, que se materializarão em produções escolares e extraescolares, assim como as especificidades da escrita” (OCs / AL, 44), tendo o professor de tomar um cuidado redobrado para não ficar somente no menos importante, que é o estudo exaustivo, como acontece em muitas salas de aula, dos elementos estruturais do texto acima citados, deixando de lado ou explorando muito pouco o essencial, quer seja, a fruição literária e o prazer imensurável que proporciona, ao leitor, o texto literário, especialmente.

Portanto, a leitura e a escrita de forma autônoma deve envolver:

domínios cognitivos, tais como: reconhecer e produzir diferentes gêneros discursivos, adequando-os às situações comunicativas; reconhecer e respeitar as variedades linguísticas; identificar recursos linguístico-discursivos, presentes nos textos orais ou escritos (implícitos, ironias, subentendidos, etc.), bem como o efeito de sentido resultante de seu emprego; desenvolver a argumentação oral e escrita como forma de participação social, em busca da autonomia e cidadania, dentre outras. (OCs / AL,46)

Conforme estabelecem as Orientações Curriculares para a Educação Básica de Mato Grosso, para que o aluno atinja certo grau de letramento/multiletramento em

sua vivência cotidiana na escola ou na sociedade em que está inserido, no 3º Ciclo, ele precisa continuar ampliando e (re)significando não só a sua ação, mas também a ação do outro. Neste sentido, tendo por base o letramento e a aquisição da leitura e da escrita em língua materna, as OCs acima mencionadas, voltadas para a Área de Linguagens (2012, p. 47-53) estabelecem três Eixos Articuladores, seis Capacidades e 20 Descritores (sendo essas compatíveis com as habilidades e competências mencionadas pelo MEC para a Educação básica e para o ENEM).

Após tantos referenciais teóricos a respeito de textos, gêneros textuais, leituras, letramentos, multiletramentos, competências e habilidades, o próximo capítulo busca aproximar o leitor da trajetória da contação de histórias, foco principal e fundante da presente pesquisa-ação, trazendo à tona seus aparatos, suportes, espaços, tempos, fruições e prazer literário e estético despertado por essa importante atividade ao longo dos tempos e que se mostrou tão prazerosa e fecunda em seu desenvolvimento na forma de SD na turma envolvida no trabalho em questão.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM TEMPOS, ESPAÇOS E SUPORTES DIVERSOS

Para a pesquisadora Cléo Busatto (2013, p. 9), a expressão “contação de histórias” foi “criada nas últimas décadas do século XX”, [...] e “é um neologismo, uma expressão que se refere ao ato de contar histórias.”

A expressão é recente, mas a atividade é antiga, conforme menciona Jung (2008), quando fala da origem dos mitos, menciona também os contadores de histórias nestes termos:

A origem dos mitos remonta ao primitivo contador de histórias, aos seus sonhos e às emoções que a sua imaginação provocava nos ouvintes. Estes contadores não foram gente muito diferente daquelas a quem gerações posteriores chamaram poetas ou filósofos. Não os preocupava a origem das suas fantasias; só muito mais tarde é que as pessoas passaram a interrogar de onde vinha uma determinada história. No entanto, no que hoje chamamos a Grécia "antiga" já havia espíritos bastante evoluídos para conjeturar que as histórias a respeito dos deuses nada mais eram que tradições arcaicas e bastante exageradas de reis e chefes há muito sepultados. Os homens daquela época já tinham percebido que o mito era inverossímil demais para significar exatamente aquilo que parecia dizer. E tentaram, então, reduzi-lo a uma forma mais acessível a todos. (JUNG, 2008, p. 90).

Essa arte, tão antiga que antecede à linguagem e a cognição, apareceu em um cenário desprovido de recursos midiáticos e, por isso, sua importância era fundamental para a formação do sujeito, para o desenvolvimento da imaginação, para as transmissões de valores e ensinamentos ou para a pura fruição. Assim,

Se o ato de sonhar não é uma exclusividade dos humanos, contar histórias é uma arte milenar exclusiva das sociedades humanas. Foi graças à tradição oral que muitas histórias se perpetuaram, sendo transmitidas de uma geração para outra. Tudo começou em uma caverna, quando os primeiros caçadores e coletores se reuniram em volta das chamas da fogueira para contar histórias uns aos outros, sobre suas aventuras na luta pela sobrevivência, para dar voz à percepção fenomenológica dos eventos naturais e sobrenaturais, e, assim, entrar em conformidade com a ordem social e cósmica. Algumas dessas histórias ficaram registradas nas paredes das cavernas e ainda resistem às intempéries acontecidas durante os milhares de anos (FARIAS, 2011, p. 19).

Esses momentos tão importantes para o homem de outrora e que aconteciam em forma de serões, “além de fonte inesgotável de prazer, eram um recurso educativo

por excelência, tanto para as crianças quanto para os adultos, por propiciarem a reflexão sobre as relações e a ética” (MATOS, 2014, p. XXII). Nestes momentos de narração oral, prazer estético e ensinamentos, o conto disseminado pelo contador como as sementes estrategistas das flores do campo conhecidas por “dente de leão” era “o conto de fadas ou o conto maravilhoso” (MATOS, 2014, p. XXVI).

A palavra do contador, “ao mesmo tempo que é divina, no sentido de sua descendência, é sagrada no sentido de seu retorno ao divino (MATOS, 2014, p. 11). O conto é, portanto, constituído por “uma palavra prazerosa de escutar mas também poderosa, colorida, comovente; enfim, uma palavra total, uma palavra que faz ver” (GAY-PARA, 2001, apud, MATOS, 2014, p. 3). Esta palavra poderosa está ligada ao divino porque

Nos relatos da criação de quase todas as grandes religiões culturais, a Palavra aparece unida ao mais alto Deus Criador, quer se apresente como instrumento utilizado por ele, quer diretamente como fundamento primário de onde ele próprio provém, assim como toda a existência e toda ordem de existência. O pensamento e sua expressão verbal costumam ser aí concebidos como uma só coisa, pois o coração que pensa e a língua que fala se pertencem necessariamente. (CASSIRER, 2000, apud MATOS, 2014, p. 7)

O grande Manoel de Barros, fazendo uma referência à criação de tudo pelo enunciar-se do “verbo”, nos diz poeticamente que “no descomeço era o verbo” e que “só depois é que veio o delírio do verbo”. No fazer do poeta, que é o seu caso, e no fazer do contador, “o verbo tem que pegar delírio”. (BARROS, 2007, p. 15).

Além dos contos maravilhosos, fazem parte do repertório do contador de histórias “as lendas, as fábulas, os mitos, enfim, os contos que têm origem na tradição oral”. Assim como Câmara Cascudo (1986), Matos (2014) entende “por contos de tradição oral” todos “os que se caracterizam pelo anonimato em sua autoria, pelo velho que são na memória dos povos, por terem na palavra falada seu veículo de divulgação e por não conhecerem fronteiras geográficas, culturais ou linguísticas que os barrem” (MATOS, 2014, p. XXVII).

Essa atividade, tão praticada e difundida em espaços e tempos passados, ainda é observada nos dias de hoje, intrigando muitos pesquisadores da área, sendo até difícil crer em tais fenômenos, pois, “apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos, isso ainda seja possível”. O que isso nos passa, em forma de uma incógnita quase indecifrável é que “algo na natureza humana, com raízes bem

plantadas num mundo mágico e encantado, parece guardar-se intocável” (MATOS, 2014, p. XXIII).

Em outros termos,

Os mitos, contos, lendas (...) frequentemente constituem para os sábios dos tempos antigos um meio de transmitir, ao longo dos séculos, de uma maneira mais ou menos velada, pela linguagem de imagens, os conhecimentos que, recebidos desde a infância, ficarão gravados na memória profunda do indivíduo, para ressurgirem, talvez, no momento apropriado e iluminados por um novo sentido (...). Eles são a mensagem de ontem, destinada ao amanhã, transmitida no hoje (HAMPÂTÉ BÂ, apud MATOS, 2014, p. XXVI-XXVII)

A tradição oral, portanto, sempre existiu e parece que nunca desaparecerá por completo, pois ela se modifica ao longo dos anos. É Zumthor quem nos esclarece a respeito da formação da tradição oral de um determinado grupo social e esta é formada “por um conjunto de intercâmbios orais ligados a comportamentos mais ou menos codificados, cuja finalidade básica é manter a continuidade de uma determinada concepção de vida e de uma experiência coletiva sem as quais o indivíduo estaria abandonado à sua solidão” e, quem sabe, alcançando até o desespero. E por que ela não corre o risco de desaparecer? Simplesmente porque “nossa própria cultura – racional e tecnológica – do fim do século XX está impregnada de tradições orais e sem ela dificilmente subsistiria” (ZUMTHOR, 1985, apud MATOS, 2014, p. 5) estendida, por conta de suas características, também ao século XXI, recentemente inaugurado e tudo isso é possível porque sempre existirão pessoas que narrem. Nas palavras de Benjamin (1983) “a experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer esta experiência seja própria ou relatada. E, por sua vez, transforma-se na experiência daqueles que ouvem a estória”. (BENJAMIN, 1983, 66).

Para Benjamin (1983), no entanto, “a arte narrativa se aproxima gradativamente de seu fim”, pois, segundo ele, é cada vez mais raro “encontrarmos alguém verdadeiramente capaz de historiar algum evento. Quando se faz ouvir num círculo o desejo de que seja narrada uma historieta qualquer, transparecem, com frequência cada vez maior, a hesitação e o embaraço”. O autor menciona ainda que “é como se nos tivessem tirado um poder que parecia inato, a mais segura de todas as coisas seguras, a capacidade de trocarmos pela palavra experiências vividas” e “uma das causas desta situação”, para o autor, “é óbvia: as experiências perderam muito do seu valor. E parece que assim continuarão perdendo”. (BENJAMIN, 1983, p. 63)

Para que essa narração seja completa, “é necessário se desembaraçar do texto escrito, e sobretudo escapar dessa espécie de vertigem da decoreba, que têm as pessoas da civilização escrita. A experiência da escrita tira nossa espontaneidade” (KLEIN E BOURDIN, 2001, apud MATOS, 2014, p. XXXVI, XXXVII)

Esse contador de histórias “recebeu vários nomes através dos tempos: era o *rapsodo* para os gregos; o *griot* para os africanos; o *bardo* para os celtas; ou simplesmente o *contador de histórias*, o “portador da voz poética” nas palavras de Paul Zumthor” (1993, apud BUSATTO, 2013, p. 18). Independente do nome que recebia, ele era concebido como “um sujeito que se valia da narração oral como via para organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundacionais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da memória prodigiosa e que o divulga por meio da arte. (BUSATTO, 2013, p. 18).

Hoje, porém, nos poucos lugares onde a arte da narração de histórias ainda tem forte influência ou tem sua prática mantida por algumas poucas pessoas que dominam essa importante arte, tem sua ação bastante modificada, pois

Paradoxalmente, a arte, que pedia um tempo e corpo presente para se desenvolver e envolver, se integrou à velocidade da virtualidade, assumindo novas feições, como as histórias mediadas pelo digital. Esta arte já não tem como característica apenas uma provável despreensão dos antigos contadores, que se reuniam ao redor do fogo, ao pé da cama. Por outro lado, imprimiu-se nela uma sofisticação técnica, com detalhes que fazem diferença, como um texto mais elaborado sintaticamente, imagens visuais e paisagens sonoras nítidas, e apresenta um sujeito-contador com domínio dos recursos vocais e corporais. Muda a forma, muitas vezes o texto e o contexto. Também muda a intenção do contar, mas permanece o que é essencial: a condição de encantar, de significar o mundo que nos cerca, materializando e dando forma às nossas experiências.” (BUSATTO, 2013, p. 9-10).

Busatto (2013, p. 13) vislumbra “o contar história como um ato social e coletivo, que se materializa por meio de uma escuta afetiva e efetiva.” Em meio digital, essa narração, no entanto, foge e muito de sua origem, do olho no olho, da afetividade que a proximidade provoca, das diversas formas de chamar a atenção face a face com o ouvinte, porém, qualquer que seja a forma ou o suporte em que ela aparece, a autora vê “a ‘contação de história’ como um instrumento capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão e

capazes de ‘estar com’”. (BUSATTO, 2013, p. 12), uma vez que, “o espaço do conto é um espaço potencial na medida em que ele aconchega, quebra barreiras, institui as igualdades; é um espaço de confiança e de afeto. (MATOS, 2014, p. 21).

Se a literatura humaniza as pessoas, ela também as transporta para outros lugares, para outras culturas, ambientes e dimensões, pois “as simples fórmulas introdutórias: “Era uma vez”, “Há muito tempo”, “Eu vou contar a vocês que”, “Contasse” e tantas outras que abrem os contos já são suficientes para nos transportar a esse lugar “fora”, esse espaço potencial de criação”. As histórias “convidam os ouvintes a se evadirem, numa aventura através da imaginação, porque o conto age sobre a imaginação” (MATOS, 2014, p. 22). O conto “dá toda liberdade ao imaginário, ele permite a cada um fixar suas próprias imagens, porque acreditamos que a palavra é criadora” (CHARLIE EDLIN, 2001, apud, MATOS, p. 22,). Entretanto, Matos esclarece que “não se trata de uma “viagem” no sentido de fuga, de entorpecimento, e sim de uma “evasão profícua” fora do tempo real” e este “mundo para o qual se evade, por meio da palavra do conto, é um mundo fantástico, de maravilhas e imprevistos, que sutilmente nos remete ao nosso próprio ser, com tudo que isso possa significar” (MATOS, 2014, p. 22-23).

No momento atual, mais do que nunca, o contador ainda tem como referência, “além da singularidade de sua palavra”, potencializada por Zumthor (1987, apud MATOS, p. 53) que esclarece que “somente a voz é concreta, apenas sua escuta nos faz tocar as coisas”, a “poética dos contadores de histórias – própria do estilo oral – é constituída pela *performance* que, ao mesmo tempo que é um elemento, é também o principal fator constitutivo dessa poética” (MATOS, 2014, p. 53), especialmente nas práticas modernas de contação de histórias rodeadas de mídias e tecnologias por todos os lados como se fosse uma ilha.

Matos esclarece que

Uma grande variedade de campos irá depreendendo da cena performática os elementos mais significativos, dos quais destaca o gesto como o mais essencial e intimamente ligado à voz”. (QUEIROZ, Sonia, 1998, nº 45, pp. 18-21) Outros elementos, como a indumentária, o instrumento musical, o acessório, as circunstâncias: o tempo, o lugar, a ocasião social em que se dá a *performance*, aplicada à poesia oral, ao canto e à dança, são também objetos de seus estudos, e aqui serão nosso oriente ao tratarmos dos elementos que compõem a arte do contador de histórias. (MATOS, 2014, p. 53-54)

Até chegar ao retorno da contação de histórias em pleno século XXI, essa prática sofreu um apagamento, houve um hiato na realização de seus eventos, porém, “até o final do século XIX, os serões de contos eram relativamente frequentes nas comunidades de trabalho, no meio rural e no seio das famílias, com a participação de adultos e crianças” (MATOS, 2014, p. 96). Essa prática começou a desaparecer de maneira muito rápida na Europa, logo após a Primeira Guerra Mundial. “Em muitos casos, a leitura em voz alta substituiu a narrativa tradicional oral”. Já na América do Sul, o desaparecimento dos contadores de histórias em alguns lugares se efetivou a partir do século XX, mais precisamente nos grandes centros urbanos, permanecendo em prática usual em comunidades mais afastadas, “porém, com a chegada da televisão aos lugares mais distantes, no fim dos anos 1960, aos poucos o interior também sucumbiu ao “progresso dos tempos””. (MATOS, 2014, p. 97).

Os contadores da atualidade, ao contrário dos contadores do passado, “não receberam sua ‘palavra’ como herança, não beberam da fonte da experiência coletiva”, mesmo assim, “ao transformar em arte sua palavra, os novos contadores aproximam-se dos contadores tradicionais”, mas em um espaço completamente diferente, reaparecendo em uma “sociedade industrial avançada”, aportando em uma “sociedade engajada no que alguns sociólogos chamam ‘a lógica do efêmero’, lógica da qual as imagens partem em todos os sentidos como uma verdadeira metralhadora”. Essa sociedade está “organizada para circunscrever suas próprias margens e seus próprios marginais, isolando-os ou absorvendo-os segundo o caso” (MATOS, 2014, p. 100).

Portanto, não só pela dimensão educativa que a palavra do contador carrega em sua essência, mas, principalmente pela fruição literária, pela “viagem” que proporciona, pela emoção que acarreta e pelo prazer que causa aos ouvintes, principalmente, a prática de contação de histórias nas escolas é um projeto que se apresenta como uma ação magnífica, sem, entretanto, utilizá-la como mais um recurso didático somente, que busca simplesmente ensinar algo, “entretanto, à parte a visão utilitarista comum a muitas escolas, ainda é esse o único espaço em que muitas crianças poderão ter contato com essa ‘palavra’”. (MATOS, 2014, p. 136).

Para Sylvie Loiseau (1992, p. 9), que vê nos contos um recurso muito mais rico do que tem pretendido a escola, abandoná-los ou relegá-los a um “recurso a mais” significa para o professor “privar-se de um instrumento pedagógico rico e, ao mesmo tempo, privar as crianças

de uma iniciação completa à natureza humana” (MATOS, 2014, p. 135).

É neste sentido que o trabalho envolvendo a contação de histórias, desenvolvido em uma turma da 3ª Fase do 3º Ciclo, teve todo o cuidado para não didatizar a prática dos contadores tradicionais que foram convidados para fazerem parte como as “estrelas” deste SD, pois o que se pretendia e deve-se pretender sempre é o prazer estético e a fruição proporcionada pelas histórias narradas para não saturar o aluno com várias atividades pedagógicas, nem transformar essa prática em algo obrigatório e enfadonho para não se correr o risco de os alunos, e porque não dizer, também o professor, perderem interesse pelo projeto.

O próximo capítulo tratará justamente dessa prática, da sequência didática elaborada e desenvolvida na referida turma com o principal objetivo de propiciar aos alunos a experiência que poucas pessoas nos dias atuais têm de sentirem o prazer proporcionado pelas narrações de histórias na sua forma tradicional, narradas por contadores orais.

3 A NOVA TERRA DO NUNCA: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A FRUIÇÃO LITERÁRIA

O adulto geralmente se vê como um ser racional, que mantém um foco, dotado de metas e objetivos e que vive no mundo real, lúcido, palpável. Na visão dos psicanalistas, que acreditam no contrário: “o homem sonha a maior parte do tempo, e em certos momentos, geralmente a contragosto, acorda”. (CORSO; CORSO, 2011, p. 19). Para o senso comum, o homem é aquele ser que se encontra “assentado na realidade, e não está contaminado por esse caldo múltiplo de fantasias [...]. No entanto, goste o homem ou não, ele ‘é o resultado, o somatório do desperto com o sonhado”. (CORSO; CORSO, 2011, p. 19). Em outras palavras, “nem sempre é possível delinear uma rígida separação entre os dois, tampouco é possível, nem necessário, definir qual é o mais importante”. Em sentido prático, “somos casados com a realidade, mas só pensamos em nossa amante, a fantasia”. (CORSO; CORSO, 2011, p. 19).

As pessoas não conhecem a real dimensão da fantasia em suas vidas, mas, de vez em quando são pegas dialogando com um ser invisível, inventando histórias, criando situações fantasiosas. Pensam-na “como acessória, como lúdica e muito poucas vezes como essencial” (CORSO; CORSO, 2011, p. 21). Segundo Geertz:

Crescer entre narrativas – as próprias, as dos professores, colegas, pais, zeladores e vários outros tipos daquilo que Saul Bellow chamou, certa vez, sarcasticamente, de “professores de realidade” – é o palco essencial da educação: “vivemos num mar de histórias”. Aprender a nadar nesse mar, a construir histórias, entender histórias, classificar histórias, verificar histórias, perceber o verdadeiro sentido das histórias e usar as histórias para descobrir como funcionam as coisas e o que elas são, é nisso que consiste, no fundo, a escola, e além dela, toda a “cultura da educação”. O xis da questão, o que o aprendiz aprende, não importa o que o professor ensine, é “que os seres humanos dão sentido ao mundo contando histórias sobre ele – usando o modo narrativo para construir a realidade”. As histórias são ferramentas, “instrumento[s] da mente em prol da criação do sentido”. (GEERTZ, 2001 apud CORSO; CORSO, 2011, p. 21).

J. Bruner é ainda mais enfático e contundente a esse respeito e critica às práticas escolares afirmando que “a convenção da maioria das escolas tem sido a de tratar a arte da narrativa – as canções, o drama, a ficção, o teatro, seja lá o que for – mais como uma “decoração” do que como uma necessidade, como algo com que

enfeitar o lazer, ou, às vezes, até como moralmente exemplar”. (BRUNER, 2001 apud CORSO; CORSO, 2011, p. 21). Por outro lado e “apesar disso”, salienta ainda que

formulamos os relatos de nossas origens culturais e das crenças que nos são mais caras sob a forma de histórias, e não apenas o “conteúdo” dessas histórias nos atrai, mas seu artifício narrativo. Nossa experiência imediata, o que aconteceu ontem ou anteontem, é formulado dessa mesma maneira historicizada. O que impressiona ainda mais é que representamos a nossa vida (para nós mesmos e para os outros) sob a forma de uma narrativa. Não é de surpreender que os psicanalistas reconheçam agora que a identidade implica narrativa, sendo a “neurose” um reflexo de uma história insuficiente, incompleta ou imprópria sobre o próprio sujeito. Lembremo-nos de que, quando Peter Pan pede a Wendy que volte com ele para a Terra do Nunca, a razão que fornece é que ela poderia ensinar os Meninos Perdidos de lá a contarem histórias. Se soubessem contá-las, os Meninos Perdidos poderiam crescer. (BRUNER, 2001 apud CORSO; CORSO, 2011, p. 21).

Corso e Corso (2011, p. 23) mencionam que “um dos aspectos geniais” da obra *Peter e Wendy* (2012), escrita por J. M. Barrie “reside no estranho jeito de ser dessa Terra do Nunca”. Para eles os territórios mágicos “costumam ter uma geografia, um modo de funcionar, um governo com suas políticas e lideranças estabelecidas. Por vezes, há uma rebelião ou uma ditadura em curso, que será derrubada com a ajuda dos visitantes, em geral crianças” (CORSO; CORSO, 2011, p. 23). Em Barrie, no entanto, esse percurso é mudado, havendo uma inovação, uma possibilidade de inserção das personagens em um ambiente aparentemente conhecido pelas crianças, uma vez que “estes entram como personagens numa trama que já tem seu curso organizado. A Terra do Nunca foge a essas regras: como lugar imaginário, ela é de caráter pessoal e intransferível, pois cada criança tem a sua” (CORSO; CORSO, 2011, p. 23). Ou seja, ela depende do tipo de fantasia que a personagem tem, oferecendo-lhe variantes dentro de suas numerosas possibilidades. Mas como mapeá-la? Para os autores não é tarefa das mais fáceis, um verdadeiro trabalho de Hércules, já que, para eles, “sua topografia é indefinida, descrever seu território seria como tentar mapear a cabeça de uma criança que nunca para quieta”. (CORSO; CORSO, 2011, p. 23)

Nas palavras de Barrie, “o mapa da mente de uma criança, que não é só confusa, como vive mudando o tempo todo”, é descrito da seguinte forma:

Tem linhas em ziguezague, como os gráficos de temperatura, e é bem provável que essas linhas mostrem os caminhos da ilha: porque a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com cores incríveis

aqui e ali, recifes de coral e navios de ar sinistro perto da costa, selvagens e pântanos isolados, gnomos que trabalhavam quase todos como alfaiates, cavernas atravessadas por rios, príncipes com seis irmãos mais velhos, uma cabana quase totalmente despedaçada e uma velhinha bem baixinha com o nariz bem curvo. [...] Claro que as Terras do Nunca variam muito. A de John, por exemplo, tinha uma lagoa sobrevoada por flamingos que ele costumava caçar a tiros, enquanto a de Michael, que era muito pequeno, tinha um flamingo sobrevoado por lagoas. John morava num barco virado de borco na areia, Michael numa tenda de índio, Wendy numa casa de folhas costuradas umas às outras. John não tinha amigos, Michael tinha amigos de noite, Wendy um lobo de estimação abandonado pelos pais. Mas geralmente as Terras do Nunca são todas parecidas ou da mesma família, e, se um dia pudéssemos parar uma do lado da outra, daria para você dizer que têm o nariz parecido e assim por diante. Nessas paragens mágicas, as crianças que brincam estão sempre ancorando os seus caiaques [...]. (BARRIE, 2012, p. 13-14).

Essa terra, “[...] não é um sonho, algo volátil a ser habitado pelo tempo de um devaneio, estando seguros de que nada é para valer porque não passa de uma fantasia. A Terra do Nunca é uma ilha “de verdade” aonde se pode ir voando”. (CORSO; CORSO, 2011, p. 23) Vale salientar que a ilha de Pan “existe também fora da cabeça das crianças, tanto que lhes inspira o medo do desconhecido, próprio de quando vai se iniciar uma grande aventura. Nessa terra mágica, as fantasias das crianças se realizam, mas justamente por isso elas assumem uma veracidade assustadora” (CORSO; CORSO, 2011, p. 23). A narrativa mostra uma relação interessante entre os irmãos, protagonistas da história e a ilha, conforme se percebe pelo fragmento do livro citado a seguir:

viajando praticamente em linha reta o tempo todo, nem tanto graças à orientação de Peter ou de Sininho, mas porque a ilha estava à procura deles. E é só assim que alguém consegue chegar a essas praias mágicas. [...] Wendy, John e Michael se puseram na ponta dos pés, em pleno ar, para ver a ilha pela primeira vez. E o mais estranho é que reconheceram a Terra do Nunca de primeira, e, até começaram a sentir medo, saudaram aquele lugar, não porque fosse um lugar com que sonhavam e que finalmente estavam encontrando, mas por ser um amigo próximo em cuja casa estivessem chegando de visita para passar um feriado. (BARRIE, 2012, p. 58-60).

A ilha mágica da Terra do Nunca mistura o real e o imaginário, pois ali se vive a fantasia de voar, de sonhar, visualizar seres mágicos e extraordinários, lutar com índios e piratas e muitos, por suas mãos, perdem a vida de verdade, “mas sempre fica claro que estamos dentro da imaginação das crianças”. É passado ao leitor que “a

familiaridade com essa terra mágica é comum para qualquer criança que brinque e para as pessoas crescidas que tiveram infância”. (CORSO; CORSO, 2011, p. 24).

Recorrendo a Parreiras (2009), que fala a respeito da literatura para as crianças menores, mas que, pela abrangência e importância de sua fala, cabe perfeitamente a outros leitores, a conclusão a que se chega é a de que “cabe aos professores e educadores serem os mediadores/provocadores dessa literatura capaz de entreter e formar os pequenos. Sem didatismo, nem moralismos, nem estereótipos, maniqueísmos e preconceitos” (PARREIRAS, 2009, 98), precisando, entretanto, tomar um cuidado redobrado com respeito à expressão “formar os pequenos” citada pela autora. Ela aborda a formação moral, do contato da criança com o mito, com a verdade da ficção, com sua formação ética, cultural, na perspectiva de conhecer o mundo, de viajar na narrativa. Para a autora, deve ser essa “uma literatura que suscite dúvidas, debates, que traga inquietação. Que não transmita ideias prontas e mastigadas, mas que provoque associações com as experiências de vida dos leitores. Que não estabeleça padrões ou rótulos, mas que mostre diferentes identidades” (PARREIRAS, 2009, 98). Vale notar que a autora fala da literatura escrita, mas que também serve como uma luva para a literatura oral, sendo essa uma preocupação deste trabalho devido ao fato de o desenvolvimento da sequência didática proposta em seu trajeto visar tanto atividades com romances e contos escritos, como com filmes e literatura oral ou contação de causos.

O que se pretende com a realização de atividades utilizando-se meios e modalidades de textos aparentemente tão diversas entre si, mas que possuem uma grande ligação e uma sequenciação que à primeira vista pode parecer desconexa, busca uma sequência

que traga uma variedade de expressões literárias e de abordagens. Que mostre uma criança vista de lugares diferentes do ponto de vista dela e do adulto. Que apresente o dia, a noite, a cidade grande, o caos urbano, o cemitério, a morte, o fascismo, a loucura, as almas penadas. E a memória, a saudade, o passado. O escárnio, o vômito, o escracho. Que mostre o lado escuro e sombrio da nossa existência, para a criança experimentar, por meio das palavras, das histórias, lugares diversos do que ela vive e conhece. Em textos que não agridam a dignidade de ser criança. E que respeitem a sensibilidade dessa faixa etária. (PARREIRAS, 2009, p. 98).

Toda essa diversidade de atividades, de atores, de espaços, de suportes que se pretendeu na sequência expandida desenvolvida com a turma foi pensada por

considerar que “vivemos em um mundo de fronteiras múltiplas. De pontes que se cruzam, que se encontram, se desencontram. De heterogeneidades, de singularidades, de identificações, de afirmações, de negações” (PARREIRAS, 2009, p. 98-99), sendo este nosso mundo moderno e tão avançado tecnologicamente “cheio de textos, de metáforas, de literaturas variadas [...] que transitam em diferentes territórios e permitem interpretações e leituras que vão além das fronteiras e dos limites de pátrias, de idiomas, de etnias, de culturas”. A literatura é vista, assim, como expressão de arte, que permite uma compreensão das muitas facetas da subjetividade, das individualidades”. (PARREIRAS, 2009, p. 98-99).

Neste trabalho, desenvolvido a partir da sequência didática, com base em Dols e Schneuwly (2004) e, principalmente, tendo por subsidio a sequência expandida de Cosson, apresentada como modelo no livro *Letramento literário: teoria e prática (2012)*, por acreditá-la mais completa e mais voltada à fruição literária, cuja prática envolve o resgate da contação de história não como uma volta ao passado, mas sim como uma necessidade de (re)significar a existência humana e mostrar aos alunos a importância das narrações em seu desenvolvimento psicológico, social e cognitivo, possibilitando-lhes autonomia na escolha e desenvolvendo neles a necessidade da fruição literária, visto que hoje

[...] São poucos os que ainda acreditam no sagrado contido na noite, nas palavras de xapiripê e no poder curativo das histórias simbólicas. Vive-se os rompantes da pós-modernidade, como a fragmentação, simultaneidade de ações, e assume-se o paradoxo da virtualidade, condição de estar em todos os lugares e não estar em parte alguma. Assume-se também a rapidez com que se processam as informações: um clique e a mensagem já está do outro lado, na maioria das vezes nem bem decifrada, nem bem elaborada. As mensagens passam a ter outro sentido, porque elas não têm mais o tempo de assimilarem dentro de nós, para que possamos sentir a sua repercussão e a ressonância, como seria natural. Apesar disso tudo, corre-se atrás de sentido para as coisas. Segundo Jean Baudrillard, respondemos com melancolia ao desaparecimento do sentido – a consequência da revolução do século XX, da pós-modernidade. Sem sentido, viramos melancólicos.” (BUSATTO, 2013, p. 11-12)

Para Busatto, as pessoas presenciam o “saudável retorno das narrações orais em diversos setores da sociedade – já que, anteriormente, ela se mantinha presente em alguns poucos locais, como a escola, a biblioteca – por meio da presença dos contadores de história”. (BUSATTO, 2013, p. 13). Diga-se de passagem, essa presença na atualidade tem se tornado cada vez mais raro, deixando de ocorrer até

mesmo em escolas e bibliotecas, mas, para a autora, esses contadores “se espalham por todos os cantos do planeta, talvez movidos por traço primeiro, um impulso de transcender o real através do imaginário, para dar forma à complexidade das vivências” (BUSATTO, 2013, p. 13). Nesse tempo de modernidade, porém “vamos encontrar as histórias migrando para outros meios, ainda que mediados pela presença humana, como nos casos das narrações digitais.” (BUSATTO, 2013, p. 13).

3.1 O FANTÁSTICO EM MARINA COLASANTI

Toda vez que me aproximo do universo dos contos de fadas, quer como autora, quer para reflexões teóricas, minha boca seca, a garganta aperta, o coração acelera o ritmo. Eu sinto medo e sedução. E reluto em avançar, como se os vastos espaços que se estendem à minha frente, e que me convocam, escondessem poços de areia movediça, distâncias verticais sem fim (COLASANTI, 2004, p. 221).

Marina Colasanti possui uma obra vastíssima composta por contos, crônicas, ensaios, artigos, entre outros, mas se destaca mais pela produção de contos, especialmente minicontos, que compõem boa parte de sua obra. Para a autora, ao contrário do que se possa imaginar, escrever minicontos é mais difícil que produzir contos maiores e com riquezas de detalhes, pois eles, por sua forma sintetizada, exigem cortes por parte do autor. Essa forma peculiar de compor, de envolver o leitor, de mostrar lugares e personagens algumas vezes distante da ambientação nacional talvez tenha explicação na “origem europeia de Marina Colasanti e suas vivências brasileiras mesclam-se à perfeição na sua obra, que combina os valores culturais do passado com as preocupações da vida contemporânea” (SILVA, 2009, p. 237).

Muitos de seus livros são classificados como infanto-juvenis, dos quais merecem destaque “os ‘contos de fadas’, com cenários e personagens do imaginário europeu e clássico, repletos de castelos, reis, princesas e cavaleiros, em tramas que aludem a personagens míticos, como Narciso, Eros, Penélope, Aracne, Pigmalião”, havendo uma lista extensa dos livros da autora facilmente encontrada na internet e que não será citada nesse trabalho. “Nas entrelinhas desses textos instigantes, discutem-se temas bastante atuais e pouco infantis: a condição feminina, o consumismo desenfreado, a inveja e o egoísmo, as relações familiares e amorosas. (SILVA, 2009, p. 237-238).

Os contos de fadas, narrativas de origem populares, “são milenares e datam

de séculos antes de Cristo. São histórias que nasceram da oralidade dos povos. Eram contadas de geração para geração, entre adultos e entre crianças. O que conhecemos hoje são os registros das que foram recolhidas, escritas e publicadas (PARREIRAS, 2009, p. 75). Nas palavras de Parreiras (2009), “os contos de fadas são narrativas estruturadas como um sonho: há uma linguagem condensada, carregada de simbolismos. Cada personagem e cada tema nos remetem a outras questões. Representam valores universais e atemporais. Isso porque uma história pode ser curta”, como acontece na maioria dos contos de Marina, mas por outro lado pode “nos provocar uma gama de sensações e traduzir inúmeros sentimentos. Por isso, há uma condensação da linguagem: cada personagem, cada objeto, cada passagem quer dizer diversas coisas”. (PARREIRAS, 2009, p. 75). E é interessante notar que os alunos, em sua maioria, conseguem compreender algo, à primeira vista, tão complexo.

Benjamin (1983), por sua vez salienta que “o extraordinário e o maravilhoso são sempre relatados com a maior exatidão, mas o relacionamento psicológico dos fios da ação não é oferecido à força ao leitor”. Os contos de Marina Colasanti estão repletos desse “maravilhoso” e desse “extraordinário”, bem como sobressaem-se neles os “relacionamentos psicológicos” que, para Benjamin (1983), “fica a [...] critério” do leitor “interpretar a situação tal como a entende, e assim a narrativa alcança uma envergadura ampla que falta à informação” (BENJAMIN, 1983, p. 67).

Outro dado importante mencionado por Benjamin (1983) em sua brilhante reflexão a respeito do narrador diz que, “se a arte de narrar reveste-se hoje de raridade, parte decisiva da culpa por essa situação cabe exatamente à difusão de informações. Cada manhã traz-nos informações a respeito das novidades do universo. Somos carentes, porém, de estórias curiosas”, nesse ponto, talvez, encontremos respostas para a participação tão efetiva e porque não dizer, afetiva dos alunos em relação ao projeto. É possível que a literatura analisada e os relatos orais trazidos para a sala de aula tenham obtido tanto sucesso entre os jovens estudantes no desenvolvimento da SD porque, hoje em dia, “nenhum acontecimento nos é revelado sem que seja permeado de explicações. Em outras palavras: quase nada mais do que acontece é abrangido pela narrativa, e quase tudo pela informação”. Parte do sucesso dos contadores convidados entre os alunos da turma, então, está na sua “habilidade de narrar”, que reside especificamente “na capacidade de relatar a estória sem ilustrá-la com explicações” (BENJAMIN, 1983, p. 67).

Salma Silva em seu livro *O mito do amor em Marina Colasanti* (2003) discorre

sobre a mistura que Marina faz de elementos pertencentes aos mitos e aos contos de fada. Para Silva, além de outros deuses da mitologia, Marina Colasanti trabalha mais especificamente com dois: Eros, o deus do amor e Tântatos, o deus da morte. Segundo a autora, os dois deuses “conjugam-se numa luta constante” em diversos contos de Marina, “ora vencendo um, ora o outro – a vitória de um sobre o outro está sempre ligada à escolha da natureza do amor com que se vai amar: se egoísta ou compartilhado [...] ora voltada sobre o próprio ego, ora direcionada sobre o objeto de amor”. (SILVA, 2003, p. 20).

Para Parreiras (2009), “nossa fada autora é Marina Colasanti, com seu olhar contemporâneo e comprometido com as raízes sagradas dos contos de fadas. (PARREIRAS, 2009, p. 78). Essas narrativas, tão importantes para o desenvolvimento da criança ainda nos dias de hoje como fora outrora, podem “trazer alegrias, tristezas, paixões, decepções...”, podem ser escritos “em forma de aventura, trazer um desafio ou uma missão para a personagem principal”. Também podem “narrar a transformação da vida desse personagem, que passa de sapo a príncipe, de pobre a rico ou de infeliz a muito feliz. É, assim, como a mistura de fantasias e significados, que são os contos de fadas. (PARREIRAS, 2009, p. 78). Ainda segundo a autora, os contos de fadas abordam valores comuns ao Brasil, à Europa ou a qualquer outra parte do mundo porque “o segredo dessas histórias está em expressar afetos. E certos afetos são universais, como o amor, a raiva, a inveja, o medo. Todo mundo tem, nem que seja um pouquinho desses sentimentos”. (PARREIRAS, 2009, p. 79). No entanto, as fadas nem sempre estão presentes nessas histórias, pois “é o clima de encantamento e de transformação que caracteriza um conto dessa natureza. Há contos que envolvem reis, duendes, animais; há outros que envolvem pessoas do povo. O ponto em comum dessas narrativas são os elementos de fantasia e as metamorfoses” (PARREIRAS, 2009, p. 80) e todos esses elementos citados são encontrados nas produções da contista brasileira.

Em diversos textos Colasanti coloca o leitor em contato com o realismo fantástico e na maioria deles está presente o universo feminino. Mas, e os seus fabulosos contos de fadas? “De que fonte secreta se originam seus belos textos?”. Eles devem vir “[...] da sua memória de menina europeia, os contos de fadas reinventados”. No geral, a produção dessa contadora de histórias contemporânea “[...] é singularmente coesa – os núcleos temáticos que lhe servem de eixo são reduzidos, assim como é reduzido o leque de imagens de que se vale, e que aponta para a

tradição clássica.” Nos seus contos para “adultos”, sua linguagem às vezes é irônica, misturando um pouco de poesia, mas na maioria de seus contos ditos “infantis”, “sua linguagem [...] equilibra-se na fronteira entre o lírico e o narrativo.” (SILVA, 2009, p. 237).

Encontramos em *O narrador* (1983), escrito por Benjamin, a menção a “um dito popular alemão” afirmando “que ‘quem viaja tem muito a contar’ e assim imagina um narrador vindo de longe”, nisso, estão presentes a própria Marina, com sua origem estrangeira, com passagens por diversos países da Europa e o viajante apresentado em seu livro (23 histórias de um viajante), no entanto, “não é com menos prazer que prestamos atenção a quem permaneceu no país, tratando de sobreviver e vindo a conhecer as suas estórias e tradições”, como acontece com os contadores convidados para o desenvolvimento dessa sequência expandida, mesmo que alguns deles tenham relatado aos alunos suas viagens. “Se esses dois grupos são tornados presentes por meio de seus representantes mais antigos, temos de pensar no agricultor sedentário e, por outro lado, no marinheiro empenhado em seu comércio. [...] essas maneiras de vida produziram cada uma a sua ramificação própria de narradores” (BENJAMIN, 1983, p. 64).

Em sua obra *Um amor sem palavras* (2001), por exemplo, Marina Colasanti apresenta ao leitor um Eros egoísta. A Sombra sente que seu amor pela árvore não é correspondido e, por isso espera anoitecer e sai à procura de outra companheira. É uma história em que predomina a prosopopeia, rodeada por várias metáforas e outras figuras de linguagem mais.

A obra *23 histórias de um viajante* (2012) é um caso à parte. Há, basicamente, 24 histórias, já que uma, a história da chegada de um viajante a um pequeno reino isolado, de muralhas muito altas, emoldura as outras 23 narrativas e é justamente esse viajante, com seu conhecimento de mundo adquirido em suas viagens, com seus contatos com outras culturas e povos, tal qual acontece com a escritora e contadora de histórias Marina Colasanti, que narra todas elas. A leitura do livro, portanto, não precisa ser linear. Pode-se ler apenas a história moldura, mesmo que esta, em alguns pontos, mencione uma ou outra história narrada, ou ler aleatoriamente todas as outras 23 histórias. Esse viajante faz lembrar Sherazade e seus contos das “mil e uma noites”, com o diferencial que nesta a narradora objetiva salvar seu próprio pescoço; naquela, o dito viajante vai, aos poucos, libertando aquele reino de seus medos e das amarras da sua prisão em si mesmo.

Devido ao fato de “as origens da literatura infantil” remontarem “às histórias da tradição oral dos povos, às histórias contadas de boca em boca, quando ainda não havia livros publicados” (PARREIRAS, 2009, p. 119) e nisso incluem os contos de fadas, as histórias de Colasanti, sendo ligadas a essa origem comum, traz em si um tanto de oralidade, especialmente as viagens empreendidas pelo viajante, nas 23 *histórias de um viajante*, analisadas pelos alunos e que se aproxima da contação de histórias dos contadores populares convidados para o projeto, pois tanto o viajante quanto os contadores apresentam conhecimentos de mundo diferentes e histórias fantásticas ou mesmo causos acontecidos com o narrador.

É Benjamin (1983) mais uma vez que nos esclarece que

Visto sob essa perspectiva, o narrador alinha-se entre os educadores e os sábios. Sabe a indicação precisa – não como o provérbio, para alguns casos, mas como o sábio, para muitos! Pois é-lhe dado estribar-se em toda uma existência. (Uma existência, aliás, que não encerra somente a experiência própria, mas também muito da alheia. O narrador enriquece a sua própria verdade com aquilo que vem a saber apenas de ouvir dizer.) Saber narrar a sua vida é a sua vocação; a sua grandeza é narrá-la *inteiramente*. O narrador – eis um indivíduo capaz de permitir que o pavio de sua vida se consuma inteiramente na suave chama de sua narração. É nisto que se baseia aquela atmosfera ímpar, a envolvê-lo [...]. O narrador é a figura na qual o justo se encontra. (BENJAMIN, 1983, p. 80-81)

Quando o autor fala a respeito do narrador, ele se refere ora a narração oral, ora a narração escrita de textos em que o autor não o sobrecarrega de informações desnecessárias que interpreta o texto para o leitor, deixando a este poucas possibilidades de análise, interpretação e reflexão, em outras palavras, torna o texto rico em informações, mas pobre em simbolismos, em não ditos, que fazem o leitor pensar e ficar tempos reflexivo, com aquela angústia ou aquela sensação de perplexidade.

Todos esses apontamentos são suficientes para justificar o envolvimento dos textos de Marina Colasanti na elaboração e desenvolvimento dessa sequência expandida, pois em sua elaboração houve a grande expectativa de que os contadores desfilassem uma série de personagens e histórias maravilhosas e fantásticas e, tanto a história *Um amor sem palavras*, quanto as 23 *histórias de um viajante* são compostas por elementos dessa natureza essencialmente.

3.2 ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

A trajetória da contação de histórias e sua escuta em sala de aula envolvendo os alunos da turma e narradores populares, além das interpretações de textos em formatos diversos (filmes, contos, literatura oral...) foram emoldurados por uma sequência didática que envolveu diversas etapas – denominadas no projeto como Módulo – e que foram desenvolvidas, conforme explicitado anteriormente, na turma da 3ª Fase B, do 3º Ciclo – ano letivo de 2014, da Escola Estadual 12 de Abril, no município de Terra Nova do Norte-MT.

Muitas dessas atividades foram realizadas de maneira surpreendente pelos estudantes, haja vista que a turma era considerada, pelos professores e também pela gestão, a mais “difícil” da escola, com muitos alunos indisciplinados, havendo alguns ainda com pouca vontade de estudar e de adquirir novos conhecimentos.

Fazê-los deixar o celular ou pelo menos esquecê-lo em momentos do dia nos quais lhes eram exigidas leituras em classe e extraclasse não foi das tarefas mais fáceis, principalmente pelo fato de que muitos não se interessam pelos estudos por não terem objetivos traçados para o seu futuro, sem contar o “sistema” que os deixa livres para participarem ou não das atividades propostas, uma vez que a retenção só acontece por motivo de faltas (25% da somatória das três Fases do Ciclo, ou seja, dos 600 dias letivos do total, ele pode deixar de comparecer em 149 dias de aula (ou 599 aulas) que mesmo assim ele será considerado aprovado.

Como todos eles sabem disso, alguns simplesmente “jogam com o regulamento” e fazem o que querem, menos estudar, pois o aluno percebe que não há competição, que não há um prêmio para seu esforço (uma aprovação ou uma nota boa é uma bela premiação), um desafio para a sua aprendizagem. O que se percebe em boa parte desses alunos é, nessa etapa do ensino pois estão a um passo do Ensino Médio, uma vontade em fazer as atividades propostas, em estudar de fato, mas a lacuna que ficou em seu aprendizado devido aos anos anteriores de pouca produtividade e baixa proficiência praticamente os amarra e boa parte não consegue avançar nos conhecimentos pelo fato de faltar-lhe uma base sólida para sustentar sua aprendizagem.

Assim, eles tentam, esforçam-se para participar ativamente, responder as atividades, enfim, desenvolver de forma produtiva a Sequência Didática, mas não conseguem a contento, restando, em muitos casos, o ostracismo ou a bagunça.

Apesar de tudo isso, qualquer reclamação sobre a produção da maioria (considerando esforço, limitações ou a potencialidade de alguns alunos que se sobressaíram nas atividades e produções) seria descabida, levando-se em consideração os resultados obtidos, esperados, em relação a alguns alunos, surpreendentes, em relação a outros, decepcionantes em relação a uma pequena e magra minoria.

Com o espírito em festa, é hora de apresentar os resultados obtidos em tão produtivo trabalho realizado por intermédio da sequência expandida, consolidada pelo letramento literário de Cosson (2012), ora proposta e tão brilhantemente desenvolvida, não graças ao professor propositor, mas graças principalmente à participação dos alunos e à maravilhosa participação dos contadores de histórias convidados para o desenvolvimento dos trabalhos.

Para facilitar a compreensão integral dos resultados obtidos nas etapas da Sequência Didática, optou-se, nessa sistematização, pela exposição das perguntas, seguidas das respostas e das reflexões realizadas pelos alunos, porém, nem todas as respostas e contribuições nas atividades individuais ou em grupos farão parte do corpus desse trabalho, tendo sido escolhidas somente as consideradas mais relevantes, significativas e interessantes, haja vista que algumas fogem totalmente do assunto, ou, em outros casos, pelo fato de existirem respostas incompletas ou muito semelhantes entre si, não devido a cópias de respostas, mas a interpretações semelhantes a partir mesmo das discussões realizadas com a classe para esclarecimento e apresentações de definições antes das análises e reflexões feitas por eles.

3.3 MÓDULO I – CONVITE À FANTASIA: UMA VIAGEM À TERRA DO NUNCA

Objetivos específicos:

– Perceber como pode se dar o processo de criação de uma história, seja ela simples ou mágica/maravilhosa, tendo como suporte o filme “*Em busca da Terra do Nunca*”, a fim de se compreender que não há uma inspiração divina ou um ambiente mágico para a sua construção, ao contrário, ela se dá com muito trabalho e nos lugares, muitas vezes, comuns do dia a dia do escritor;

– Analisar o percurso de criação da história de Peter Pan, comparando a

história do livro com a história apresenta nas telas de cinema, detectando possíveis diferenças e semelhanças entre os dois trabalhos.

– Compreender a importância da fantasia e da imaginação na vida das pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultas para despertar a *Terra do Nunca* que cada uma tem dentro de si.

Introdução:

De início fizemos uma pequena apresentação do projeto “*A magia da palavra nas histórias orais e escritas: uma proposta de fruição literária*” para os alunos, especificando seus objetivos, metodologias, etapas e trabalhos a serem realizados.

Na sequência houve uma profunda discussão a respeito da mistura existente entre realidade e fantasia e as possibilidades de criação de histórias fantásticas que podem ter como base fatos comuns do cotidiano, como visto na criação da história de Barrie, cujo conhecimento das produções e da vida do autor por parte dos alunos se deu a partir de uma breve apresentação de sua trajetória literária e da criação da peça “*Peter Pan*”, seguida da discussão sobre o enredo da história para situar o aluno na leitura, interpretação e análise do romance. A partir deste momento procedeu-se o desenvolvimento da primeira atividade da SD com o filme *Em busca da Terra do Nunca*, história baseada na vida do autor e que mostra a trajetória de criação da peça teatral *Peter Pan*. A sinopse do filme, disponível no site *Adoro Cinema*⁴ é esta:

Lançamento: 4 de fevereiro de 2005 (1h 46min.)

Direção: Marc Forster

Elenco: Johnny Depp, Kate Winslet, Radha Mitchell, Dustin Hoffman

Gênero: Drama, Família, Fantasia

Nacionalidade: Reino Unido



J.M. Barrie (Johnny Depp) é um bem-sucedido autor de peças teatrais que, apesar da fama que possui, está enfrentando problemas com seu trabalho mais recente, que não foi bem recebido pelo público. Em busca de inspiração para uma nova peça, Barrie a encontra ao fazer sua caminhada diária pelos jardins Kensington, em Londres. É lá que ele conhece a família Davies, formada por Sylvia (Kate Winslet), que

⁴ Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-32458/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

enviuu recentemente, e seus quatro filhos. Barrie logo se torna amigo da família, ensinando às crianças alguns truques e criando histórias fantásticas para eles, envolvendo castelos, reis, piratas, vaqueiros e naufrágios. Inspirado por essa convivência, Barrie cria seu trabalho de maior sucesso: *Peter Pan*.

Com base no filme “*Em busca da Terra do Nunca*” e na leitura do primeiro capítulo do livro “*Peter e Wendy*”, de James Matthew Barrie, os alunos, após assistirem ao filme e a procederem a leitura do capítulo sugerido do livro, são convidados a analisarem-nos seguindo os questionamentos abaixo.

Analisando a história

1. Tendo por base o filme “*Em busca da Terra do Nunca*” e o primeiro capítulo do livro “*Peter e Wendy*”, de James Matthew Barrie, responda: como você explica o fato de as histórias, por mais fantásticas / maravilhosas que possam ser, muitas vezes serem inspiradas pelo cotidiano, ou seja, retratarem, com linguagem literária, a realidade do escritor/autor ou da sociedade que o cerca? Comente.

As respostas a esta pergunta foram realizadas após muitas discussões a respeito de ficção e não ficção, texto literário e texto não literário encaminhadas no decorrer das aulas anteriores e até de pequenos comentários no dia da realização da atividade. Vale ressaltar que, mesmo os alunos trabalhando com textos literários, fossem eles infantis ou juvenis (hoje infantojuvenis), tais conceitos sempre foram bem pouco trabalhados ou mesmo aprofundados, já que, no Ensino Fundamental, não há a preocupação com este objetivo. No entanto, o pouco que se discutiu a esse respeito com a turma, por acreditar que tais conceitos fossem importantes para o desenvolvimento da SD, foi suficiente para a sua compreensão pela maioria dos alunos tendo em vista as respostas que eles deram às questões propostas neste módulo.

É importante salientar ainda que as transcrições das respostas dos alunos não serão feitas de maneira literal, anotando possíveis erros, já que não é esse o objetivo do trabalho nem há nele a preocupação em analisar processos fonológicos e seus desvios na escrita, porém, na maioria dos casos, procurei preservar a individualidade de produção de cada um, como uso de pronome pessoal do caso reto como objeto

direto ou indireto que serão resolvidos pelos alunos com o tempo. As respostas foram produzidas em pequenos grupos compostos por, no máximo, quatro alunos.

Em relação à inspiração extraída no cotidiano do escritor, um dos grupos mencionou que, “Por mais maravilhosa que seja a história, na vida real não é diferente, sempre há personagens do nosso cotidiano, malfeitores que aparecem para tentar nos derrubar, mas quando temos coragem, lutamos contra essa sociedade. Pirata Barbanegra só mostra mais um personagem”. Talvez complementando a resposta dada, podemos expor a escrita de outro grupo que menciona o fato de que “geralmente o escritor baseia suas histórias em fatos reais, acontecidos na realidade do dia a dia, mas sempre acrescenta acontecimentos impossíveis de acontecer na vida real”, ou seja, ele recheia essa realidade com o fantástico e o maravilhoso para dar a graça da literatura em sua produção.

Ainda em relação à criação de histórias com base no cotidiano, houve mais duas respostas interessantes; a primeira diz que tal fato acontece “porque, quando você tem algo para se inspirar, você faz um texto ou um livro mais legal” e o fato de torná-la “mais legal” parece ser ampliado pela segunda resposta que informa que é “porque a maioria das histórias se parece com um pouco da vida real e o autor se inspirou na vida de uma família e botou coisas que aconteciam, só que com fantasias”. Aqui aparece até uma menção ao conteúdo do filme, inspirado na vida de uma família londrina da época (avó, mãe e quatro filhos) e o mais interessante é a referência à fantasia que perpassa toda a narrativa de *Peter e Wendy* e suas aventuras mágicas. A compreensão dos alunos e a percepção da fantasia dentro do filme e do primeiro capítulo da história e do entendimento do conceito de literatura, mesmo de forma bem pouco abrangente, é algo maravilhoso como resultado do trabalho, uma vez que esta foi apenas a primeira atividade da SD encaminhada aos estudantes.

Para fechar a análise da primeira questão, há mais duas respostas selecionadas que dão conta especificamente do resultado dessa criação fantástica/maravilhosa que tem por base o cotidiano, fugindo um pouco do objetivo da questão, mas sem deixar de ser interessante também, como um grupo que explicou que essa criação serve “para que possamos moldar nosso caráter de uma forma mais fácil e divertida” e que, de acordo com outro grupo, isso se dá “porque a situação do dia a dia facilita a compreensão das histórias”. Portanto, como se observa pelas respostas, não há por parte dos alunos qualquer estranhamento ou descrença pela

presença do fantástico nas histórias (filme e primeiro capítulo do livro), aceitando-os de forma natural e verossímil no encadeamento das ações.

2. Para você, qual a importância da fantasia e da imaginação na vida das pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultas? E como a *Terra do Nunca* que existe em nossas mentes pode ser despertada nos dias de hoje, com tantas tecnologias que nos cercam e com tão pouco tempo para momentos de puro prazer e magia?

A questão suscitou análises e reflexões interessantíssimas por parte dos estudantes, e muitos deles mencionaram a fuga dos problemas do dia a dia, usando a literatura como uma forma de escapismo do real para a fantasia, como acontece nesta resposta, em que se acredita que “as pessoas precisam da imaginação para fugir do mundo real, para fugir da violência”.

Ainda pontuando problemas pessoais do dia a dia, acrescido da viagem que a leitura traz, vale a pena sublinhar mais duas respostas, a primeira esclarece que “a importância da literatura e da imaginação em nossas vidas nos dias de hoje é que elas nos ajudam a viajar pelo mundo literário fantasioso e nos afugentar dos problemas do dia a dia” e a segunda explica que “a fantasia ajuda-nos a esquecer e enfrentar com bom humor nossos problemas e a leitura de livros facilita a termos momentos de puro prazer, magia, alegria e fantasia”, além disso, conforme exposto por uma aluna, “a imaginação [...] mexe muito com a nossa mente e ensina a nos sentirmos uma pessoa criativa, inteligente e feliz junto com a fantasia. É muito bom para crescer uma pessoa criativa”. Claro que quando se assiste a um filme ou quando se lê uma obra literária, não se pensa nos ensinamentos que eles possam trazer, como geralmente acontece na escola e às vezes também na vida (ler para aprender alguma coisa), mas o que a aluna menciona é algo muito maior que esse ensinamento acadêmico que talvez procuramos nas leituras, ela fala de criatividade, de felicidade e de aumento da inteligência por meio da fruição literária e da fantasia da qual o texto literário geralmente está prenhe.

Outra resposta também liga a fantasia à felicidade, conforme comentado anteriormente, algo que dá cor à vida e à existência de um outro mundo possível, ao dizer que “a importância é que sem a imaginação e sem a fantasia não teria graça na nossa vida, seríamos pessoas ignorantes, incapazes de sermos felizes. Com a imaginação a gente pode mostrar um outro mundo, como a *Terra do Nunca*, um lugar

de pura fantasia”. Outro aluno responde que “[...] é bom fantasiar e imaginar as coisas, é bom para todas as pessoas porque nos dias de hoje as pessoas têm muita imaginação, a tecnologia ajuda muito, só que as pessoas não têm muito prazer e magia, só pensam em tecnologia”. A meu ver, o aluno não culpa a tecnologia, como boa parte da população o faz, ele acredita que ela ajuda muito no aumento da imaginação das pessoas, mas como falta a elas “prazer e magia”, a tecnologia não é usada para esse fim, mas simplesmente para o trivial, para navegações em sites, especialmente em acessos a redes sociais, ou mesmo para fins de trabalho e pesquisa (fins exclusivamente práticos, didáticos e de entretenimento e relações sociais).

Esta resposta dá abertura para a reflexão da segunda parte da pergunta, que tem relação com a nossa falta de tempo para ler, para viajar nas páginas deliciosas de uma história, ou de um livro de poemas. Parece que não é falta de tempo, mas sim de otimização do tempo que temos para todos os afazeres diários. Abrir um espaço na agenda para a fruição literária não é impossível, mas talvez difícil pelo que estabelecemos como prioridade. Se a pessoa não tem a leitura como prioridade, tal espaço não será aberto. Os alunos deram algumas respostas de como despertar a “*Terra do Nunca*” existente em nossas mentes, mas não mencionaram nada a respeito da influência da tecnologia como possível entrave desse momento de prazer e magia sendo aludido por uma aluna que “para libertar sua imaginação, basta ler um livro ou ver um filme”. Outra resposta bastante interessante foi a de uma aluna (talvez seja relevante mencionar que ela frequenta a sala de recursos) que afirma que “falta tempo para momentos de prazer, sim, mas nesses momentos escolares, poderiam passar mais histórias para despertar interesses nas crianças, que são sempre crianças”. Talvez o nosso grande pecado seja o de não oferecer em quantidade suficiente a fruição literária para nossos alunos, de explorar esse magnífico universo, de despertar, por meio dela, “a imaginação, a criatividade e a fantasia”, com a magia que ainda está presente nas crianças e adolescentes. Segundo a mesma aluna, “[...] na terra da fantasia, tudo é livre”, mesmo em tempos tão tecnologicamente modernos.

3. Leia o primeiro capítulo do livro “*Peter e Wendy*”, de James Matthew Barrie, em seguida responda:

- O que é, para você, literatura? Na sua opinião, como ela pode recriar a realidade?

Conforme dito anteriormente, essa pergunta só foi feita pelo fato de ter havido uma discussão antes, quando foi debatido brevemente esse conceito com a turma nos comentários a respeito da história do livro de Barrie. Mesmo sendo pouco aprofundada a discussão, algumas respostas selecionadas dão conta do entendimento desse conceito pela maioria dos alunos. Um deles menciona que “a literatura são histórias criadas por todos, histórias de pessoas enfim. Ela pode recriar a realidade porque a gente pode aumentar as coisas, botar coisas fantásticas, tudo o que a gente quiser”, ele liga somente às histórias de pessoas, talvez sofrendo a influência dos textos analisados, mesmo caso desse grupo que respondeu que “literatura [...] é quando um texto recria uma realidade das pessoas[...]” ou do grupo que expõe que “a literatura começa com imaginação na cabeça e é a história verdadeira das pessoas, daí você imagina coisas que não existem, mas que sua mente imagina, fantasia, cria”.

Outro grupo informa que a “literatura é o modo como os escritores encontram para recriar a realidade, mas podem recriar a realidade filmes, novelas, livros, etc.”, ou seja, esse vai além da literatura, citando também filmes e novelas. Quando ele fala de livro, ele quer dizer livro literário, como a história de “*Peter e Wendy*” ora analisado.

Quase todos se referiram ao poder de criação da literatura, como esses grupos que também o fizeram, a exemplo dos anteriores, sendo que um define ser a literatura “a arte de compor versos, romances, dramas e etc.”, já o outro a vê como “a arte de criar histórias. Ela pode recriar a realidade através da imaginação”. Apenas dois grupos focaram a definição na leitura, o primeiro apregoa que “ela pode recriar a realidade lendo bons clássicos da literatura, a gente sempre aprende coisas da vida real” já o segundo sugere que é “tudo o que pode ser lido, usando a fantasia, a imaginação e a criatividade”. De todos os trabalhos, apenas em um deles uma aluna expôs que “a literatura é muito chata porque se tivesse filme em vez de literatura seria mais melhor”. Afinal, muitas pessoas acreditam que assistir a um filme é bem mais fácil, possivelmente por ser mais rápido que ler uma boa história em um livro; o diretor do filme já entrega quase tudo “embalado”, cabendo ao cinéfilo apenas consumir, já o entendimento com a leitura precisa ser construído, ligado ao contexto social, histórico, filosófico... em que vive o autor e o leitor da obra, muito embora tudo isso caiba perfeitamente a inúmeros filmes. Tarefa não muito fácil, como se vê, mas que

proporciona prazer e satisfação indescritíveis, além de mexer com a imaginação, a criatividade, a fantasia e a magia.

4. *“Quando exploramos a ficção é importante que nossa obra seja verossímil, dando ao leitor a ideia de verdade, aproximando-o da nossa realidade. Para construir uma narração que faça sentido ao leitor, todos os seus elementos (enredo, narrador, personagem, tempo e espaço) precisam compor um ‘todo verdadeiro’. É através da verossimilhança, da aproximação da realidade, que o texto se fará real.”* (Marina Cabral).

- Por mais fantasiosa que seja a narrativa, ela precisa ter um encadeamento lógico e essa construção, essa sequência de ações dentro do texto é o que chamamos verossimilhança. O fragmento e o filme possuem verossimilhança? Por quê?

Esta pergunta também foi passível de ser feita pelo fato de ter havido discussões sobre verossimilhança em momentos anteriores à análise, pois acreditei que seria o momento ideal para levantar a questão a fim de que os alunos compreendessem que, dentro da narrativa, o que é contado faz sentido, pois constitui a lógica do texto, mesmo que, aos olhos de muitos, o enredo de determinada história se constitua em algo falso, impossível de acontecer ou mesmo sem lógica ou sentido algum.

Embora a maioria dos alunos tenha respondido que há verossimilhança nos textos analisados, com justificativas como: “porque por mais que o filme e o livro são fantásticos, são baseados na vida de uma família”; “O filme tem verossimilhança por dar realidade a cada sonho, tanto no teatro quanto no sonho da mãe dos meninos, ela conhecendo a *Terra do Nunca*”; “porque ficção são coisas impossíveis de acontecer na vida real, pois são coisas que envolvem sua imaginação, como mostrado no filme ‘Em busca da Terra do Nunca’”; “porque a grande maioria dos filmes é baseada em fatos reais”; “porque fala da fantasia de Barrie misturada com o mundo real”; “porque o fragmento e o filme falam de fantasia e imaginação e falam da mesma realidade da vida real”; “porque sempre que ele via uma coisa, ele imaginava de um jeito diferente, mas semelhante àquilo que ele via”. Como se pode observar pelas justificativas, os alunos, em sua maioria, não conseguiram assimilar muito bem o conceito de verossimilhança e não se aprofundaram nas respostas, mas é possível perceber que

a maioria dos grupos compreendeu em parte esse conceito, embora algumas respostas tenham ficado um pouco confusas. Isso, no entanto, não atrapalha o desempenho dos alunos em respostas anteriores, já que eles demonstraram que compreendem a lógica interna dos textos, por mais absurdos que os fatos narrados possam parecer. Se bem construído o enredo, tudo se justifica no contexto da ficção.

5. Levando-se em conta a informação de que “a fantasia pode ser tão real, e necessária, quanto a realidade”⁵ e analisando as seguintes falas extraídas do filme, reflita e responda:

Trechos do filme “*Em busca da Terra do Nunca*”

Diálogo entre Barrie e Mary sobre a criação de obras literárias

Mary: Para criar esse mundo mágico, eu imaginava que os gênios se retiravam para um lugar secreto, onde as grandes ideias fluíam feito folhas no outono, e eu esperava que, ao menos uma vez, você fosse me levar lá.

Barrie: Esse lugar não existe.

Mary: Existe sim. A Terra do Nunca!

Diálogo entre Barrie e Peter sobre a morte de Sylvia.

Barrie: Ela está em cada página da sua imaginação e sempre estará, sempre!

Peter: E por que ela tinha que morrer?

Barrie: Eu não sei por quê. Quando lembrar de sua mãe, eu lembrarei da expressão dela sentada na saleta, assistindo a uma peça sobre a sua família e sobre meninos que nunca vão crescer. Ela foi para a Terra do Nunca. Você pode vê-la sempre que quiser. É só ir até lá.

Peter: Como?

Barrie: Acreditando, Peter. Basta acreditar!

- Deve haver espaço para separação entre literatura para crianças, para jovens e para adultos (excetuando-se, no último caso, histórias típicas dessa faixa etária, proibidas para menores), ou as narrativas dependem apenas de nossa recepção, de

⁵ Criticando “Em busca da Terra do Nunca”. Disponível em: <<http://aquinta-essencia.blogspot.com.br/2012/01/criticando-em-busca-da-terra-do-nunca.html>>. Acesso em: 18 de março de 2014.

nosso interesse e da *Terra do Nunca* que cada ser humano tem dentro de si, precisando apenas ser despertada?

- Meninos que nunca crescem pode ser uma metáfora. Como você interpreta esta frase?

Pelo fato de os alunos terem estudando em aulas anteriores algumas figuras de linguagem especialmente aquelas que aparecem muito em textos literários, como as metáforas, por exemplo, eles foram convidados a discutir sobre o assunto. Em resposta à primeira pergunta a respeito da divisão entre literatura para crianças, para jovens e para adultos, a maioria respondeu que ela não deve existir, já que a fruição “depende de nossa imaginação”, sendo assim, “a literatura pode ser lida por jovens, adultos e velhos”, sem haver, portanto, classificação por faixa etária, excetuando-se as literaturas proibidas por conta de apelo sexual ou violência extremada.

Um grupo respondeu que “meninos que nunca crescem” é uma metáfora e justificou dizendo que “as pessoas crescem mas tem pessoas que pensam que o mundo é apenas uma brincadeira e por isso acabam pensando como crianças”. Resposta não menos interessante foi dada por outro grupo que justificou o “sim” expondo que “apesar de crescermos, todos nós temos em nosso interior uma criança adormecida”. Nota-se aqui o poder que os alunos atribuem à literatura, sendo ela, pelo exposto, capaz de despertar emoções, de trazer à tona a criança adormecida em nós, e ela, pelo visto, liga-nos ao passado, ao tempo da inocência, ao tempo de brincadeiras e de imaginação e magia, sem contar aquelas pessoas “que querem viver apenas na infância e fora da realidade”, conforme encontrado em respostas nos trabalhos dos alunos.

Outras reflexões dão conta que é “porque ele (Barrie) fala que pessoas que têm imaginação, não crescem, pois a imaginação torna elas crianças”. Para boa parte dos alunos, “os meninos que nunca crescem imaginam, fantasiam e eles podem fazer tudo o que eles quiserem”. Assim, é fácil perceber que, para muitos estudantes da turma, “a imaginação nunca acaba dentro das pessoas” e um grupo deseja “que as pessoas sempre sejam uma criança”.

Nada mal para um primeiro módulo recheado de grandes surpresas, demonstrado pela percepção e comentários dos alunos a respeito de seu entendimento sobre a magia, a fantasia e a verdade expressa na ficção.

Ainda pensando em se aprofundar na mistura de ficção e realidade, o módulo seguinte é uma verdadeira viagem pela realidade fantasiosa da personagem Gabriel (esquizofrênico) e sua incursão pelo conto de fadas “Neverwas”, de cujo castelo ele era o rei e de cujo reino ele era o defensor.

3.4 MÓDULO II – O MUNDO DE FANTASIAS EM *NEVERWAS*

Objetivos específicos:

- Assimilar que, embora as pessoas vivam focadas na realidade, a vida de cada um é repleta de fantasia;
- Entender a influência da fantasia no dia a dia das pessoas;
- Relacionar a história do filme “O segredo de *Neverwas*” com os contos de fadas (e seus elementos como: castelos, reis, tiranos, príncipes, princesas...) conhecidos pelos alunos, estabelecendo semelhanças e diferenças entre estes e o livro infantil mencionado no filme e também ao enredo do filme como um todo;
- Aprofundar os conhecimentos e as diferenças estabelecidas entre realidade e ficção para ter noção da importância de cada uma na vida das pessoas;
- Estabelecer fruição com a leitura do texto literário, assimilando a mistura entre ficção e realidade presente no filme *O segredo de Neverwas* e no conto *Continuidade dos parques*, de Júlio Cortázar.

O segredo de Neverwas – Para refletir e analisar

TEXTO A

Miguel de Cervantes

escritor espanhol, 1547-1616

Uma coisa é escrever como poeta, outra como historiador: o poeta pode contar ou cantar coisas não como foram, mas como deveriam ter sido, enquanto o historiador deve relatá-las não como deveriam ter sido mas como foram, sem acrescentar ou subtrair da verdade o que quer que seja.

TEXTO B

Mário Quintana

escritor gaúcho contemporâneo

Eu já escrevi um conto azul, vários até. Mas este é um conto de todas as cores. Porque era uma vez um menino azul, uma menina verde, um negrinho dourado e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris.

Até que apareceu uma Comissão de Doutores – os quais, por mais que esfregassem os nossos quatro amigos, viram que não adiantava. E perguntaram se aquilo era de nascença ou se...

– Mas nós não nascemos – interrompeu o cachorro. – Nós fomos inventados!

QUINTANA, Mario. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 512.

Embora o presente módulo traga em seu bojo questões aparentemente simples, alguns alunos ainda apresentam muitas dificuldades para separar ou mesmo definir o que é ficção e o que é realidade e, levando-se em conta tratar-se de alunos da última série do Ensino Fundamental, as questões ou reflexões não poderiam ser muito complexas, pois o objetivo maior era extrair deles sua percepção do que consideram real ou ficcional e as discussões suscitadas em grupo, cujo resultado expuseram como resposta nessa atividade.

1. Pelo que você leu no texto A, a fala do historiador é real ou ficcional? Explique.

Mesmo a questão sendo bastante simples e demasiadamente básica, com momentos de discussão no grupo e tira dúvidas com o professor, ainda assim um grupo disse tratar-se de ficção, já os demais grupos responderam que ele está pautado na realidade e, como forma de justificá-la, um grupo respondeu: “na realidade, pois ele fala que a história deve ter a formação original, sem substituir a verdade acrescentando algo”; o segundo grupo escolhido informou ser “realidade, porque o historiador só pode relatar o que acontece realmente sem inventar nada”; o terceiro grupo respondeu “que o historiador tem que se basear na realidade e não deve ser ficção, porque vai sair da realidade”. Os demais grupos seguiram mais ou menos a mesma linha de raciocínio, ficando, no geral, com a justificativa de que “o historiador não pode fugir da realidade”, “não pode inventar nada”, “pelo fato de falar

de fatos verdadeiros” ou mesmo de “contar uma história do passado, que realmente aconteceu e que foi provado que é verdadeira”, enfim, respostas muito parecidas, mas que deram conta de explicar de maneira simples o que o grupo conseguiu entender a respeito da ficção e da não ficção

2. Já a escrita do poeta (romancista, contista, autor de novelas...) é real ou ficcional? Explique.

O mesmo grupo que respondeu, na questão anterior, que a fala do historiador é ficcional, disse, nesta resposta, que a escrita do poeta é “real porque um poeta falou da realidade e da vida dele”. Todos os outros grupos responderam que a fala do poeta é ficcional e as justificativas mais interessantes foram as que informaram que “é ficção, por exemplo, as novelas têm um pouco de realidade, mas há algumas em que acontecem coisas incríveis”, outro grupo justificou ser “ficcional, porque no mundo real não existe menino verde nem cachorro da cor do arco-íris”; ainda tivemos aqueles que informaram ser ficcional “porque o poeta não fala a realidade”, “porque são histórias com fantasia”, ou mesmo “porque é uma invenção”. Outros grupos tocaram no ponto da imaginação.

3. Que seres ou fatos do segundo texto não encontram correspondência na realidade concreta? Eles são ficção, portanto?

Outra pergunta bastante simples e básica que não suscitou grandes reflexões, como, aliás, aconteceu com a primeira e a segunda, mas são necessárias, conforme esclarecido anteriormente, para medir a percepção dos alunos no tocante aos temas da realidade e da ficção.

Todos os grupos reportaram-se aos seres presentes no poema, ora deixando um ou outro de lado, ora expondo todos eles, quais sejam, “um menino azul, uma menina verde, um negrinho dourado e um cachorro com todos os tons e entretons do arco-íris”. Como justificativa um grupo expôs que, “no próprio texto o cachorro fala: ‘– Mas nós não nascemos. Nós fomos inventados’, por isso é que são fictícios”, usando, para justificar, elementos do próprio texto. Outro justificou que é “imaginação”, já os demais não expuseram respostas além dessas reflexões superficiais e demasiadamente básicas.

4. Há, no texto B, verossimilhança (que dá ao leitor a ideia de verdade, aproximando-o da nossa realidade, ou seja, da realidade da ficção, não da realidade do mundo concreto, não ficcional), em outras palavras, as ideias estão bem organizadas a ponto de “mergulharmos no texto” e acreditarmos na “verdade” do autor? Comente.

Embora não seja relevante o aprofundamento de alguns conceitos, insisto aqui na questão da verossimilhança, sem a preocupação com tal definição, mas na perspectiva de levar o aluno a compreender a lógica interna do texto.

Aqui, três grupos responderam não haver verossimilhança no texto, talvez pelo fato de o grau de ficção que ele deixa transparecer ser bem maior que o apresentado na análise presente no módulo 1. Tendo sido selecionadas duas justificativas para a explicação do fato, a primeira esclarece que “não tem verossimilhança porque tem muitas ficções, não tem total semelhança com o mundo real”. Pelo visto os alunos acharam muito exagerado o teor ficcional do texto, percebendo, talvez, alguma semelhança com o mundo real, mas não semelhança total, o que gerou certa dúvida entre os componentes do grupo. Já a segunda resposta dá conta que “não, pelo fato de o texto estar pequeno, deles mesmos falarem que foram inventados e não tem nada a ver com a realidade e os personagens são coloridos”. Nesse caso, o grupo não percebeu nenhuma relação do mundo ficcional presente no poema com o mundo real, mencionando, inclusive, o tamanho do texto, sem levar em conta, assim como acontece com o primeiro grupo, a lógica, o encadeamento das ações, a verdade ou mesmo os sentidos emanados do texto.

Uma resposta bastante interessante dos grupos que acreditaram haver no poema verossimilhança foi de um que justificou o sim explicando que, “quando você lê uma história, você acaba acreditando que seja realidade, porque na história aquilo é possível de acontecer”. Uma possível complementação para essa justificativa foi dada por outro grupo que esclareceu que a verossimilhança presente no texto se dá “porque as personagens são incríveis, sim, mas as ideias do livro estão bem organizadas”, tendo apenas gerado uma pequena confusão entre poema e livro, mas esclareceu muito bem a resposta.

Mais dois grupos responderam haver verossimilhança e trouxeram justificativas que valem a pena registrar. Em uma delas temos que “o autor escreve uma história bem feita que faz o leitor torcer por uma personagem mesmo sabendo que não é real”;

na outra o grupo esclarece que “sim, por ler profundamente e entrar no mundo do texto e ter vontade de mudar o que não existe, para que seja realmente verdadeiro, e por torcer pelos personagens”. Mesmo sem saber ou sem se aprofundar no assunto, eles falam da essência da literatura, do envolvimento que o leitor tem com ela quando o texto é bem feito e porque não dizer do poder humanizador que ela carrega, transformando mundos, realidades e proporcionando viagens sem fim pelas suas páginas, pondo o leitor em contato com personagens tão fabulosas que chega a lhe parecer custosa a despedida, podendo ser este simplesmente um breve adeus quando da conclusão da leitura, com a certeza de que ele poderá embarcar na mesma viagem ou percorrer caminhos não vistos anteriormente sempre que retomar aquela deliciosa leitura.

TEXTO C

Continuidade dos Parques

Júlio Cortázar

A história de um homem que lê um romance nos leva a indagar: quais são os limites entre a realidade e a ficção

Começara a ler o romance dias antes. Abandonou-o por negócios urgentes, voltou à leitura quando regressava de trem à fazenda; deixava-se interessar lentamente pela trama, pelo desenho dos personagens. Nessa tarde, depois de escrever uma carta a seu procurador, discutir com o capataz uma questão de parceria, voltou ao livro na tranquilidade do escritório que dava para o parque dos carvalhos. Recostado em sua poltrona favorita, de costas para a porta que o teria incomodado como uma irritante possibilidade de intromissões, deixou que sua mão esquerda acariciasse, de quando em quando, o veludo verde e se pôs a ler os últimos capítulos. Sua memória retinha sem esforço os nomes e as imagens dos protagonistas; a fantasia novelesca absorveu-o quase em seguida. Gozava do prazer meio perverso de se afastar, linha a linha, daquilo que o rodeava e de sentir ao mesmo tempo que sua cabeça descansava comodamente no veludo do alto respaldo, que os cigarros continuavam ao alcance da mão, que além dos janelões dançava o ar do entardecer sob os carvalhos. Palavra por palavra, absorvido pela trágica desunião dos heróis, deixando-se levar pelas imagens que se formavam e adquiriam cor e movimento, foi

testemunha do último encontro na cabana do mato. Primeiro entrava a mulher, receosa; agora chegava o amante, a cara ferida pelo chicotaço de um galho. Ela estancava admiravelmente o sangue com seus beijos, mas ele recusava as carícias, não viera para repetir as cerimônias de uma paixão secreta, protegida por um mundo de folhas secas e caminhos furtivos, o punhal ficava morno junto a seu peito, e debaixo batia a liberdade escondida. Um diálogo envolvente corria pelas páginas como um riacho de serpentes, e sentia-se que tudo estava decidido desde o começo. Mesmo essas carícias que envolviam o corpo do amante, como que desejando retê-lo e dissuadi-lo, desenhavam desagradavelmente a figura de outro corpo que era necessário destruir. Nada fora esquecido: impedimento, azares, possíveis erros. A partir dessa hora cada instante tinha seu emprego minuciosamente atribuído. O reexame cruel mal se interrompia para que a mão acariciasse a face do outro. Começava a anoitecer.

Já sem se olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Correu por sua vez, esquivando-se de árvores e de cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachorros não deviam latir, e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Subiu os três degraus do pórtico e entrou. Pelo sangue galopando em seus ouvidos chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.

CORTÁZAR, Julio. *Final do jogo*. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1971. p. 11-13.

Faça uma reflexão sobre o conto lido escrevendo a respeito dos seguintes itens:

- a mistura que pode haver entre realidade e ficção;
- se há ou não possibilidade de viver em um mundo imaginário como vivia o personagem Gabriel no filme *O segredo de Neverwas*;
- Relembre os contos de fadas (era uma vez...) lidos em sua vida e relacione o conteúdo deles (castelos, reis, calabouços...) ao livro infantil mencionado no filme, bem como ao filme *O segredo de Neverwas*;

- imagine e anote também no texto a importância de Zach e do livro “Neverwas” para Gabriel;
- fale um pouco de sua doença baseando-se tão somente em suas atitudes no filme;
- comente a respeito das características psicológicas de Gabriel.

Obs. A análise do filme e do conto não devem ser realizados de maneira isolada. Tentem relacionar o filme e o conto sem responder aos itens separadamente. Seu texto deve ser sequencial, coerente e coeso, não fragmentado.

- A esquizofrenia é uma doença psiquiátrica endógena (que se forma no interior), que se caracteriza pela perda do contato com a realidade. A pessoa pode ficar fechada em si mesma, com o olhar perdido, indiferente a tudo o que se passa ao redor ou, os exemplos mais clássicos, ter alucinações e delírios. Ela ouve vozes que ninguém mais escuta e imagina estar sendo vítima de um complô diabólico tramado com o firme propósito de destruí-la. Não há argumento nem bom senso que a convença do contrário.



Sinopse⁶: *Neverwas é um emocionante filme sobre como a fantasia e o conto-de-fadas podem ser importantes para nossas vidas. Zach (Aaron Eckhart) vai trabalhar no instituto de psiquiatria em que seu pai, Pierson (Nick Nolte), esteve internado por alguns anos. Conhecido publicamente pelo best-seller infantil que escreveu antes de sua trágica morte, Pierson sempre foi um mistério para seu filho, com quem mantinha uma relação distante. A partir do relacionamento com Gabriel (Ian McKellen) paciente esquizofrênico do instituto, e Maggie (Brittany Murphy), jornalista que está fazendo um trabalho sobre Pierson, Zach começa a entender o mundo de fantasia em que seu pai vivia desvendando os segredos do livro e de sua própria vida.*

Em relação às duas primeiras reflexões que tratam especificamente da ficção, da realidade e da possibilidade de se viver em um mundo imaginário como vivia a personagem Gabriel, bem como das duas últimas a respeito da doença da personagem e de suas características psicológicas, os alunos escreveram algumas

⁶ Disponível em: < [http://www.interfilmes.com/filme_17230_O.Segredo.De.Neverwas-\(Neverwas\).html](http://www.interfilmes.com/filme_17230_O.Segredo.De.Neverwas-(Neverwas).html)>. Acesso em: 18 de março de 2014.

respostas bem profundas. Um dos grupos respondeu que “nesse caso existe muita ficção, muita imaginação e bem pouca realidade, pois se trata de um homem com esquizofrenia que tem alucinações e um mundo cheio de imaginação em sua cabeça, no qual seria impossível para uma pessoa normal viver”, em outras palavras, isso só é possível por causa da doença, mas uma pessoa sem qualquer problema de esquizofrenia, segundo o grupo, não poderia ou não conseguiria viver neste mundo de faz de conta.

Todos os grupos escreveram respostas bem longas e bem esclarecedoras, alguns pesquisaram em sites para se aprofundarem no tema, outros focaram suas justificativas mais na questão da doença, sendo assim, cabe um recorte das respostas atribuídas para não ficarmos com uma análise longa e provavelmente repetitiva. O mais interessante das análises feitas pelos alunos foi que nenhum grupo se ateve apenas à pequena explicação dada no corpo do trabalho sobre o que é a doença e quais as características do esquizofrênico, pois, pela profundidade das respostas, houve pesquisas e bastante diálogo entre seus componentes.

Excetuando-se as respostas que descreveram a doença, o que acontece com as pessoas e como se forma a alucinação em suas cabeças, entre outras, respostas como a do grupo que justifica que, “para algumas pessoas a fantasia é o mundo real para ela, porque essa pessoa não consegue ver a realidade do jeito que ela é, assim vivendo na fantasia” e do grupo que aponta que “a realidade e a ficção não são diferentes uma da outra e é possível viver no mundo imaginário só se quiser, mas não acredito que dê para viver no mundo imaginário como vivia Gabriel no filme, mas como ele tinha uma doença, não era difícil viver lá no mundo imaginário” dão conta da profundidade das discussões e do entendimento dos grupos em relação à essa ligação entre fantasia e realidade. Outro grupo explica que “nós todos os dias vivemos imaginando coisas boas e coisas ruins entre outras coisas, mas uma coisa é viver num mundo imaginário, igual ao personagem Gabriel. Na minha opinião não seria possível viver nesse mundo de fantasia, pois a realidade é que conta em nossa vida e há muitas responsabilidades nessa realidade”. Como se percebe por essas últimas respostas, quando alguns, pelo fato de vivermos imaginando coisas e mais coisas em nosso dia a dia, justificam que podemos, sim, viver no mundo de fantasias, mas uma fantasia “controlada”, que não nos tira do mundo real pois, conforme justifica a última resposta, é a realidade que conta, já que temos inúmeras responsabilidades e delas não podemos fugir.

A respeito dos contos de fadas que povoam a mente dos alunos, mencionarei nessa análise o trabalho de dois grupos, o primeiro justificando que “contos de fadas são muito parecidos com o filme *O segredo de Neverwas*, que fala muito sobre os castelos, reis, heróis, calabouços, etc., isso era tudo real para ele e queria que todos acreditassem nele”. Nessa reflexão, temos mais uma vez a informação de que essa personagem vivia em seu mundo de fantasias, vivia “dentro” do livro, como personagem daquela história que tratava do reino de Neverwas, reportando os fatos dos contos de fadas ao filme que, pela visão dos alunos, não deixa de ser um conto de fadas moderno. O segundo grupo em destaque correlacionou o filme ao mundo real, informando que, “como no filme, existem muitas coisas na vida real, como os heróis por exemplo, pois na nossa vida temos o policial, o bombeiro, o médico, entre outros, temos presidente, governador, prefeito, vereador, ao invés de ter rei, rainha, príncipe, princesa. Esses políticos que governam nosso país, estado, cidade, todo o nosso mundo, como no conto de fadas. Castelos imensos também temos no nosso Brasil, castelos como nos contos de fadas”. Pelo entendimento do grupo, essa comparação do que acontece na maioria dos contos de fadas tradicionais não é muito diferente dos países que não têm reinos, que possuem o regime denominado presidencialismo, por exemplo. Os elementos e a dinâmica aqui, para eles, é basicamente a mesma existente nos contos de fadas.

Quanto à importância de Zachary e do livro na vida da personagem Gabriel, os alunos destacaram muito o que estava na cabeça de Gabriel “e que afirma ser rei de Neverwas”. Segundo um dos grupos, ele “acredita que Zachary possa ser seu aliado e que poderá ajudá-lo na sua luta para salvar seu reino fantástico e imaginário que se encontra em perigo”. Resposta corroborada pelo grupo que afirma que, “na mente de Gabriel, ele foi o escolhido para vir salvá-lo, o livro é a vida dele e com o livro, o personagem Zach descobriu o que é a realidade”. Aqui foi acrescentada a informação a respeito do livro, fato que não ocorrera com o grupo precedente e o fato de, por meio de sua análise, o psiquiatra conseguir descobrir informações precisas e importantes não somente a respeito do doente, como também em relação a sua própria vida e de sua convivência com o pai, autor do conto de fadas em questão. Respostas bem parecidas com esta, houve outra, na qual os alunos justificaram que, “para Zach isso era uma doença, mas para Gabriel seu reino com seu castelo de paredes de pedra, muitas decorações, passagens secretas e calabouço, poderia ser destruído pelos anões e Zach era o único que poderia salvar o seu reino”. Outra resposta interessante

sugere que “Zach, seu psiquiatra, na mente de Gabriel, foi o escolhido para vir salvá-lo e Zach e o livro eram muito importantes para Gabriel, o livro era a vida dele, que ele vivia e com o livro, o personagem Zach foi ligando os fatos e descobriu o que realmente aconteceu no passado, o seu pai, que já havia morrido, escreveu o livro baseado na história vivida pelo Gabriel”. Temos, assim, neste último caso, uma gradação de ideias bem detalhada daquilo que realmente aconteceu na história, uma síntese perfeita do filme e dos acontecimentos mais relevantes, o que demonstra que, por mais que reclamemos de nossos alunos que não conseguem parar para se concentrar em uma atividade, eles ficaram mais de duas horas presos a uma história em uma tela grande e conseguiram captar a essência de seu enredo de maneira profunda e criativa, entendendo a mente de personagens tão complexas e de suspense não tão fácil de compreender.

O último grupo que pretendo destacar faz uma relação entre o conto *Continuidade dos parques* e o filme nestes termos: “No texto de Júlio Cortázar havia a história de um homem que lê um romance e se mistura com a realidade em que ele estava vivendo. Isso pode acontecer no dia a dia de qualquer pessoa quando ela tem de resolver um problema e a resposta está no livro e ela não consegue parar para buscar informações no livro. No filme ‘*O segredo de Neverwas*’ o personagem Zach vive esta mesma situação quando vai trabalhar no hospital em que seu pai esteve internado e entra em contato com Gabriel que vive no mundo da fantasia”. Mesmo com resposta um pouco confusa, o grupo parece ter entendido que houve a mesma relação, só que pelo inverso, já que, no conto, o personagem saiu da história e invadiu o mundo do leitor, enquanto que no filme os personagens (tanto Gabriel quanto Zachary) recorrem ao conto de fadas para viver sua realidade um e para buscar respostas para os problemas do paciente e fatos do seu passado, outro.

3.5 MÓDULO III – O AMOR EM QUESTÃO: ANÁLISE DA HISTÓRIA FANTÁSTICA *UM AMOR SEM PALAVRAS*

Objetivos específicos:

- Analisar a história *Um amor sem palavras*, de Marina Colasanti, ampliando a noção de texto literário e sua importância na vida dos indivíduos;
- Ampliar os conhecimentos da definição de texto literário como forma de

facilitar a produção de contos por parte dos alunos e a compreensão das narrativas orais que farão parte do corpus do projeto;

– Realizar atividades diversas com o intuito de melhorar o entendimento e a diferença entre verdades expressas nos textos literários e a realidade que cerca o leitor.

Um amor sem palavras: uma análise possível

O aluno está convidado a produzir um texto refletindo sobre as questões do amor presentes na história e tendo por base as seguintes perguntas:

1. Segundo Silva (2009, p. 242) “a viagem de valor simbólico costuma associar-se a uma busca [...]”. Para você, o que buscava a Sombra ao deixar a Árvore abandonada à própria sorte? Por que ela foi embora? E a árvore, por que não fez nada para impedi-la?

2. Você acredita que a árvore amava realmente a sombra?

3. A árvore foi definhando pouco a pouco. Você acredita que isso ocorreu por causa da tristeza que a ausência da sombra causou a ela ou simplesmente isso se deve ao fato de a sombra ser útil e necessária à árvore?

4. Mesmo abandonando a sua amiga, você acredita que a sombra amava a árvore, o sapo e aquele lugar? Será que a sombra tinha consciência do seu papel na vida deles e agora sentia falta de tudo aquilo? Comente.

5. Muitos tentam e já tentaram definir o amor. Alguns conseguiram satisfatoriamente, outros nem tanto. E você, como definiria o amor?

6. De que maneira essa história tocou seu coração e mudou seu jeito de ver as coisas? Ou você não foi em nenhum momento tocado por ela? Discorra sobre suas impressões sobre o texto de Marina Colasanti. (Parte dessas reflexões foi baseada em texto da professora Eliana Cristina, disponível em: <<http://www.diainfo.com.br/arte-cultura/ensino/um-amor-sem-palavras-de-marina-colasanti>>. Acesso em: 18 de março de 2014.)

Das respostas mais significativas, em que os alunos refletem a respeito de suas definições e entendimentos sobre o amor, a partir dos elementos presentes na história que tem sua construção na base da personificação, figura que dá vida quase humana

à Árvore e à Sombra, personagens dessa fantástica história, foram selecionados seis textos dos alunos, os menos repetitivos, já que em muitos deles as respostas são bastante parecidas, não necessariamente devido a possíveis plágios, mas devido às questões de compreensão e entendimento de cada um mesmo que tenham sido bem parecidas.

No primeiro texto, a aluna responde que:

“A sombra buscava alguém que a amasse, que não fosse ingrata como aquela árvore. Então foi embora porque achava que a árvore não a amava, pois a árvore não agradecia à sombra e nem olhava para a sombra e quando olhava, era como se estivesse olhando sua silhueta no espelho. A árvore não a impediu porque era altiva e só sentiu falta da sombra quando começou a definhar, por isso acredito que a árvore não amava realmente a sombra e sentiu falta dela porque ela era útil e necessária para a sua existência.

Mesmo abandonando a árvore, o sapo e aquele espaço, penso que a sombra os amava, pois quando descobriu o que estava acontecendo com a árvore e o que aconteceu com o sapo e aquele lugar, se arrependeu de ter abandonado a árvore e voltou para ela.

Para mim o amor é como o abraço nos dias difíceis, é como o poste iluminando a rua escura, é como a lua que ilumina a noite, o amor é sentir que não está abandonado.

A história tocou meu coração por ver a sombra partindo por não estar sendo amada e voltando preocupada com a árvore. Minha impressão sobre o texto de Marina Colasanti é que ela explica o amor nas formas impensáveis”.

O texto da segunda aluna selecionada assinala que:

“Ela buscava amor, diálogo, carinho, atenção e quem se importasse com ela, a sombra foi embora porque a árvore a via apenas como se olhasse sua própria imagem, como se visse sua silhueta refletida num espelho. A árvore não se importava com ela.

Não acredito que a árvore amasse a sombra porque ficavam lado a lado sem trocar palavras, isso não é gostar, isso é quando gosta e não gosta, penso que ela só precisa da sombra para viver. Creio que a sombra amava todos eles. O sapo morreu,

a árvore começou a definhando com a falta da sombra, eu acho que a sombra sabia do seu papel na vida deles.

O amor não tem como explicar, o amor é verdadeiro, puro, único, é muito diferente de paixão. Tem pessoas que confunde.

Eu viajei com a história como se eu estivesse lá nela, gostei, muito bom”.

A terceira resposta escolhida, também de uma aluna, explica que:

“A sombra decidiu que viver com alguém que não a amava era preferível partir. Foi embora porque ficou sabendo que morava com alguém que não a amava. A árvore não fez nada para impedi-la porque só olhava para cima, por isso acredito que ela não amava a sombra porque ela só olhava para cima, ou seja, pensava em si.

A árvore foi definhando, ou seja, secando, porque a sombra era útil a ela, e depois que a sombra foi embora, a árvore secou-se pouco a pouco.

A sombra amava a árvore e quando estava ao pé de uma castanheira não conseguiu dormir pensando no sapo que não coaxava mais e nas frutas sem sumo, nas raízes que não tinham forças para mandar a seiva até as folhas. Então a sombra tinha consciência da vida deles e sentia falta de tudo aquilo.

O amor para mim é saber perdoar, é saber perdoar que se nasce o amor. A amizade sem briga é um ato de amor.

A história me tocou quando a sombra foi embora e pensou em seus melhores amigos”.

O quarto texto produzido por um aluno registra que:

“A sombra, ao deixar a árvore tenta achar alguém que a ama, mas aí ela percebe que aquela árvore a amava, mas do jeito dela, mas a árvore não a impediu porque era a vontade da sombra.

Creio que a árvore amava a sombra, mas do jeito dela.

A árvore foi definhando pouco a pouco porque a sombra era útil e necessária a ela.

Porque o seu papel a cumprir era naquele lugar e ela amava tudo aquilo.

Eu defino amor de apaixonado como uma coisa melosa e o amor de amizade como algo que todo mundo tem um pelo outro.

Tocou de um jeito que me fez perceber que quando nós abandonamos alguém, a gente sempre sente saudade e quer voltar”.

A quinta resposta escolhida para figurar nesse trabalho, produzida por uma aluna, pontua que:

“A sombra buscava alguém que olhava para ela, porque ela pensou que a árvore não a amava. A semente era o sol. Nem ela se prendia às raízes.

A sombra amava a árvore porque no penúltimo capítulo fala que as duas queriam ficar coladas e juntas.

A árvore foi definhando porque a sombra era útil e necessária para a árvore.

A sombra amava a árvore. Era da natureza de sombra estar colocada no chão e ocupar-se de pequenos seres. Era da natureza de ambas viverem assim lado a lado.

O amor é aquilo que sai do coração, carinho, apoio, honestidade e lealdade, etc., é difícil explicar o amor.

Me tocou o coração a maneira que a sombra vê as coisas, a hora em que a sombra vê que a árvore precisava dela”.

O sexto e último texto selecionado pertence a uma aluna de visão bem pessimista a respeito do amor, dos acontecimentos da história e, aparentemente, das relações entre os seres, das ações de saber perdoar, aceitar, conviver... Ela responde que:

“A sombra buscava aquilo que a árvore não lhe dava e achou que se fosse para outra árvore, teria aquilo. Porque a árvore não demonstra afeto por ela como ela pela árvore. Eu acredito, por isso, que a árvore não amava a sombra e penso que a sombra seja útil e necessária à árvore.

Creio que a sombra amava tudo aquilo, a árvore e o sapo e ela só foi embora porque a árvore era altiva e achou que a árvore não ligava para ela.

O amor para mim é uma perda de tempo.

Não fui tocada de nenhuma maneira, somente tocou-me pelo ódio, porque se eu fosse a sombra, deixaria a árvore morrer”.

3.6 MÓDULO IV – 1º INTERVALO – LEITURA DO LIVRO *PETER E WENDY*, DE J. M. BARRIE

Objetivos específicos:

– Analisar a história de “*Peter e Wendy*”, de James Matthew Barrie, observando

o comportamento de várias de suas personagens, suas ações, suas características marcantes, em busca de uma reflexão sobre os termos usados por autores de livros infantojuvenis que procuram mascarar defeitos e atitudes ríspidas de seus protagonistas ou heróis;

- Compreender porque essa história cativa tantas pessoas ainda nos tempos atuais;

- Aprofundar as discussões sobre a divisão editorial que há entre livros produzidos e “idealizados” para crianças, jovens e adultos, marcando, nesta obra, as peculiaridades que encantam tanto o público infanto-juvenil quanto o público adulto.

A Terra do Nunca em análise

As atividades relacionadas ao livro *Peter e Wendy*, devido à quantidade de páginas e de capítulos que compõe o mesmo, foram realizadas em três etapas, sendo a primeira relativa aos capítulos de 1 a 4, (1. Surge Peter; 2. A sombra; 3. Vamos embora! Vamos embora!; 4. Em pleno voo); a segunda relacionada aos capítulos de 5 a 11 (5. A ilha vira realidade; 6. A casinha; 7. A casa debaixo da terra; 8. A lagoa das sereias; 9. A Ave do Nunca; 10. Um lar feliz; 11. A história de Wendy) e a última análise correspondente aos capítulos de 12 a 17 (12. O rapto das crianças; 13. Quem acredita em fadas?; 14. O navio pirata; 15. “Dessa vez, ou Gancho ou eu”; 16. A volta para casa; 17. Quando Wendy cresceu), porém, em alguns momentos, com questões que traziam o aluno de volta aos capítulos anteriores, contextualizando toda a história.

A análise das respostas, no entanto, não seguirá essa divisão, que foi puramente didática, sendo ela realizada na sequência das perguntas, sem a preocupação de separar o que foi de análise e de interpretação na primeira parte, na segunda ou na terceira.

Mesmo com o conhecimento de que o livro de J. M. Barrie é bem pouco lido na atualidade, é difícil encontrar alguém que nunca tenha ouvido falar, lido alguma versão possivelmente atualizada da obra, assistido a um filme que retrata a história ou mesmo um desenho animado que traz ao público uma Sininho com silhueta finíssima ou um garoto voador a quem todos chama de Peter Pan, além da menina Wendy, é importante que os alunos reflitam a respeito dessa magnífica história e por que ela cativa tanto as pessoas, pois eles são, talvez, uns dos poucos privilegiados nos dias de hoje a terem contato com história tão fantástica e de personagens tão conhecidos,

fascinantes, maravilhosos e famosos como os encontrados no livro original. Por isso, as respostas dadas pelos alunos se tornam ainda mais importantes pelo contexto de consumo e de divulgação dessa obra.

1. Na sua opinião, o que essa história tem de especial e por que ela cativa tantos leitores de todas as idades?

As respostas dadas pelos grupos podem ser divididas em blocos. No primeiro, serão expostas as respostas que tratam especialmente das personagens fantásticas e da imaginação presente em seus episódios. Nesse quesito, um grupo respondeu que é “porque ela tem o incomum, como personagens voadores, crianças que não crescem, piratas, etc”, além de ser “porque tem coisas incríveis e coisas reais” acontecendo nela, conforme mencionou um segundo grupo. O terceiro grupo focou sua resposta na realidade e na ficção, expondo que “essa história tem de especial a forma com que são divididos os mundos de realidade e ficção. Ela cativa pelo modo de escrita que desperta a imaginação do leitor isso é legal”. Não foi explicado o modo como “ela cativa” o leitor para, enfim, despertar sua imaginação, explicitamente, mas fica claro aqui que o grupo se envolveu com a história e acredita que foi cativado e que teve sua imaginação despertada por ela. O quarto grupo esclareceu que o motivo é “porque o conto é uma fantasia dos sonhos da Wendy e dos irmãos dela”, chamando-a de conto, já o quinto grupo escreveu que “essa história apresenta muita fantasia, fadas, sereias, piratas, etc. Fala de um mundo imaginário que fascina quem o conhece. Essa história cativa muitos leitores pelo motivo de não falar a realidade, contar histórias da imaginação”. O sexto grupo acredita ser “porque ela desperta a imaginação das pessoas, é uma história que aumenta a imaginação que muitos esquecem”.

O segundo bloco ligou suas respostas às aventuras, ora mágicas, ora fantasiosas, que ela apresenta, sendo a primeira resposta relativa ao fato de ser “porque tem muitas aventuras e muita magia”. O segundo grupo disse que é especial porque ela “é interessante, tem várias aventuras fantásticas com o Peter e ela cativa várias pessoas de todas as idades porque tem de tudo um pouco, tem piratas, lutas, brincadeiras, histórias, várias personagens”. O terceiro grupo justificou que é por ser “uma história que fala da aventura de três crianças que viajam para um lugar que existe só na imaginação delas, no qual não há envelhecimento, morte e maldade.

O terceiro bloco preferiu falar a respeito de ser para todas as idades, mencionando também assuntos abordados, de forma bastante sucinta e o ato da leitura, com o primeiro grupo expondo que é “porque é uma história feita pra todas as idades e que, conforme você vai lendo, vai ficando melhor, incentivando você a ler cada vez mais”. O grupo, em outra parte da resposta, disse que, a princípio, “a história estava meio parada e chata, mas que, com o avanço da leitura ela foi se tornando muito interessante e melhor”, conforme exposto nessa resposta. O segundo grupo acredita ser “porque é uma história que tanto jovens, crianças e adultos podem ler. É uma história que tem várias emoções, como tristeza, felicidade, tensão, raiva e suspense, por isso todos gostam de ler, desde crianças até os mais velhos”. Muito interessante essa resposta, já que ela consegue expor com muita propriedade boa parte do que a história transmite e passa ao leitor, as emoções que sentimos ao lê-la e os sentimentos que, a partir dela, são aflorados em nossos corações e tudo isso se deve, talvez, pelo que expõe o terceiro grupo, ao acreditar que “a história de *Peter Pan e Wendy* é especial porque além de ser interessante, é uma leitura para todas as idades, porque tem as aventuras para as crianças e assuntos que interessam aos adultos também”. Vale ressaltar aqui que por esses e outros motivos não mencionados neste trabalho, todos os grupos recomendaram a leitura para todas as idades, usando qualificações como “ótima leitura”, leitura com assuntos interessantes”, “livro interessante”, entre outros.

O que marca nessas análises e interpretações dos alunos é o fato de elas serem bem abrangentes e de terem captado uma grande parte da essência da obra, sendo mencionada a magia, a imaginação, as personagens, os assuntos abordados na obra e, principalmente e algo que chama a atenção dos leitores jovens, principalmente, as aventuras que ela traz em sua construção e no desenrolar de sua trama.

2. Por que Sininho tem raiva de Wendy?

Essa pergunta simples não trouxe grandes reflexões, por isso a análise vai ser bem simples também. O objetivo era só saber o que vai na cabeça da garotada, como eles compreendem em uma história a questão do ciúme e se eles conseguiram compreender os motivos que levaram Sininho a ter verdadeiro ódio de Wendy. A exceção de um grupo, todos os outros mencionaram que, a raiva sentida por Sininho

em relação à Wendy se deve ao fato de a fada ter ciúmes de Peter, alguns complementaram a resposta afirmando também ser “porque Wendy não acreditava em fadas”, “porque Wendy tinha mais atenção que Sininho”, ou mesmo “porque Peter gosta de Wendy e Sininho gosta de todos os meninos”. O grupo que expôs uma resposta diferente acredita que “Sininho tem raiva de Wendy porque Wendy deixou Sininho trancada na gaveta por muito tempo”.

3. Por que Peter Pan acha que sabe de tudo?

Com respostas bastante curtas, mas esclarecedoras do entendimento dos alunos a respeito da pergunta formulada, três grupos fizeram menção à relação de poder e pelo fato de ele se achar “superior às outras crianças”, como é o caso dessa transcrição de um dos grupos; já o segundo grupo acredita que é “porque na *Terra do Nunca* Peter Pan achava que sabia de tudo e que mandava lá como se fosse o chefe” e a terceira resposta fala de liderança, dizendo que Peter “é líder do grupo dos meninos perdidos, assim ele acha que sabe tudo”. Aqui se vê a percepção dos alunos em relação às atitudes ou mudanças de atitudes daquele que está no comando, daquele que assume o poder e que em inúmeros casos precisam ou querem agir com arrogância a fim de que sua posição de líder não seja afetada ou questionada.

Duas respostas relacionaram o fato à ausência dos pais, com um dos grupos respondendo que é “porque ele não viveu com seus pais” e o outro, sugerindo ser “porque Peter Pan não se lembra dos pais dele”. Esses dois grupos buscaram respostas naquilo que veem de importante na relação entre pais e filhos e deixaram isso bem claro nas respostas, mesmo sendo estas bem sucintas.

Outro grupo focou a justificativa na crença que os meninos depositam nele, como acontece muito no mundo real, quando as pessoas são levadas por discursos e atitudes e defendem ou valorizam seus líderes de acordo com a visão que cada um tem deles, fato que muitas vezes gera cegueira e defesa incondicional de atitudes boas ou más (qualquer relação com a política brasileira é mera coincidência) e complementou-a dizendo ser também “porque ele vem de um lugar distante”.

O último grupo selecionado para figurar nas reflexões desse trabalho menciona o fato de ser “um menino” e “uma eterna criança” (“porque, como é um menino e é uma eterna criança, ele acha que sabe tudo”). Aparentemente esse grupo acredita que, pelo contexto da sociedade atual, “assim como era no princípio e sempre”, o sexo

masculino é mais valorizado ou se autovaloriza, independente de produção ou de função em determinados trabalhos, numa clara referência ao machismo predominante na sociedade, nas gramáticas, nos dicionários, entre outros.

Embora essa seja uma questão que não demanda muita reflexão dos alunos, vista inclusive pelas respostas curtas que cada grupo deu, ela é muito interessante para demonstrar o entendimento dos jovens leitores a respeito das impressões que essa fascinante personagem deixou em cada um e as discussões que isso gerou nos trabalhos de grupo a partir das leituras que fizeram da obra em análise.

4. Qual poderia ser a representação dessa viagem para Wendy ou que transformações a menina sofreu voando para a *Terra do Nunca*? (pense que as viagens em histórias fantásticas podem estar associadas a mudanças).

Alguns grupos ficaram mesmo na menção à viagem relatada no livro, como “ficar sem os pais”, “viajar para a Terra do Nunca”, “contar histórias para não se esquecerem dos pais”, entre outras, sem se aprofundarem muito na questão relevante que tem relação com o psicológico, com as atitudes e com as mudanças ocorridas especialmente na mente das personagens. Mas isso ocorreu com uma minoria (três grupos apenas), enquanto a maioria dos grupos focou no psicológico, no crescimento que molda ou altera características psicológicas importantíssimas na construção do caráter das personagens.

Desses grupos, o primeiro respondeu que “Wendy cresce e tem mais imaginação e sua cabeça amadurece, já que é a única menina no meio de todos os meninos”. Pelo visto aqui é retomada a questão da função específica para mulher e na função específica para homens, como acontecia fortemente na sociedade da época em que a história foi criada, mas não muito diferente do que acontece hoje em dia, conforme explicitado anteriormente, em diversos ramos de atividade e em diversos setores da sociedade. Por ser a única mulher, é Wendy que tem de exercer funções típicas de mulheres (fora das aspas para não confundir com as respostas dos alunos), já que ela, conforme mencionado pelo segundo grupo, “teve que crescer e criar responsabilidades para cuidar de seus irmãos e se acostumar em um ambiente novo e cheio de perigo”. Uma relação que parece contraditória com análises de etapas anteriores a essa quando os alunos refletiram sobre a fantasia e a imaginação que muitas vezes deixa de existir nas pessoas mais velhas, talvez uma das explicações

para o fato mencionado pelo primeiro grupo a respeito de Wendy ter crescido e de ter adquirido mais imaginação seja pelo fato de ela ter crescido mentalmente, mas não deixado de ser criança, como acontece com muitas crianças que tem de ser responsáveis por seus irmãos mais novos ou mesmo terem de trabalhar fora para ajudar no sustento da família. Uma parte de seu cérebro não acompanha esse crescimento prematuro e forçado, acontecido por força das circunstâncias do momento, conforme corroborado pelo grupo três, ao afirmar que a menina “apaixonou-se por Peter, voltou a acreditar em fadas, ficou mais responsável e começou a agir como um adulto”. O quarto grupo também faz referência a isso, mas acrescenta em suas reflexões os irmãos de Wendy também, ao citar que “a representação é que eles deixaram de ter pais, deixaram de ter responsáveis por eles, agora eles eram dependentes de si próprios”. Essa dependência, como ficou clara, tinha de ter uma espécie de mãe, função que ficou a cargo da única menina do grupo.

O quinto grupo descreve a transformação completa de Wendy, relatando todas as fases de sua vida, ao responderem que “essa viagem representa uma fase de mudança entre uma criança sem responsabilidade para uma pessoa adulta, por exemplo, Wendy, que já começava a ter responsabilidade quando vai à *Terra do Nunca*, como ter de cuidar de seus irmãos e no final do livro Wendy acaba crescendo”. Esse total crescimento retoma as reflexões anteriores, já que o crescimento da personagem tem relação direta com o esquecimento da fantasia expressa pela representação da *Terra do Nunca* na imaginação da personagem quando criança.

O sexto e último grupo escolhido para essa análise respondeu que “eles mudaram bastante, amadureceram emocionalmente, que a Wendy tem que ser a mãe dos Meninos Perdidos e de seus irmãos e o Peter foi o pai, agindo como uma família. Eles aprenderam a ter mais respeito”. O grupo expõe a importância que ele vê na constituição da família e destaca justamente a função que cada um tem naquela família mirim, ficando claramente definido o papel que cada um exerce no núcleo familiar, sendo que esse papel é representado pelo livro de forma tradicional, da mesma forma como aparentemente os alunos o veem no contexto da sociedade em sua época atual.

5. Para você como é a *Terra do Nunca*? O que ela tem de especial e qual a importância das “*terras do nunca*” no cotidiano das pessoas, sejam elas crianças, jovens ou adultas? Comente.

A quinta questão elaborada para a reflexão dos alunos tem a ver com o espaço onde acontece a maioria das ações da narrativa e a transferência desse espaço para a vida dos alunos, para as “*terras do nunca*” que povoam a mente das pessoas. Na visão do primeiro grupo, “a *Terra do Nunca* é uma ilha normal, só que com seres fantásticos para dar sentido à história. Ela tem de especial os seres que moram nela. No nosso cotidiano a *Terra do Nunca* iria trazer felicidade a nossas vidas, tranquilidade e paz”. A menção aos seres também é feita pelo grupo dois, que explicou que “a *Terra do Nunca* é cheia de criaturas diferentes umas das outras. A importância da *Terra do Nunca* no cotidiano das pessoas é que a *Terra do Nunca* se passa nos sonhos de cada um”. Esse sonho ou a concretização de nossos sonhos é que pode, talvez, trazer a elas “felicidade”, “tranquilidade e paz”, a que o primeiro grupo fez referência.

O terceiro grupo acredita que “a *Terra do Nunca* é um lugar que pode ter sido criado para que os problemas da responsabilidade que as pessoas têm sumam e é um lugar onde o impossível acontece. Para nós, a *Terra do Nunca* pode fazer nossos maiores sonhos se realizarem, dando-nos um lugar para fugirmos da realidade”, resposta, por sinal bastante profunda, já que ela consegue captar a essência desse lugar de fantasias que é a “*Terra do Nunca*”, um lugar que, segundo o grupo, faz as pessoas realizarem seus maiores sonhos, uma fuga da realidade, espaço para esquecer-se dos problemas e das amarguras da vida real, espaço para devaneios e utopias. Esse espaço para fugas também é referência do quarto grupo, que pensa ser este “um lugar de imaginação, é uma fantasia, um conto de fada. A *Terra do Nunca* é como uma imaginação das pessoas e se nós não imaginamos, ficamos loucos”.

Para o quinto grupo, é “um lugar de fantasia, imaginação, diversão e alegria, só que tem várias aventuras que fazem a gente imaginar muitas coisas. A importância é que abre a mente de todas as pessoas porque a *Terra do Nunca* é um lugar de imaginação”. Além do que já fora mencionado anteriormente, os alunos acrescentaram elementos importantes que compõem esse cenário, como a fantasia e a diversão, além das aventuras que recheiam toda essa ilha e a transformam em algo diferente, sublime, fantasioso, deixando claro que a “imaginação de uma pessoa é muito importante”, de acordo com o grupo seis, que acrescenta ainda que “as *terras do nunca* são as imaginações das pessoas, umas são coloridas e outras sem graça, vai de acordo com cada pessoa, essa terra de sonho varia de pessoa para pessoa, tal qual relatado por Barrie na trama.

O grupo sete disse que a *Terra do Nunca* “é o lugar que nunca envelhece, onde ninguém nunca morou e um lugar em que nunca acaba a aventura, por isso é chamada de *Terra do Nunca*”, numa tentativa de explicar o nome atribuído à ilha e sua estreita ligação com a imaginação e a fantasia das pessoas.

6. Qual é a explicação que lhe parece possível para o fato de Barrie narrar em seu romance que as *Terras do Nunca* variam muito de pessoa para pessoa? E por que os adultos, que já estiveram lá jamais desembarcarão naquelas praias? (Para relembra, releia o fragmento abaixo).

Claro que as Terras do Nunca variam muito. A de John, por exemplo, tinha uma lagoa sobrevoada por flamingos que ele costumava caçar a tiros, enquanto a de Michael, que era muito pequeno, tinha um flamingo sobrevoado por lagoas. John vivia num barco virado de borco na areia; Miguel numa tenda de índio, Wendy numa casa de folhas costuradas umas às outras. John não tinha amigos, Michael tinha amigos de noite, Wendy um lobo de estimação abandonado pelos pais. Mas no geral as Terras do Nunca são todas parecidas ou da mesma família, e se um dia pudessem parar uma do lado da outra, daria para você dizer que têm o nariz parecido e assim por diante. Nessas paragens mágicas, as crianças que brincam estão sempre ancorando os seus caiaques. Nós também já estivemos lá; ainda nos lembramos do som das ondas, mas nunca mais desembarcaremos nessas praias” (BARRIE, 2012, p. 14).

O primeiro grupo concluiu que “A explicação é que cada pessoa vê a Terra do Nunca de um jeito próprio e os adultos não desembarcam mais naquelas praias pois eles vivem o mundo real, não conhecem as praias em que as crianças vivem”. Interessante que o grupo fecha com uma bela metáfora para a imaginação ao afirmar que os adultos “não conhecem as praias em que as crianças vivem”. Um pouco parecida com essa explicação foi a resposta do grupo dois que afirmou que isso ocorre “porque a imaginação de cada pessoa varia e os adultos já não têm mais imaginação”. Menciona a mesma ideia de que a imaginação varia de pessoa para pessoa e, por isso cada um vê a *Terra do Nunca* de uma forma, mas conclui que a pessoa adulta perdeu a capacidade de imaginar. Já o terceiro grupo diz que é “porque as crianças só pensam em brincar e os adultos só na sua vida social, é uma imaginação diferente porque cada um tem um pensamento diferente”. Aqui já temos um pensamento um pouco diferente, uma explicação possível para o que afirmam os dois primeiros

grupos, já que, na resposta temos o acréscimo da informação de que não existe falta de imaginação, mas de imaginação diferente devido ao que fora sugerido anteriormente, como pensar na vida social e viver no mundo real por imposição dos compromissos.

O quarto grupo esclareceu que “a imaginação varia de criança para criança e porque só as crianças podem ir para a *Terra do Nunca*”. Resposta bem focalizada no campo da pergunta, sem maiores detalhes, apenas repetindo a informação contida na pergunta e no fragmento. Já para o quinto grupo, isso “varia da pessoa, se uma pessoa é sociável, deve ter muitos amigos e se for triste, não deve gostar de muita companhia. Porque não tem mais a imaginação de uma criança”. Pela primeira parte, percebe-se que o grupo não compreendeu bem a questão e focou na primeira parte da resposta o fato de ter ou não amigos, de ser ou não sociável, sem mencionar a imaginação, que era o essencial da reflexão.

Para o último grupo tal fato ocorre “porque as pessoas têm pensamentos e imaginações diferentes. Os adultos não vão mais para a *Terra do Nunca* porque eles cresceram e não pensam mais como crianças”. Expôs o fato de que cada um tem pensamentos diferentes, como citou boa parte dos grupos e a mudança no pensamento dos adultos. A maioria dos grupos compreendeu bem a importância da imaginação nesse processo de encontrar a *Terra do Nunca*, sua capacidade ligada à fase infantil e o fato de os adultos perderem a capacidade de imaginar, de fantasiar, de viver nesse mundo de faz-de-conta como viviam as crianças do livro quando de suas idas e vindas para essa terra de maravilhas e de aventuras em que Peter Pan, os Meninos Perdidos e mais tantos outros personagens fantásticos habitavam.

7. “Nunca houve uma família mais simples e feliz, até a chegada de Peter Pan” (BARRIE, 2012, p. 12). Para você, o que a chegada de Peter causou à família? Você acredita que sua chegada foi boa ou ruim para as crianças? Por quê?

A maioria dos grupos respondeu que a chegada de Peter não foi boa para os pais, “pois causou desespero quando as crianças sumiram sem dar notícias”, segundo informou o primeiro grupo. Já o segundo grupo analisou que “para os pais a chegada de Peter não foi muito boa, pois trouxe desordem à família”, e eles “ficaram sem os filhos”, e isso “deixou seus pais muito preocupados, conforme complementaram os grupos três e quatro, respectivamente. “A chegada de Peter separou a família”,

conforme sintetizou o grupo cinco, para fechar os comentários a respeito do transtorno causado para os pais de Wendy e seus irmãos.

O grupo seis informou que “foi ruim, pois as crianças ficaram tão apegadas à *Terra do Nunca*, que se esqueceram dos seus pais, de quem realmente é sua família”. O grupo relacionou aqui as tentativas de Wendy de manter a família viva na sua memória e na memória de John e Michael ao recorrer à contação de histórias que tinham como personagens o sr. e a sra. Darling.

Mas, à exceção de apenas dois grupos (o grupo seis, citado no parágrafo anterior) e o grupo sete que esclareceu que a chegada de Peter foi ruim para as crianças, “pois elas deixaram de ir para a escola, deixaram de conviver com seus pais, etc.”, todos os outros responderam que sua chegada foi boa para as crianças, “porque elas queriam diversão, alegria e aventura”, “porque eles se aventuraram para a *Terra do Nunca*” e porque “a chegada de Peter causou nas crianças muita alegria, pois há muito tempo elas não tinham um amigo e com Peter elas se divertiram muito”, conforme esclareceram esses três grupos, respostas não muito diferentes das atribuídas pelos outros grupos que acreditam ter sido boa pois ela despertou a imaginação, a fantasia e a magia de viajar para uma terra de aventuras, como era a ilha de Pan.

8. *“Naquele tempo (a sra. Darling) acreditava que ele era real, mas agora que estava casada e cheia de juízo, duvidava muito que existisse uma pessoa assim”* (BARRIE, 2012, p. 15). Para você, o que faz a sra. Darling (e nisso inclui a maioria dos adultos) deixar de acreditar em Peter? E a fantasia e o maravilhoso nas narrativas e aquelas que povoam nossa mente, vão desaparecendo aos poucos por qual motivo? Justifique cada resposta dada às perguntas anteriores.

Essa pergunta é um complemento à questão 6, só que nesse caso, focaliza a interpretação no contexto da narrativa, mais especificamente de uma de suas personagens que sofreu um processo de mudança em sua mente com o passar do tempo, num processo natural e necessário como pensa a maioria das pessoas, em conformidade com o primeiro grupo que acredita que “a sra. Darling cresceu, ficou adulta, parou de acreditar em histórias que os pais dela contavam para ela” e a fantasia e o maravilhoso “vão desaparecendo porque ela nunca teve certeza que tal coisa existia, nunca viu eles, não conviveu com eles”. Bem, conviveu na fantasia, pois

esses seres maravilhosos povoavam sua mente, como povoam a mente de muitas crianças, inclusive de seus filhos. Para o segundo grupo, isso acontece “porque quando crescemos acaba nossa imaginação e as coisas em que acreditávamos quando criança, agora que somos adultos, passamos a não acreditar mais”. Novamente é mencionada a falta de imaginação talvez pela necessidade de ocuparmos nossas mentes com coisas “mais necessárias e urgentes” ou com os problemas reais do dia a dia, como menciona o grupo três, que informa que “hoje ela é uma mulher casada, tem suas responsabilidades e parou de acreditar em fantasias”.

O grupo quatro também menciona a falta de imaginação, “porque, como a senhora Darling é adulta, não acreditava em tais histórias porque não tem imaginação para entender”. O que fica claro é que o grupo entende que, sem imaginação não se consegue entender a complexidade das Terras do Nunca, não se compreende a fantasia, não se viaja no imponderável, sem ela não há magia, sonho ou utopia possível e, se houver, estão bem ancorados no real, no ponderável, no palpável do cotidiano.

Os grupos cinco, seis e sete também registraram a questão do crescimento e da perda da imaginação em decorrência disso, sendo que explicaram ser “porque quando as pessoas crescem, elas não acreditam mais em Peter, “porque, conforme ela cresceu, seus pensamentos mudaram e ela criou juízo” e “porque ela descobriu que Peter Pan só existia na sua imaginação”, respectivamente. Já em relação ao desaparecimento da fantasia e da imaginação, justificaram ser “pelo motivo de as pessoas crescerem”, porque “crescemos e as fantasias ficam para trás” ou que “vão desaparecendo porque nossa mente vai dando espaço a preocupações de adultos e nosso mundo imaginário vai desaparecendo”, respectivamente.

9. Voltando ao início da narrativa, há a informação de que *“todas as crianças crescem — menos uma”* (BARRIE, 2012, p. 8). Essa que não cresce é Peter Pan, obviamente. O que explica o fato de Peter não crescer nunca?

Essa pergunta trouxe respostas bem sucintas, com todos os grupos ligando o fato do não crescimento de Peter Pan “a sua imaginação fantástica”, na percepção de um grupo; “porque ele vive num mundo imaginário”, na visão de um segundo grupo, “porque ele fugiu de seus pais logo que nasceu e foi com as fadas para a Terra do Nunca”, foi a resposta de outro grupo, bem parecida com a resposta do quarto grupo

que disse ser pelo motivo de que “ele não queria crescer e ele foi para o parque Kensington e ele viveu com as fadas”.

O quinto grupo analisou que “ele colocou em sua cabeça que jamais queria crescer, que não queria ter responsabilidades e só queria se divertir”, ideia corroborada pelo sexto grupo que acredita ser “porque ele não perdia a imaginação de uma criança para não sofrer no mundo adulto com as responsabilidades”.

Percebe-se, por essas respostas, que os alunos atribuem o não crescimento a uma vontade quase pessoal, à constante presença da imaginação em sua vida que o prende a ela e o desobriga a adquirir responsabilidades de adulto, mas todas respostas muito coerentes com o conteúdo da história presente no livro.

10. Como eram os costumes da época em que a história de Peter Pan foi escrita e encenada como peça teatral no ano de 1903? Compare-a com a época atual, as brincadeiras das crianças, a atitude das pessoas, o modo de viver, entre outros. Elabore um pequeno texto mostrando pontos em comum e diferenças entre uma época e outra.

As respostas da maioria dos grupos parece ter sido baseadas tanto no filme assistido pela turma *Em busca da Terra do Nunca* quanto no conteúdo do livro *Peter e Wendy* e ela foi importante pelo fato de fazê-los questionar e se fazendo, possivelmente, uma autoavaliação a respeito de suas próprias práticas e atitudes, tendo em vista a dependência que a maioria dos jovens e crianças tem da tecnologia, em especial do celular.

O primeiro grupo salientou que “antigamente as crianças brincavam na rua, com brincadeiras entre elas, sem nenhuma tecnologia, como esconde-esconde, pega-pega, futebol. Hoje em dia toda a brincadeira é feita pelo celular, pelo computador, por jogos tecnológicos”. Já o segundo grupo respondeu de forma sucinta a partir da questão feminina, das conquistas das mulheres no início de sua resposta, relatando que “as mulheres daquela época viviam em casa só cuidando dos filhos. Hoje em dia tem mulheres com as mesmas profissões dos homens. Antigamente as pessoas pulavam corda, amarelinha, elástico, brincavam de escravos-de-jó, etc. Hoje em dia a maioria das diversões dos jovens e crianças é o computador e o celular”. Na segunda parte da resposta, o grupo volta sua atenção às brincadeiras das crianças e cita algumas que possivelmente esses mesmos jovens tenham brincado, mas conclui-a

mencionando, a exemplo do grupo antecessor, a tecnologia que hoje em dia está em quase tudo que cerca o cotidiano do aluno.

O terceiro grupo também menciona a tecnologia no domínio das brincadeiras e atrações atuais, mas menciona a prática da contação de histórias que era comum no contexto daquela época e que hoje foi ou está sendo substituída pela tecnologia. Os alunos desse grupo afirmaram que “antigamente os pais contavam histórias para seus filhos dormirem; os brinquedos das crianças eram bonecas, carrinhos... Antigamente as pessoas se vestiam diferente, os homens só vestiam calças, as mulheres só usavam vestido; as mulheres cuidavam do lar e das crianças. Hoje em dia as crianças não leem mais histórias, preferem celular e computador; as crianças não brincam mais; as pessoas se vestem diferente; as mulheres trabalham em qualquer profissão, etc”, Nessa reposta, eles buscaram mais elementos, mencionando as vestimentas, as brincadeiras, a contação e a leitura de histórias, as mulheres que eram e deixaram ou estão deixando de ser dependentes dos maridos, mas dependência observada na história quando George diz para Wendy, que está abraçando e consolando a cachorra Naná: “– *Isso mesmo! – gritou ele. – Abraços para ela! E para mim nada. Ah, não! Eu sou só o sujeito que sustenta a casa, por que alguém havia de me abraçar? Por quê? Por quê? Por quê?*” (BARRIE, 2012, p. 31), machismo típico de épocas passadas, mas ainda presente em muitos lugares do Brasil.

O quarto grupo, possivelmente tendo como influencia a presença da babá Naná na história, respondeu que “na época os costumes eram colocar seus filhos para dormir, ter uma babá, contavam histórias. Mas hoje não acontece mais isso. Hoje estamos preocupados com a tecnologia, nós sabemos de histórias através de novelas, filmes”. Para o grupo as histórias continuam, mas agora elas são disseminadas por outros meios e em formato bem diferente das tradicionais contações de histórias, como as presentes na história, contadas pelo próprio Barrie, por Wendy, ou nas aventuras narradas por Peter. De forma sucinta, o quinto grupo também responde mencionando as histórias e esclarece que “naquela época tinha muitas estórias e hoje em dia nós não ouvimos histórias para dormir”.

O sexto grupo trouxe à tona costumes sociais, como o casamento prematuro de crianças e adolescentes em épocas passadas, mas acredita que as brincadeiras não diferem muito do que era praticado no contexto da história, quando afirma que “antigamente os costumes eram se casar aos 10 anos e brincadeira das crianças era brincar de carrinho. E hoje em dia é tudo bem diferente, as crianças de 10 anos não

pensam em se casar; as brincadeiras não mudaram muito”. Um pouco de exagero o casamento nessa idade mencionado pelo grupo que foi apresentado de forma generalizada, como se todas as crianças se casassem nessa tenra idade. Já o sétimo grupo acredita que “na época em que a narrativa foi feita, desde crianças as pessoas trabalhavam e as mulheres não trabalhavam fora. Na época de hoje as crianças não trabalham e as mulheres têm cada vez mais presença nos serviços”. Também estenderam o trabalho infantil a todas as crianças, mas ao final mencionaram algo importante que foram as conquistas femininas que hoje exercem diversas profissões em praticamente todos os setores da sociedade.

11. *“E a resposta (de Sininho) foi o tilintar mais delicioso de sinetas de ouro. É a língua das fadas. Vocês, crianças comuns, nunca ouvem este som, mas se um dia escutassem saberiam que já tinham ouvido antes”* (BARRIE, 2012, p. 35-36). Por que as crianças comuns não ouvem a linguagem das fadas? Se há crianças comuns, existem crianças especiais. O que difere umas das outras e como, na sua opinião, pode se transformar uma criança ou adulto comum em uma criança ou adulto especial? Por qual meio isso é possível? Explique e exemplifique.

A frase retirada do livro é repleta de fantasia e para viajar nela, o leitor precisa estar despido de qualquer descrença, estar com a alma pura e leve, até mesmo ser totalmente ou pelo menos um pouco especial. Os alunos demonstraram (pelo menos uma boa parte deles) apresentar essa condição que, nesses momentos de análises, os diferem de pessoas comuns, pois entraram na fantasia e, pela maioria das respostas percebe-se que, bem apurados os ouvidos, bem concentrada a atenção, consegue-se ouvir o tilintar dos sinos da fada Sininho.

Vale salientar que, o que a literatura faz não é extrair o mundo real dos leitores, mas torná-lo compreensível, explicando-o por meio da narração de histórias por vezes fantasiosas, como é o caso. Mexer com a mente, viajar na leitura, conhecer novas e maravilhosas paragens é essencial para a construção do caráter e para o desenvolvimento psicológico e social do ser humano, pois a literatura tem o poder de humanizar as pessoas que com ela tenham contato, ela é alimento para nossa alma e mente, através dela podemos nos emocionar, envolver-nos, compreender-nos. Alguns dizem que ela aliena, tira-nos do mundo real, mas, pelo contrário, ela nos tira de nosso mundinho e nos traz para a realidade, mostra-nos por meio da beleza, das

construções muitas vezes poéticas aquilo que não veríamos assistindo a um telejornal, a um filme, a uma novela ou lendo uma notícia qualquer em algum aparato digital ou em papel.

Começaremos essa nossa viagem pela resposta do primeiro grupo que justifica ser “porque crianças comuns não acreditam em fadas. As crianças ou adultos especiais são aqueles que acreditam nas fadas, que já tiveram aventuras. A partir do momento em que a criança realmente acredita que tudo aquilo existe, ela se torna especial”. Para o segundo grupo, “as crianças especiais é que têm imaginação e as crianças comuns são as que não têm imaginação”. As duas respostas praticamente se complementam, sendo necessárias duas fórmulas básicas, segundo os dois grupos, acreditar e ter imaginação, só assim, para eles, as crianças e até os adultos podem se tornar seres especiais.

A resposta dada pelo terceiro grupo também sinaliza para a necessidade da imaginação, esclarecendo que “criança especial é aquela que tem uma imaginação muito fértil e para uma criança comum se tornar uma criança especial, basta ler mais contos de fadas, estimular a imaginação e acreditar mais nas grandes fantasias”. Aqui o grupo focou bem na questão que atravança a criatividade e a imaginação das pessoas nos dias de hoje em que há uma disseminação do conhecimento muito grande, em que se encontra quase todas as respostas na web, em que a tecnologia, os celulares, as redes sociais dominam, não sobrando tempo para as leituras necessárias para esse encantamento trazido pelas leituras de contos de fadas (e da literatura), conforme sugere o grupo.

A referência à leitura também é feita pelos grupos quatro e cinco, sendo que o primeiro salienta que “a pessoa se torna especial quando ela lê, brinca, conversa com os pais, imagina; as pessoas comuns não conseguem ler, brincar, falar com os pais nem imaginar”, já o segundo diz que especial “é uma criança que acredita em fantasias, histórias, gosta de ler, tem um pensamento livre e espontâneo”. Pensamento livre, longe das amarras do preconceito, isento das obrigações e massacres psicológicos das religiões, do mundo dos adultos, da pesada carga do pecado cobrado pelas igrejas, pela sociedade..., dos problemas diários, entre tantos outros.

Enfim, conforme respondido pelo grupo seis, as crianças e adultos comuns existem “porque não têm imaginação para ouvirem a linguagem das fadas”. Para transformá-la em alguém especial, “basta ter imaginação e compreendê-la por meio

da imaginação”. Não se compreende por meio da razão, da lógica, da teoria, entende-se, sim, como tão bem explicitado por esses adolescentes especiais, pela emoção, pelo sentimento, pela imaginação e pela fantasia, não sendo algo palpável, mas extremamente necessário e urgente.

12. Releia atentamente essas passagens da história que mostram o diálogo de Wendy e Peter Pan antes de ele a levar para a Terra do Nunca:

“[...] ele contou que vinha até a janela do quarto dela não para vê-la, mas para ouvir histórias.

– Nenhum dos meninos perdidos conhece história nenhuma.

– Que coisa horrível! – disse Wendy.

– Você sabe – perguntou Peter – por que as andorinhas constroem os ninhos nos beirais das casas? É para ouvir as histórias. Ah, Wendy, a sua mãe começou a contar uma história tão linda...

– Qual delas?

– A do príncipe que não conseguia encontrar a moça do sapatinho de cristal.

– Mas Peter – disse Wendy, muito animada – É a história de Cinderela! Depois ele encontra a moça, e eles vivem felizes para sempre!

Peter ficou tão alegre que se levantou do chão, onde os dois estavam sentados, e saiu correndo para a janela.

– Aonde você vai? – perguntou ela, com um mau presságio.

– Contar para os outros meninos.

– Não vá, Peter – pediu ela. – Eu sei tantas outras histórias...

Foram exatamente estas as palavras que ela disse, de modo que não se pode negar que foi ela que teve a ideia primeiro.

Ele voltou com uma expressão de cobiça nos olhos que devia ter deixado Wendy alarmada, mas não deixou.

– Ah, as histórias que eu podia contar aos meninos! — exclamou ela, e então Peter pegou a menina e começou a puxá-la para perto da janela.

– Me solte! – ordenou ela.

– Wendy, Venha comigo contar as histórias para os outros meninos”. (BARRIE, 2012, p. 46-47).

Na sequência, os alunos foram convidados a responderem às questões que seguem:

A. Antigamente e há bem pouco tempo, as pessoas tinham o hábito de se sentarem em volta da fogueira, do fogão a lenha, no quintal de casa ou mesmo ao pé da cama e contar histórias, que na maioria das vezes envolvia mitos, fábulas, narrativas fantásticas. Aos poucos isso foi mudando. Por que você acha que essas narrativas foram sumindo até quase desaparecer ou desaparecer por completo na maioria dos lugares? O que veio substituir essas narrativas? O que você acha de essas narrativas voltar a frequentar as casas de famílias, as escolas, as comunidades ou mesmo as mídias? Dê uma explicação válida sobre tudo isso.

A maioria dos grupos citou o avanço tecnológico envolvendo não somente a internet, os celulares, as redes sociais, mas também as novelas televisivas, os filmes, o cinema. Para o grupo um, “as pessoas de hoje só sentam em roda da mesa, não é igual antigamente. As narrativas de antigamente estão sumindo porque as pessoas não se interessam mais, elas estão sendo substituídas por filmes nos cinemas, novelas na televisão, etc.”. A expressão citada pelo grupo no início da resposta “[...] só sentam em roda da mesa” tanto pode se referir ao único tipo de “roda” (em volta da fogueira, do fogão a lenha...) que restou hoje em dia, na concepção dele, como se referir ao silenciamento imposto muitas vezes pela mídia, em que fica impossibilitado qualquer diálogo, já que em inúmeros casos até sentados à mesa para cear, os familiares estão ligados à TV ou ao celular e, se isso impossibilita a conversa familiar, que dirá a narração de histórias, mesmo narração dos fatos ocorridos no dia, na semana, no domingo...

A justificativa do grupo dois também menciona a tecnologia, entrelaçada à falta de tempo, ao dizer que “as pessoas ficaram ocupadas com outras coisas, como a tecnologia, por exemplo”. Para o grupo três “essas narrativas desapareceram pelo avanço tecnológico do mundo, os computadores, celulares, jogos, tudo o que envolve a tecnologia substituiu as narrativas”. Percebe-se que os alunos, tão ligados à tecnologia, entendem, de certa forma, que ela é benéfica para muitas coisas, mas quando as pessoas se ligam demais a ela, viciando-se até, ela faz com que o usuário perca o que é essencial, primordial para a vida e para o desenvolvimento, especialmente intelectual do ser humano. Quanto ao retorno da contação de histórias,

o grupo dois respondeu que seria “legal, porque se as pessoas se interessassem mais, saberiam mais palavras para textos, pois, como as pessoas começaram a usar a tecnologia, ficaram sem tempo para contar histórias”, já o grupo três acredita que seu retorno “iria ser bom, pois as crianças de hoje em dia poderão contar para seus futuros filhos”. Ambos os grupos acreditam na importância de seu retorno para o tempo presente e para ter o que contar para os descendentes no futuro. O grupo um não opinou sobre a questão.

O grupo quatro respondeu que “a tecnologia e a internet substituem as histórias” e que, para ele, seria “uma ótima ideia voltar em todos os lugares as narrativas”, ideia complementada pelo grupo cinco que disse que “seria bom se todos tivessem a vontade e a imaginação de contar fábulas e narrativas”, mas não responderam à primeira parte da questão a respeito do motivo de seu desaparecimento, sendo que o grupo seis só respondeu a essa parte da pergunta, dizendo que é “porque surgiram as redes sociais, como um tal de ‘Facebook’ e um tal de ‘WhatsApp’”.

Já o sétimo e último grupo selecionado esclareceu que “sumiram porque a maioria das pessoas prefere sentar na sala e assistir a um jornal ou uma novela” e sobre seu retorno respondeu que “a maioria das pessoas ia se interessar pela história que ia recuperar um pouco dessa cultura perdida”. O grupo vê como uma grande perda essa ausência quase total das narrações de histórias em nosso meio e acrescenta a necessidade e a importância de seu retorno.

B. Por que Peter ficou tão empolgado quando Wendy disse conhecer uma porção de histórias? Em que você acha que isso vai mudar na vida dele, dela, de seus irmãos e na vida dos meninos perdidos quando voarem para a Terra do Nunca?

Saindo do real e adentrando a história de Peter e Wendy, os alunos, talvez como uma forma de complementar as respostas dadas à pergunta anterior, mencionaram a grande importância da contação de histórias na vida de Peter e dos meninos perdidos até como uma forma de diminuir a solidão e de tornar a Terra do Nunca um lugar mais atraente, pois lá existiam aventuras, mas havia momentos de pasmaceira e de paz também, como acontece em diversos locais no mundo visível e palpável.

O primeiro grupo focou sua resposta no grande poder que possuem as histórias de alimentar a imaginação das pessoas, ao sugerir que “Peter ficou empolgado porque iria alimentar a imaginação dele e de todas as outras crianças” e iria alimentar porque, mesmo vivendo tantas aventuras, aparentemente eles apresentavam dificuldades em contá-las ou não se sentiam empolgados por fazê-lo, já que todos conheciam de cor as histórias porque tinham vivenciado e protagonizado todas elas. O segundo e o terceiro grupo responderam, respectivamente que “Peter não sabia nenhuma história e ficava empolgado ao ouvir tantas histórias” e “porque ele não conhecia histórias e quando Wendy falou conhecer um montão de histórias, ele ficou feliz porque ela vai contar um monte de histórias para eles”, já que, “como eles eram meninos perdidos, não havia ninguém para contar histórias”, conforme complementou o grupo quatro e eles queriam mais era conhecer histórias de famílias, de mães e de pais pelo fato de não os ter na ilha em que habitavam.

O grupo cinco acredita ser “porque, como ele nunca cresceu, nunca aprendeu a contar essas histórias. Ele tinha muita curiosidade em ouvi-las” e porque, conforme argumentou o grupo seis, “onde ele mora é um lugar solitário no qual ninguém contava histórias para ele”. Essa curiosidade em ouvir essas histórias possivelmente não está somente da diversão e no entretenimento que elas possam trazer para os habitantes da ilha, mas também, como sugere ainda o grupo seis, que acredita “que as histórias de Wendy, além de divertir Peter e os meninos perdidos, também puderam ser úteis na jornada deles na Terra do Nunca”.

Esse conhecimento novo, de novas e belas histórias, iria propiciar grande mudança na vida deles. “Iria mudar muita coisa, porque os meninos perdidos iriam ouvir histórias que nunca ouviram e ela (Wendy) iria gostar muito”, de acordo com o grupo cinco e “eles iam aprender a contar essas histórias”, como acredita o grupo quatro e assim, segundo complemento da resposta do grupo dois, “eles podem sair por aí contando suas histórias para todos da ilha”.

Esse é o poder atribuído às narrações de histórias, não com teorias ou defesas de teses após aprofundados estudos, mas a partir das ideias e das reflexões de uma turma de adolescentes que se juntaram para ouvir, ler e estudar histórias fantásticas de épocas, em espaços e suportes diversificados.

13. Qual a importância das narrativas orais contadas por uma pessoa mais velha da comunidade? O que você achou da primeira experiência de contação de

histórias na sala de aula com um senhor de 84 anos? Você gostou de suas histórias? De qual você mais gostou? Comente.

No intervalo para a leitura do livro “Peter e Wendy”, os alunos receberam a visita do primeiro contador de histórias, um senhor de 84 anos que atende pelo apelido de *Seu Pernambuco*, que nos contou ter ouvido muitas histórias quando criança em seu estado de origem, no nordeste brasileiro. Ficou muito contente e empolgado pelo convite feito por mim e pelo diretor da escola em uma visita a sua casa (que acreditávamos que seria breve, mas ela se prolongou bastante, pois ele quis nos mostrar fotos, contar histórias de sua terra natal e mencionar sua última visita a Pernambuco). Suas histórias e suas poesias serão transcritas no próximo módulo.

Sua experiência adquirida ao longo de sua sábia e longa vida foi um chamativo para os alunos, que participaram, ouviram atentamente, enfim, deliciaram-se com tantas histórias e com tamanha atenção e vivacidade daquele senhor presente em nossa sala. Contou-nos quatro histórias e declamou duas poesias, todas populares. Ele se propôs, atendendo a pedidos dos alunos, a contar piadas, desde que, com a filmadora desligada, no qual foi prontamente atendido.

Na visão do primeiro grupo, “a narrativa contada pelas pessoas mais velhas, sejam mitos, fábulas ou contos, despertam a nossa imaginação. É como se o nosso cérebro tentasse descrever em imagens o que ouvimos destacando a realidade. A primeira contação de histórias na sala de aula fez despertar nossa imaginação, com as três histórias que ele contou. A melhor história eu acho que foi a da menina que deu uma pequena pedrinha de sal para seu pai e foi condenada à morte”. Esse conto é bem parecido com o conto “*Comida sem sal*”, de tradição portuguesa⁷.

Para o grupo dois, esse tipo de narração é “muito interessante porque na vida real acontece isso”. As histórias narradas pelo contador, segundo os alunos do grupo, possuem estreita relação com o mundo real que eles conhecem. Esse grupo adorou as histórias e seus componentes gostaram “mais da primeira história”, tal qual o grupo um, já o grupo três respondeu ter achado ótima a experiência e gostou de “saber que um idoso de 84 anos ainda está contando histórias”.

Para o grupo quatro, essa “é uma experiência que nos ajuda em nossa vida”, eles gostaram “muito porque ele contou várias histórias bem interessantes”. Complementando a resposta, os alunos disseram ter gostado “muito daquela história

⁷ Disponível em: <<http://www.consciencia.org/comida-sem-sal>>. Acesso em: 7 de maio de 2015.

que ele contou das vacas”, da mesma forma o grupo cinco respondeu que “o primeiro contador de histórias nos contou belas histórias, a mais interessante foi o homem que trocou a vaca de seu sítio”. Essas duas respostas ficaram bem parecidas, até a história que mais gostaram foi a mesma, encontrada também na internet com o título *A boa mulher*⁸. O grupo seis afirmou que “as histórias mais velhas são as melhores, então isso faz falta para o mundo, mas as pessoas que contam são como um herói, então sinto saudade das histórias”. Em um mundo de tantos heróis falsificados, anabolizados por efeitos de computação gráfica e que fazem parte do mundo dos adolescentes da atualidade em filmes de que gostam, em jogos, em brincadeiras virtuais, esse grupo chama de herói esse remanescente dos contadores de histórias que, firmemente e sempre que são chamados, estão dispostos a destecer as narrativas fantásticas tecidas anos atrás e que correm o risco de desaparecer na forma oral por restarem poucas pessoas que as contem.

E, finalmente o grupo sete que concluiu que “a cultura de contar histórias pode se acabar se não for contada para outras pessoas” e o grupo achou “legal” essa primeira experiência de contação de histórias em sala de aula, “pois faz parte da cultura, só que ele poderia ter contado mais histórias”. O grupo gostou muito das narrações e afirmou ter gostado mais da história “do rei que mandou matar sua filha por ter lhe dado uma pedra de sal, mas depois ele percebeu a importância do sal”.

Das respostas selecionadas, três grupos gostaram mais da história da pedra de sal, dois grupos preferiram a história da troca da vaca, sendo que dois grupos não mencionaram suas preferências por nenhuma das histórias contadas.

14. Para você, qual a importância da fantasia e do maravilhoso (seja permeando a vida das pessoas, seja expressos em livros e/ou textos literários) na nossa vida atualmente?

Tal qual aconteceu no módulo 1, os alunos, após a leitura do livro “Peter e Wendy” foram mais uma vez convidados a escreverem suas impressões sobre a fantasia e o maravilhoso em nossas vidas. Na primeira reflexão, as respostas foram menos aprofundadas que no presente módulo, já que, depois de uma longa caminhada e de tantas discussões a respeito da ficção, da literatura e após tantos

⁸ Disponível em <<http://www.jangadabrasil.com.br/junho58/im58060b.htm>>. Acesso em: 7 de maio de 2015.

momentos de pura fruição literária (literatura escrita, literatura oral, filmes baseados em literatura ou que tinham a ver com ela), era natural que os alunos melhorassem suas análises e reflexões.

Para o primeiro grupo, “a fantasia e o maravilhoso trariam tranquilidade e despertariam a nossa imaginação. As mídias e a tecnologia atrapalham os jovens a ler narrativas, porque eles não vão deixar de interagir com o celular, computador, etc. para ler histórias e livros de ficção. A falta dessas histórias na vida dos jovens trará, num futuro não tão distante, a falta de imaginação, a falta de ficção no mundo real em que vivemos e eles sempre levaram tudo para o pessoal, não souberam diferenciar uma coisa da outra”. Apesar de um fim meio confuso, talvez querendo dizer que os jovens têm dificuldades em diferenciar a ficção e a realidade, que se confundem por conta de tantas tecnologias que os cercam, a reflexão foi magnífica, deixando claro que dificilmente os jovens deixarão as redes sociais para se dedicarem à fruição literária, por outro lado, há a consciência do quão prejudicial será essa falta da leitura ficcional na vida futura dessas pessoas, ou mesmo afetando-as no seu tempo presente.

O grupo dois analisou a questão mais pelo lado psicológico, relacionado ao crescimento intelectual e desenvolvimento psicossocial, ao afirmar que as “fantasias são muito importantes, principalmente para as crianças. Todos sabemos que ‘Papai Noel’, ‘Coelhinho da Páscoa’ não existem, porém, para um bom crescimento e uma evolução mental boa de uma criança, isso é necessário. Se não isso, ‘as crianças não esperariam o ano inteiro pela vinda do Papai Noel’”. Mantive as aspas, conforme escrita do grupo.

Já o grupo três salientou que toda essa ausência de fantasia, de narrativas maravilhosas na vida de crianças e adolescentes tem como consequência que “os jovens hoje em dia não têm tanta imaginação como antigamente. Eu acho que, se os jovens lessem mais livros, a imaginação deles seria mais aberta”, de acordo com a visão do grupo quatro, isso porque “a literatura é muito importante porque nos faz pegar gosto pela leitura, coisa que para o jovem de hoje é coisa do passado, já que são atraídos pelas tecnologias de hoje fazendo perder o interesse pela leitura”, conforme acredita o grupo cinco. Para o grupo seis, “ela é muito importante porque a nossa vida não tem graça sem imaginação”. Há nessas reflexões uma dicotomia, pois mesmo tendo a consciência de que a falta de leitura, de ficção e da fantasia em suas vidas, a maioria desses jovens não consegue se desgrudar do celular, não consegue

se desligar da tecnologia, principalmente e focar sua atenção no livro que esteja lendo, retirado da biblioteca por vontade própria, sem as amarras de uma leitura obrigatória. O grupo de amigos e o bate-papo nas redes sociais, principalmente, fazem com que o jovem deixe de ler para não ser o “alienado” da turma, o *nerd* do grupo, aquele que se encontra fora de sintonia com a “galera”, entre outros tantos e descabidos “motivos”.

O grupo sete registrou que “os aparelhos tecnológicos atrapalham na educação das pessoas e nas leituras de textos e que o celular dificulta as pessoas e os nossos sonhos”. Eis uma palavra-chave “sonhar”, ação que vamos desaprendendo com o tempo, já que tudo é urgente, tudo é “para ontem”, devido ao mundo digital que consome nossas horas cada vez mais, dia após dia.

O grupo oito acredita que “ela (a imaginação) é muito importante para a nossa vida, ela é importante para a nossa criatividade”, e pensa que a tecnologia atrapalha e muito na ação de ler, por exemplo, “porque você está lendo uma coisa e já quer mexer no celular e desconcentrar” e a falta dela é “ruim, porque as pessoas ficam sem conteúdo”. Enfim, os jovens querem fazer tudo ao mesmo tempo. Não raro encontramos jovens com o som, a TV, o computador ligado, com redes sociais abertas e tentando ler um livro literário ou tentando estudar algum conteúdo em apostilas ou livros didáticos. Desnecessário dizer que as chances de não funcionar ou de eles não se concentrarem nas leituras/estudos são enormes.

15. De que parte dessa história você mais gostou? Faça um pequeno texto comentando sua resposta. O que você achou das aventuras vividas pelas personagens na *Terra do Nunca*? Qual lhe chamou mais a atenção? Por quê? Qual foi a personagem que mais lhe chamou a atenção e por quê?

Como essa é uma pergunta bastante pessoal e que, no geral, não demandou muita reflexão, pelo fato de a maioria dos grupos apenas citar partes que lhes chamaram mais a atenção, as repostas serão apenas transcritas a fim de que se conheça a seleção de cada um deles, sendo enumerados os grupos em 1, 2,... e assim sucessivamente.

1. “Eu gostei da parte em que Peter Pan levou Wendy e seus irmãos para o mundo de fantasia, porque, de certa forma, ele os sequestrou. Naquela hora começou

toda a ação. Logo que eles chegam, os piratas atiram neles com os canhões, os meninos perdidos atiram flechas nela, etc”.

2. “Uma das partes que mais gostamos foi quando a Wendy teve sua filha Jane, outra parte foi o surgimento de Peter quando a primeira vez que ele aparece para Wendy. Mas uma das partes que o grupo mais gostou foi na que fala que as crianças ficavam na lagoa nadando e boiando a maior parte do tempo, brincando com as sereias e outras coisas”.

3. “Eu gostei bastante da parte em que as crianças estavam com sua família, da parte que teve aventura que eles voaram para a Terra do Nunca. Quando chegaram lá, foram para a casa de Peter Pan e como as crianças conseguem viver tão bem”.

4. “A parte que nós mais gostamos foi da família Darling que tinha uma cadela como babá, quando Wendy gostou de Peter Pan, quando a Wendy foi lá para a Terra do Nunca, quando eles voavam no céu”.

5. “A história de Peter Pan pode causar a certos leitores desinteresse no começo do livro e através dos acontecimentos o leitor pode também voltar a ter interesse, já que no meio do livro a história começa a animar um pouco mais os leitores, por isso concluo que a parte do livro que deve interessar mais ao leitor é o meio do livro que possui mais aventuras e fatos extraordinários”.

6. “Umas das primeiras coisas que Peter fez no dia seguinte foi tirar as medidas de Wendy, John e Michael para as árvores ocas”.

7. “Eu gostei quando a Sininho falou que a Wendy era um pássaro e era para matar ela e quando a Sininho salvou o Peter de morrer envenenado”.

8. “Dos personagens, do modo como cada um interpreta um papel muito importante. Na ausência de Peter, a ilha geralmente fica tranquila. As fadas acordam uma hora mais tarde; as feras cuidam dos filhotes; os peles-vermelhas se empanturram durante seis dias e sete noites e os piratas e os meninos perdidos se limitam a fazer gestos de ameaças uns para os outros”.

9. “Da parte que eles aprendem a voar, é uma parte da imaginação, com muita fantasia, pois é assim que eles conhecem a Terra do Nunca e vivem muitas aventuras, pois pode falar que a história começou quando eles aprendem a voar”.

Em relação à segunda parte da pergunta a respeito das aventuras vividas pelas personagens, as repostas foram as seguintes (vale ressaltar que nem todos os grupos

responderam à questão, como se pode perceber pelas lacunas na numeração, talvez por acreditarem já tê-la respondido junto com a pergunta anterior que menciona o livro todo e não somente as aventuras):

1. “A melhor parte foi no começo em que Wendy descobriu que vai crescer à medida da idade; a parte que menos gostei foi a que Peter levou para a Terra do Nunca Wendy e seus irmãos”.

3. “Gostei da parte em que os meninos perdidos falam que acreditam em fadas e da parte em que o Gancho foi derrotado. Da parte em que o Gancho queria matar a princesa dos pele-vermelhas”.

4. “Eu gostei quando o Peter se apaixonou pela Wendy”.

5. “A parte em que Wendy é raptada é a melhor parte, pois é recheada de aventuras e por ser a parte do fim do Capitão Gancho. O fim é a pior parte, porque o fim tem pouco sentido e nos deixa confusos”.

9. “O voo. Surge o Peter, pois eles começam suas aventuras a partir dali. A parte em que surge Peter eu não gostei, pois é só enrolação”.

Já a terceira parte da questão trata da personagem que mais chamou a atenção dos alunos e os grupos responderam, conforme segue:

1. “O personagem que mais me chamou a atenção foi Wendy por causa de sua pouca idade teve que se virar com dois irmãos e sem seus pais”.

2. “O Capitão Gancho, por causa do seu gancho e da sua malvadeza”.

3. “A protagonista Wendy, pois ela, mesmo sendo mulher, parece ser a mais corajosa do bando”.

4. “Foi a Wendy, porque ela é romântica, carinhosa, sensível”.

5. “O crocodilo, porque é misterioso e feroz e que nos deixa fascinados a saber mais sobre o personagem”.

6. “A sininho, porque ela é engraçada”.

7. “Peter Pan porque ele é o mais legal e pela sua personalidade e por suas ações”.

8. “A Sininho, porque ela tinha ciúmes da Wendy com o Peter e ela é uma pessoa importante para Peter”.

9. “Gostei mais de Peter Pan, pois ele é mais exibido, é um dos personagens principais e é ele quem apresenta a Terra do Nunca”.

No *ranking* das preferências, Wendy ficou em primeiro lugar (citada por três grupos); Peter Pan, empatado com Sininho em segundo lugar (citados por 2 grupos cada um deles); Capitão Gancho, empatado com o Crocodilo em quarto lugar (citados por um grupo cada uma das personagens).

16. Por que o tempo transcorrido na *Terra do Nunca* é tão diferente do tempo transcorrido no mundo real (para Wendy, no fim da narrativa, o tempo demora a passar, já para Peter Pan o tempo voa)? Por quê?

Na última questão do módulo, os alunos são convidados a refletir sobre o tempo transcorrido dentro da ficção da história (espaço da Terra do Nunca) e do tempo real transcorrido dentro do “mundo real” da história (espaço da casa, da escola, da cidade em que vivem Wendy e seus irmãos), enfim, discorrer basicamente sobre o tempo psicológico e o tempo cronológico, sem necessidade de mencioná-los na explicação.

Neste sentido, o grupo um acredita que é “porque na Terra do Nunca as crianças só brincavam e se divertiam o tempo todo que nem Peter. Já na volta à sua casa, tinham de ajudar a sua mãe e ir para a escola se ocupando o tempo todo, por isso o tempo demorava a passar”, resposta bem parecida com a do grupo dois que afirma que “na Terra do Nunca o tempo passa rápido porque eles só brincam e têm aventuras todos os dias, já no mundo real nós temos que estudar, trabalhar, dar duro na vida para poder se dar bem”. Ambos os grupos mencionam a oposição entre diversão e obrigação que, em nossas mentes parecem, pelo prazer ou pela obrigatoriedade que desperta em nós, causar sensações completamente antagônicas e percepções bem diferentes em nossos cérebros. Mesmo que isso sirva tanto para crianças quanto para adultos, para o grupo três isso acontece “porque ele (Peter) não tem cabeça de adulto, ele só pensa em brincar”.

O grupo quatro alia diversão e saudade para justificar a passagem do tempo ao afirmar que “para Peter na Terra do Nunca as coisas que ele faz, fazem o tempo passar mais rápido, porque para uma pessoa distraída, o tempo passa voando. Já Wendy, como tinha na cabeça a vontade de rever Peter fazia o tempo passar devagar e ela pensava que o tempo estava quase parando”. Já os grupos cinco e seis salientam dever-se ao fato de que “lá é um mundo de imaginação”, com justificativa do grupo seis que afirma que “Peter é uma criação das nossas mentes”. Imaginação

e realidade se entrelaçando e influenciando na passagem do tempo no mundo real, no dia a dia atribulado das pessoas.

O grupo sete acredita que, “para Wendy o tempo não passa porque ela está acostumada com outro cotidiano, indo para a escola, conversar com seus pais, etc. Já para Peter Pan, ele já está acostumado com aquele dia a dia”, nesse caso, cotidiano repleto de aventuras e de imaginação, conforme complementa e justifica o grupo oito, quando explicou que “lá as aventuras ocorrem rápido e o dia passa voando, pois lá na Terra do Nunca é a imaginação deles”.

Assim, com as transcrições das respostas atribuídas pelos grupos, é fácil perceber que a turma teve uma evolução muito grande, afinal, até aqui não foram poucas as leituras e as atividades que realizaram, como assistir aos dois filmes *Em busca da Terra do Nunca* e *O segredo de Neverwas*, ler as histórias *Um amor sem palavras*, de Marina Colasanti e o livro *Peter e Wendy*, de J. M. Barrie, realizando discussões e análises após a conclusão de cada uma dessas etapas.

3.7 MÓDULO V – A “NOVA TERRA” DO NUNCA: ENTRAM EM CENA OS CONTADORES TRADICIONAIS

O módulo V foi muito proveitoso e interessante, já que constou do contato dos alunos com os contadores de histórias, em cujos momentos alguns narraram causos, outros optaram por contos de fadas e uma contadora optou por um conto de terror. Foi uma etapa bastante gostosa e também muito trabalhosa, pois constou de escuta, gravação e digitação das histórias, tarefa que foi desempenhada pelos alunos em momentos no contraturno, respeitando-se a oralidade e o falar de cada um dos convidados, além de uma segunda parte que trabalhou com a correção e reescrita das histórias, essa, realizada pelo professor, sendo que somente a versão final será apresentada nesse trabalho. Os objetivos desse módulo foram os seguintes:

Objetivos específicos:

– Interagir com contadores de histórias residentes no município de Terra Nova do Norte com o intuito de conhecer sua trajetória de contadores de histórias e ouvi-lo/assisti-lo “atuar”, ora visitando-os em suas casas, ora recebendo-os em sala de aula;

– Resgatar algumas das histórias orais contadas pelos mais velhos, coletando-as e gravando-as junto a pessoas residentes na comunidade local, sendo estas previamente selecionadas;

– desenvolver a textualização das histórias gravadas, digitando-as no Laboratório de Informática Educacional, preferencialmente em dupla ou trio, para que tal riqueza não se perca ou fique no esquecimento, devidamente revisada e corrigida pelo professor;

– Divulgar as histórias que envolvam os contos de fadas em seu formato oral (vídeo) e em seu formato escrito para a comunidade na Mostra do Conhecimento Escolar, na internet, em sites próprios para elas e para o projeto, bem como no YouTube.

O módulo presente foi dividido em duas partes, sendo a primeira composta pelos quatro contos de origem popular e por dois poemas declamados, todos realizados pelo primeiro contador presente na sala de aula, além do conto de suspense/terror escrito e contado por uma contadora também da comunidade, com a ajuda de sua filha e de uma amiguinha desta.

A segunda parte é composta pelos causos narrados por três contadores convidados, tendo sido essas narrativas acontecidas de verdade – pois segundo eles, nenhum dos contadores mente – e protagonizadas pelos mesmos em suas aventuras e desventuras por caminhos nacionais e até internacionais, em viagens e aventuras ultramarinas, muitas delas heroicas e fantásticas tal qual os contos e poemas apresentados na primeira parte.

3.7.1 1ª parte: Atividades de escuta, gravação, digitação e correção dos contos e poemas

Há dois caminhos para se passar pelas fronteiras entre Fantasia e o mundo dos homens, um certo e outro errado [...] Todos os que nos vêm visitar aprendem coisas que só aqui podem aprender e regressam modificados ao seu mundo. Seus olhos se abrem, pois eles se veem em seu verdadeiro aspecto. Por isso, também podem olhar com novos olhos seu próprio mundo e os outros homens. Descobrem de repente maravilhas e segredos onde outrora só viam a monotonia do cotidiano. Era por isso que eles gostavam de vir até nós. E quanto mais rico e florescente se tornava o nosso mundo graças às visitas deles, menos mentiras havia em seu mundo, e mais perfeito também era esse mundo para eles. Tal como nossos dois mundos podem se destruir mutuamente, também podem se salvar (diálogo entre a Imperatriz Criança e Atreyu, ENDE, Michael, 1993, p. 138-139).

O resgate das histórias tradicionais ocorreu de fato nesses momentos de pura fruição literária, nas atividades de narrações de contos e de poemas populares e orais e de contação de causos divertidos que, na maioria das vezes envolvia algum mistério. Esse módulo foi muito cobrado e esperado pelos alunos, mas, infelizmente, o que fora planejado a princípio não pôde ser posto em prática, uma vez que os alunos da turma disseram não haver ninguém em sua família que pudesse contar histórias ou causos para a turma, o que nos obrigou a mudar as estratégias e partir em busca somente dos contadores presentes na comunidade, fora da família dos estudantes.

A busca pelos contadores tradicionais também se mostrou bastante árdua e complicada, ao contrário do que se imaginava no início do desenvolvimento do projeto. Quando conseguíamos ter conhecimento de um contador, ele já havia se mudado para outra cidade ou estava morando em lugar distante e de endereço desconhecido no meio rural. Outros foram localizados, mas não aceitaram o desafio de desfiar suas narrativas para a turma.

Enfim, conseguimos a colaboração de cinco contadores (quatro homens e uma mulher) e são esses contadores e suas narrativas maravilhosas que serão apresentados nas próximas páginas.

3.7.2 Primeiro contador de histórias

O Primeiro contador de histórias convidado para participar da sequência didática é conhecido na cidade pelo apelido de “seu Pernambuco”. As histórias foram escolhidas por ele e constam principalmente de contos da tradição oral já disseminados pelo Brasil, coletados hoje em dia em livros e também na internet mas que, segundo ele, foram-lhe contados quando ainda era criança. Pela recepção dos alunos e importância de sua participação, suas histórias serão todas transcritas, porém seu pronunciamento sobre política não fará parte desse trabalho por ser algo pessoal e que foge dos objetivos do projeto. Lembramos que as histórias, por serem oriundas da tradição oral, serão transcritas respeitando-se boa parte dessa oralidade, das características inerentes à língua gostosa do povo não tão escolarizado, cuja prática tentei preservar na textualização.

O contador se apresenta:

“Meu nome é Raimundo Poluquerio de Siqueira. Eu sou nascido no estado de Pernambuco em 1930. Hoje estou completando 84 anos e desse tempo que Deus me deu, eu até me acho muito feliz pelo tempo que passou, foi um sofrimento grande, mas também tive uma grande vitória; eu criei doze filhos e esses filhos, graças a Deus, me deram um bom resultado porque a estima que eu tinha por eles era muito grande e na época era tão importante que os filhos tinham muita consideração pelos pais, assim como eu tive pelos meus pais também e hoje, não estou dizendo que hoje os filhos não têm esta consideração, mas, infelizmente as leis, hoje, abrogam o direito dos pais, ou seja, eles tiram o direito e nós hoje pra seguirmos essa vida, cada um tem que valorizar a família, é o mais importante de tudo. Não tem dinheiro que pague quando a gente fala da família quando tem, a família talvez nem é tão boa, mas por último quem vai lambar é a família. Os últimos que chega é a família, os últimos que vão enterrar é a família. Os outros vêm, chega e sai, mas a família fica.

Mas, o professor me convidou aqui pra mim contar uma história, que é uma história muito antiga e na época a turma falavam que é ‘história que o povo conta’, já viram falar, não? ‘Histórias que o povo conta’? É interessante até”.

...

“Um certo rei...” não, em primeiro lugar, quero dizer... eu esqueci, quero agradecer a Deus por esse convite que vocês me fizeram, que o professor me fez, de eu estar aqui e com toda essa idade que eu já falei, me sinto muito bem, graças a Deus, com boa saúde. Trabalho todo dia; essa é a primeira coisa que eu tinha que falar, mas graças a Deus eu me lembrei.

“... então esse rei era um rei muito orgulhoso. Esse rei tinha três filhas e pra, mal que pareça, cada ano que ele fazia aniversário, o rei recebia presentes muito importante, de muito valor, e com o cabo dos tempo, eram duas filhas, foram três, a terceira, uma caçulinha, começando talvez a andar, ou que estivesse com dois anos, não era permitido que ela escolhesse um presente pra dar pra o pai. O que aconteceu? As filhas mais velhas, que já tinham um bom entendimento, compraram objetos de muito valor e deram, levaram pra o pai. Ele recebeu com todo prazer. Abraçou e beijou. E a pequeninha não tinha uma mente formada para nada. Felizmente, naquela época, talvez até no tempo de meu bisavô, o sal era em pedras. Quem já viu sal em pedras? Pedrinhas grandes, pedrinhas mais pequenas e por ali a fora. E esse rei, certamente, com toda a sua glória, ele não entendia que as coisas mais simples vão ganhar eco, vão ganhar o mundo e as que têm mais valor. E quando a pequeninha se disfarçava

pelo povo ali, ela foi lá em algum lugar que tinha o sal e pegou uma pedrinha de sal e levou de presente pra o pai. Quem conhece essa história? E o pai, vendo que aquela pedra de sal era uma coisa tão simples em vista dos presentes tamanho que tinha recebido, ora, condenou a filhinha como se fosse um nada e ordenou imediatamente:

– Tira do palácio, tira do palácio e tira, que é pra ser executada.

Lamento falar isso aí, mas é o que aconteceu, segundo ‘história que o povo conta’. E daí então tinha o carrasco que executava as ordens do rei e ele falou:

– Esta menina é pra ser levada em um degredo e é pra ser morta.

E o carrasco então, sendo obrigado a executar o mandado do rei, pegou a menina e levou. Mas, Deus tocou no coração dele e a ele sair com a criança, ele lembrou que ele tinha uma cachorrinha e ele pensou: “Eu vou matar a cachorrinha”.

E o rei, voltando atrás, o rei falou:

– Você vai ter que me trazer a língua da menina pelo pecado que ela cometeu.

Ele levou a cachorrinha, matou a cachorrinha, cortou a língua, trouxe para o rei. Ele não sabia que língua de gente ou língua de cachorro do jeito que era, ele aceitou. Resultado... chegou, entregou pra ele e o carrasco soltou a menina em um degredo, ou seja, num lugar deserto e, por sorte, vinha passando uma carruagem de outro reinado e ali encontraram aquela criança lá naquele degredo e ali pegaram com todo prazer “e vamos levar” e levaram pra um reinado muito distante, calculamos como daqui a Cuiabá.

Muitos anos se passaram... Muitos anos se passaram... A menina cresceu. Aquele povo que era outros reis que estavam passeando, levaram. O tempo se passou e cujo um filho, uma criança também daquele reino, estava mais ou menos na idade daquela criança e foram crescendo juntos.

Com o tempo, ela ainda tinha lembrança do que tinha acontecido e revelou que não era irmã dele, ou seja, os pais sabiam. Então, o que aconteceu? Ela revelou que ela tinha passado por este problema tão difícil. Os pais já sabiam que ela estava lá, mas não sabia o motivo de quê, por quê? E por que não? Tudo bem... Quando revelado, ela falou como era o nome do pai dela, da mãe e daí então foi aqueles dois reinados ter contato um com o outro e dali passaram os tempos, se comunicando, até que chegou o dia... antes disso, o moço cresceu, a moça... a menina cresceu, se casaram e dali, com esse tanto de tempo que passou... e agora? Levamos onde tá o rei fulano de tal, cujo pai da menina. Mas isso já tinha passado muitos anos, o esquecimento já tinha tomado de conta, menos pra o pai, mas eu creio que a mãe

não.

E daí essa comunicação foi passando e até que um dia chegou um convite desse rei ir no outro reinado pra um almoço, uma festa de gala. Isso aconteceu. Quando chegou o dia, o rei com a comitiva chegaram naquele reinado aonde foi criado a menina, aquela criança, mas ele não tinha nem notícia, não sabia mais de nada, tinha... o tempo levou. E ali foi bem diferente... no dia da grande boda, foi preparado mesas, comida de tudo jeito. E o que que aconteceu na comida? Quem é que responde? Ninguém responde? Eu vou falar mesmo assim. Quando se preparou todo mundo pra sentarem na mesa, cada um pegou um prato e cada um foi pondo a comida. E quem comeu? Um repunava, o outro repunava, o outro não queria. Por quê? Não tinha sal. A comida não tinha sal. E daí o rei... Ela levantou-se e falou:

– Um certo rei que tinha três filhas, e no dia do seu aniversário, cada uma deu um presente mais importante e uma caçulinha, pequeninha dele deu uma pedra de sal, ele mandou executar. Rei, essa menina sou eu!

E ali chegou pra uma prova do rei, ali foi a dor que ele sentiu com toda a sua família e, quando ele descobriu, que se abraçaram e se conheceram, foi festa mais três dias pelo conhecimento da filha e pra dizer que ele nunca pensou que o sal seria muito mais importante de que o ouro, porque os presentes era tudo de ouro, mas eu sempre tenho falado: ‘as coisas mais simples da terra ainda vão ganhar o mundo’. É na simplicidade”.

...

“Quando eu era vice-presidente do Conselho Deliberativo (de outra escola), eu fiz palestra em seis salas de aula. Eu não sou bem preparado pra isso, porque, na verdade eu não tenho nenhuma formatura, finalmente a formatura que eu tenho é dos 84 anos.

Mas, professor, eu vou contar também uma história de uma simplicidade, da pessoa mais simples que teve, o que que aconteceu. Essa é pra acabar, mesmo, viu?”

...

“Um senhor muito pobre, uma família muito pobre, possuíam muita terra, mas não sabia administrar, continuavam pobre, bem pobre. Vizinho, morava um fazendeiro, possuía muito gado, possuía dinheiro e seu Zé todo dia tinha que trabalhar pra aquele fazendeiro pra ganhar um dinheirinho pra manter a casa. A mulher apenas cuidava dos filhos, mas que mulher, hein? E seu Zé, por ter muitos filhos, certa vez uma pessoa lá disse:

– Eu vou dar uma vaca a seu José pra ele dar leite aos filhos dele.

Isso foi por pouco tempo também. E seu José ganhou a vaca e logo já tirou leite e deu pra todos os filhos e por ali a fora. Um dia deu na cabeça de seu José, falou:

– Mulher, eu vou vender essa vaca. Eu vou vender essa vaca.

Ela falou:

– Pode, José. Vai e vende, José.

Os filhos que ele tinha que beber o leite.

– Vende, José.

José pegou a vaca, pegou amarrou na corda e se mandou.

Acabou de sair, o fazendeiro chegou. Falou:

– Dona, quedê seu José?

Falou:

– Ele foi vender a vaca.

– Mas dona, por favor, ganharam a vaca e seu José vai vender a vaca.

– É. Ele quer vender, deixa que vende.

E seu José pegou a vaca e saiu. ‘História que o povo conta’. Seu José saiu. Aí o fazendeiro sempre cada dia vinha, cada mês:

– Oh, vocês querem vender essa terra, eu compro. Vocês não têm nada na terra.

Ela falava. Era Zé também:

– Seu Zé, um dia essa terra nossa vai encher de gado. Essa terra nossa vai encher de gado.

– Mas de que jeito, dona? Vendem essa terra, vão lá pra cidade, cria os filhos de vocês.

– Não! Não! Nós não vamos vender nossa terra. Um dia nós vamos encher ela de gado.

O fazendeiro tinha gado de tudo quanto era jeito e seu José pegou a vaca e se mandou. Lá na frente ia passando, puxando a vaca, um cara que tava lá na frente lá da casa, falou:

– Ô, senhor, quer vender a vaca?

Ele falou:

– Tanto vendo como troco!

– O senhor troca?

– Troco.

– Eu tenho uma cabrita aqui pra fazer negócio.

– Eu vou pegar a cabrita.

Chegou, trouxe a cabrita.

– Negócio feito?

– Negócio feito.

Pegou a cabrita e se mandou. A vaca já se foi. E pega a cabrita e vai e chega lá na frente o cara tá também lá.

– É pra vender a cabrita?

– Tanto vendo como troco!

– Eu tenho uma porquinha aí, se quiser...

– Não, eu vou trocar.

Andou mais um tanto tocando a porca. Chegou lá na frente o cara:

– Essa porquinha vai morrer aí, o senhor tocando na estrada. Eu tenho uma perua aqui para fazer uma troca. O senhor faz?

– Não, eu faço.

Fizeram. Deixou a porca, pegou a perua e se mandou.

Chegou lá na frente, mais na frente, o cara falou:

– Quer vender a perua?

– Tanto vendo como troco!

Trocou pelo uma galinha.

E foi indo. Prestem atenção o que que é a mulher de seu José. Lá na frente o cara ia indo com a galinha. O cara falou:

– Ô, rapaz, eu precisava de uma galinha... tenho uns frangos aí, queria trocar...

Falou:

– Vamos trocar, tanto vendo como troco!

Deu a galinha num frango. Aí já tava muito longe, chegou em outra casa, pegou aquele frango, mandou matar, fizeram uma janta, comeram, foi dormir. No outro dia voltou daqueles confins de mundo sem nada. Mas, seu José, o fazendeiro também, ficou bem prestando atenção quando o seu Zé passava. Quando ele passou por ali, falou:

– Seu Zé, quedê a vaca?

– Oh, a vaca eu dei em uma cabrita; a cabrita eu dei numa porca; a porca eu dei numa perua; a perua eu dei numa galinha; a galinha eu dei num frango, mandei

fazer uma janta e comi.

– Seu José, a mulher do senhor, seu José, vai fazer o senhor hoje sumir de casa.

Falou:

– Não, minha mulher não faz isso, minha mulher não faz isso de jeito nenhum. Eu sei a mulher que eu tenho.

– Seu José, eu vou lhe dar 50 vacas em sua terra. Assim, eu dou em troca da sua terra. Se a sua mulher não achar que tá ruim o negócio, o senhor me ganha as vacas e se ela te achar que foi um mal negócio, eu lhe ganho a terra.

– Tá feito.

Pegaram as testemunhas e lá é vai.

A mulher não sabia de nada. E foram. Veja como que tem que ser bom na terra, ser ruim é perder tempo.

E a dona menina lá, sem saber de nada, chegou o fazendeiro, com seu Zé, mais duas testemunhas, e agora?

– O senhor vai contar agora pra mulher do senhor que que o senhor fez da vaca.

– Olha, mulher, eu saí daqui puxando a vaca, cheguei lá na frente achei um que me deu uma cabrita na vaca, eu fiz negócio.

– Mas José, que negócio bem feito que você fez, José. A cabrita, José, é muito melhor de tratar de que uma vaca, José. Que grande negócio.

E o fazendeiro já caiu um ponto.

Aí... Não, antes disso, ele falou, eu volto atrás, ele falou assim:

– Não, vamos fazer negócio assim, cinquenta vaca não, eu quero cem vaca. É cem vaca pelo meu terreno. Se a mulher achar ruim, você ganha e se ela não achar, eu ganho as cem vacas.

E fizeram, tá feito, bom...

Ai queria a cabrita.

– Olha, mulher, a cabrita eu peguei e dei numa porca.

– Mas já pensou Zé, a porca traz lá dez leitãozinho, dentro de um ano nós tamo rico.

E o fazendeiro foi caindo.

– Mas mulher, eu peguei a porca e dei numa perua.

– Mas José, que negócio que você fez. A perua é até melhor pra você carregar,

José. Você fez um grande negócio, José.

E foi.

– Mas mulher, eu peguei a perua e dei numa galinha.

– Mas José, a galinha traz 10, 15, 20 pintinho...

Aí ela foi...

– Aí nós enrica só de galinha, José.

E o fazendeiro foi caindo.

– Mulher, eu peguei a galinha, dei num frango e aonde eu pousei, mataram o frango e eu comi.

– José, o homem não pode viver sem comer, o cara tem que se alimentar. Você fez muito bem.

O fazendeiro dançou. Cem vacas ganharam. Dias depois tavam com cem vacas na propriedade”.

‘Entrou na perna de um pinto,

Saiu no bico de um pato,

Meu senhor mandou dizer

Que contasse mais quatro’

E agora eu vou perguntar: Quem é a menina que vai ser igual a mulher do seu José?”

...

“Hoje é meu dia. Eu vou contar mais uma história pra vocês. Essa aconteceu em Minas Gerais. Só que essa é muito pesada. É muito pesada”.

...

“Um senhor muito rico era dono de um vilarejo, ou seja, de uma cidadezinha muito pequena e ele dominava. Ele era o juiz de direito, ele era o delegado, ele era a polícia, ele era tudo. Ele tinha fazendas em volta ali e ele dominava todo mundo. E certo dia, com o passar de muito tempo, aqueles que adoravam muito ele, que veneravam, foram morrendo e ficou só os mais jovens que já começa a se conscientizar e vendo que aquelas coisas não tavam certo, foram fastando daquele homem tão cruel. Ele tinha tudo nas mãos, ele tinha toda a riqueza, ele tinha todo o poder. Só que não tinha Deus. E se não tiver Deus não tem nada. Então certa vez ele se sentiu só e falou pra um empregado dele, alguns empregados que restavam:

– Olha, ocêis saiam por aí convidando todo o povo do vilarejo, vou fazer um almoço dia fulano de tal pra todo mundo vim almoçar comigo.

E naquele dia... O professor foi lá, não? O professor foi lá? Foi não, num foi ninguém não. Vocês também num foram. Num foi ninguém. Tinham muito medo do homem e não foi ninguém. O homem se sentiu só e falou:

– Olha, Fulano, saia aí na rua procurando o diabo pra vim almoçar comigo hoje.

Mas naquela cidade tinha uma senhora, uma velhinha e uma filha que viviam sob custódia daquele rico, ou seja, ele monitorava aquelas duas pessoas com uma migalha cada dia. Dava um pouco de comida pra cada uma. E aquilo ali, daquilo não passava. Aquelas duas pessoas que todo dia era obrigada a ir na porta daquele rico buscar uma pequena migalha. Mas, ele tendo mandado buscar o demônio lá pra vim almoçar com ele, foi pra já, tava tudo preparado e o demônio vem. É pesada, viu? E tendo chegado, almoçou com ele e falou pra ele:

– Óia, eu só vim porque tu mandou chamar. Só que tem uma coisa: de hoje a quinze dias você vai ter que almoçar comigo também.

Chegou os quinze dias, pareceu aquele fulano lá, dois cavalos bem arrumados.

– Monta aí e fecha os olhos.

Fechou os olhos e diz que tava lá no inferno. Vocês já ouviram falar no inferno, não? Mas, por surpresa do fazendeiro, ele, quando entrou naquele lugar, muito bonito, muito bem ajeitado, tinha de tudo. Aí o colega dele começou a mostrar pra ele o que tinha de errado nessa terra tava tudo lá e mostrava pra ele gavetas e mais gavetas, lugares e mais lugares onde tinha imposto, onde tinha sangue que foi derramado, onde tinha tudo o que foi de maldade nessa terra ele tinha lá e falava:

– Aqui, ó, aqui tá o dinheiro que foi roubado nesse quarto... aqui tá...

E foi mostrando tudo.

– Cê é bacana, nunca ninguém me chamou pra almoçar comigo, ocê me chamou. Venha ver, vou lhe mostrar tudo aqui.

Mas ele escutava um barulho muito estranho e muitos gritos e ele prestava atenção no que o inimigo mostrava pra ele, mas escutando aqueles gritos terrível.

– Oh, você é muito bacana, eu vou te mostrar aqui uma coisa.

Chegou lá, abriu lá uma porta onde tinha uma cama e tinha um sujeito lá deitado naquela cama e aquela labareda de fogo que pegava de baixo e subia lá em cima, voltava e pegava de novo e aqueles gritos mais terríveis do mundo. Ele falou:

– Oh, aqui, esse quarto aqui, essa cama aqui é onde está seu avô. É pesado? Aqui está seu avô.

E os gritos comia.

– Oh, como você é bacana, vou... aqui tá também... – Abriu uma porta lá e mostrou – Aqui tá seu pai.

O fogo pegava e queimava e o grito comia. E, por último, falou:

– Ó, você é muito bacana. Eu vou mostrar pra você.

Abriu uma porta e falou:

– Aqui é a sua cama.

A cama vinha, o fogo pegava, mas não tinha ninguém.

– Você vai vim aqui, ó. Ocê sabe por quê? Porque toda riqueza que você tem é daquela velhinha e daquela moça que mora com ela. Toda aquela riqueza, aquela fazenda, tudo, você não tem nada e você vai vim aí.

Aí o cara tomou um susto, rapaz, que não foi brincadeira. Falou:

– Eu não quero vim aí. Não quero vir.

– Ó, única coisa que você tem que fazer é voltar lá, casar com aquela moça e dar o que é dela que você não tem nada. É ela que pode dar alguma coisa pra você.

E o cara:

– Ó, você quer vim ai?

– Não! Não quero!

– Se quiser, num dê nada pra ela. Cê vai lá, cê vai ter que casar com ela e dizer pra ela que tudo é dela senão você vai vim...

– Não! Num quero vim aqui, não!

Aí o susto comeu. Tudo bem. O cara:

– Então agora você já viu tudo, já viu o bagunçado também. Não, depois de tudo, vamos almoçar.

Almoçaram.

– E agora eu vou te levar. Fecha os olhos.

Quando abriu os olhos tava em casa. Quinze dias depois arrumaram tudo, arrumaram o casamento, casaram, fizeram três dias de festa. Meu bisavô tava lá e trouxe um potão de doce desse tamanho, quando vinha vindo caiu no caminho e perdeu tudo. E acabou a história”.

...

“Essa talvez não era a história que vocês queriam de mim”.

...

“Mas eu vou contar agora uma historinha interessante. É dum certo homem que tudo o que ele fazia num dava certo.

– Meu Deus! – expressão de um aluno.

– Muito pecador ele – Fala de uma aluna.

– E cê quer dizer que o homem era burro? Não! É porque ele ainda não tinha a chave, o alvo que dissesse a verdade pra ele e por comum, todos nós erramos muito. Até só em falar já erra. Certas pessoas não têm coragem de ver o outro cair no buraco e pegar no braço e dizer assim “não, ele tá lá dentro, se eu for, eu caio junto também”, mas deita lá no lugar e dá a mão que muitas vezes ele não te puxa, agora, se fica em pé pode cair os dois. Mas esse homem, todo o negócio dele dava errado. Ele fazia um negócio, dava errado, fazia outro negócio, não dava certo. Um dia ele falou assim:

– Olha, eu vejo tantas pessoas que lidam com livros e trabalham com livros e que lidam com papéis e que vão muito bem. Eu vou montar uma biblioteca pra mim.

E montou a biblioteca, botou dois funcionários. Passou um ano, terminou o ano, o homem estava no vermelho. Vocês sabem o que que é o vermelho, não? Blefado. Tentou outro ano. Chegou o fim do ano, blefado.

Ele saiu um dia pela rua afora muito triste e passou ni uma banca e estava um livro escrito lá “Oferta”, “Livro em oferta”. Ele pega e vai lá e compra o livro. Quando ele chegou em casa, por surpresa, que esse também é um conto muito interessante pra hoje, o livro chamava-se “A arte de perder tempo”. O homem tomou foi uma surpresa muito grande que ele falou:

– O que tá me acontecendo. E eu que tô tremendo até hoje.

Começou a ler o livro. A uma altura do livro pra frente, ele despachou os dois funcionários. Cuidou da biblioteca durante os trezentos e sessenta e cinco dias, mas como oito ano não era bissexto, não tinha seis horas. Leu uma biblioteca com um metro e meio de altura e a vida do homem só foi pra frente, porque ele não perdeu tempo e ele trabalhou.

Assim eu continuo trabalhando até o dia que Deus quiser”.

...

“Eu fico muito agradecido da presença de vocês. Talvez não agradei, contei ‘história que o povo contam’.

Pra terminar, agora eu vou falar poesia, posso?

– Pode! hoje a sala é sua¹ – Os alunos, quase em coro.

De quando eu era menino”.

“Um dia eu estava no Estado de Alagoas
 E o povo estava em bela repartição
 Quando chegou uma embarcação
 Com cento e cinquenta navios e canoas
 Na presença de mais de dez mil pessoas
 A um navio alemão eu me encostei
 O navio quis correr e eu sustentei
 E nesse dia o meu braço criou fama
 E o oceano ficar da cor de lama
 E o navio só partiu quando eu soltei”.

...

Essa foi na Bahia:

“Um dia eu estava na Serrinha
 Quando vinha um trem em desfilada
 Eu dei um soco de retaguarda
 E rebolei o trem fora da linha
 Atendendo os colega que ali vinha
 E algum deles que não podia ter demora
 Um cabelo eu cortei e fiz escora
 E fiz lavanca de dois canos de milho
 E novamente assentei o trem no trilho
 E o maquinista apitou e foi embora”.

...

Após muitos aplausos e pedidos de mais histórias, já estava quase na hora de ir e o contador, já cansado, agradeceu e deu por encerrada a sessão de contos e, por fim, poesias daquela primeira visita de um contador de histórias.

3.7.3 Segundo contador de histórias

A segunda pessoa convidada para participar do projeto é uma contadora de histórias que chegou com um tablete no qual expunha seu conto, faz um abreve introdução e se apresenta à turma

“Como eu inventei a história, eu não ia chegar aqui sem nada pra contar uma história pra vocês. Meu nome é Marisa, eu sou advogada, advogo muitos anos aqui, moradora há muito tempo daqui e eu aceitei um desafio e espero que depois vocês aceitem um desafio também, que eu vou desafiar vocês a contar histórias. Eu adoro pegar a meninada lá dos fundos, esses é que são os bons.

Na minha época existiam contadores de histórias que eram as pessoas mais velhas do lugar, e aí, que histórias que eles contavam? Por que que eles contavam? Geralmente era contado de pai pra filho. Eram histórias de lendas urbanas ou lendas rurais que eram contadas por pessoas mais velhas para as crianças, posteriormente essas crianças cresciam e contavam para outras crianças e assim iam as histórias.

Mas essa história aqui é uma história bem... vocês que vão avaliar se é boa ou ruim. Tan tan tan tan! Já tão no clima? Vamo lá! Vamo imaginá! Vamo imaginá!

...

“A história se chama ‘A hora mais escura’.

Em uma noite, muito escura e fria, por volta da meia-noite, um grupo de jovens estava voltando de uma festa de halloween, onde haviam bebido um pouquinho, só um pouquinho, mas já tava assim meio chapadão. Vocês sabem como é, não dá pra beber nada, nessa faixa etária de vocês, não dá pra beber nada. Mas eles acabavam bebendo um pouquinho mais do que deviam e riam alegremente. Ainda empolgados, já era em torno de meia-noite: “ah, vamo embora, vamo dar uma passeada”, numa cidadezinha muito pequena onde viviam e começaram a caminhar. Ao longe avistaram o cemitério. Naquele cemitério existia uma lenda que quem entrasse lá seria amaldiçoado e Paulo, como era um menino bem terrível, terrível, terrível, igual tem... deve ter um... aqui não tem. Essa turma aqui só tem gente boa. O Paulo aproveitando toda aquela escuridão, aquele frio, que tava todo mundo assim, né? agachadinho de frio, falou assim: “Vou contar umas histórias de terror pra vocês”. Todo mundo falou: “Nããããão!” Tava que o medo tava pegando... meia-noite, frio... cemitério, cidade pequena, tá parecendo com um lugar que nós conhecemos. E resolveu, disse: “Não, eu vou contar histórias de terror e...”. As meninas e os meninos mais jovenzinhos já começaram a tremer e ficaram morrendo de medo.

Paulo contou uma história, contou duas, quando chegaram na frente do cemitério, falou assim: “Eu desafio alguém mais corajoso daqui a entrar lá dentro daquele cemitério, escolher um túmulo e cravar uma faca nesse túmulo. Naquilo lá, todo mundo se olhou assim, esperando que alguém tomasse aquela decisão corajosa.

Teria alguém aqui bem corajoso? É aqui que tem! Lá tinha uma menina que era muito bonita, maravilhosa, tinha os cabelos esvoaçantes, muito feminina, usava aquelas saias compridas, que se chamava Valquíria. Ela já está assim meio apaixonadinha pelo Paulo. Ela rinha em torno de 12, 13 anos, estava naquela fase das paixonites, pensou assim: “Ah, se eu for me mostrar corajosa, Paulo vai gostar de mim”. Falou: “Espera aí, deixa eu pegar essa faca aí de você! Eu não acredito nisso mesmo, essa história dessa maldição aí de quem entrar lá dentro não acredito, eu sou corajosa!” Assim: traaaaaaa. Tremendo de medo. “Dá essa faca aí!” Foi lá, tomou a faca que o Paulo tinha na mão e entrou rapidinho pra dentro do cemitério. Conforme ia entrando, o medo ia aumentando. Olhou pro céu... era uma noite escura, mas tinha as estrelas. Aquelas estrelas pareciam... “Essas estrelas aí acho que não são estrelas não. Acho que são fantaaasmas. Ai, que meeeedo!” Mas olhou pra trás, toda a meninada esperando que ela fosse lá, já tinha tomado a iniciativa, fosse lá e cravasse a faca no túmulo.

E, por incrível que pareça, conforme ela ia entrando, se dirigindo... tinha que ser no centro do cemitério, conforme ela ia entrando, parece que uma névoa foi baixando assim, uma névoa foi escurecendo e lá no centro parecia que o túmulo se iluminou. “Meu Deus do Céu, é naquele que eu vou ter de cravar a faca. Que que é isso!”

Devagarinho foi indo, se aproximou do túmulo, olhou pra trás, todo mundo esperando. “Ai ai ai ai! Tô com medo aqui! Não aguento isso não! Tô morrendo de medo”.

Aí aquilo lá escureceu, baixou a névoa e escureceu tudo. A maldição era: quem cravasse uma faca num túmulo, iria ser segurado ali e iria morrer. Naquilo lá, pensou, pensou: “Se eu voltar lá, não tem como voltar, vai ser uma gozação, eu já me comprometi e afinal, o Paulo vai acabar me pedindo em namoro com essa história de ser corajoso. Sou corajooosa!”

Resolveu, naquela escuridão, fez assim “pá!”, cravou a faca no túmulo, estourou tudo “tá!”. Tentou sair assim e não conseguiu mais sair e “poff!”, caiu.

Lá fora, o Paulo e os demais meninos, estavam mais de oito, esperando que a Valquíria, vocês lembram, né? a personagem Valquíria entrou lá, esperando que ela voltasse. Esperaram um minuto, dois minutos... “Ah, deve ter pegado os túmulos mais lá do fundo, né?”. Passou dez minutos, quinze minutos, meia hora... chegou uma hora.

Falaram assim: “Espera aí, cadê a Valquíria? E vai saber se essa maldição aí não é verdadeira e seguraram ela lá!”

Mas ninguém tinha coragem de entrar lá dentro. Mas Paulo, que tava com sentimento de culpa de ter contado a história, falou assim: “Vamo lá!”. O outro respondeu: “Eu não vou, se quiser vai tu.”. Todos os corajosos estavam morrendo de medo, né? Aí o Paulo falou: “Não, vamo fazer um trato, vamos todos nós de mãos dadas entrar lá dentro”. Pegaram na mão um do outro e foram entrando, entrando. Foram lá, bem no túmulo do centro, aquela escuridão só. Aquele frio que tava todo mundo tremendo, não sabiam se era de frio ou de medo. O que vocês acham que era? “De medo” (foi a resposta dos alunos). Ah, muito bem, acertaram. Foram indo, foram indo, foram indo, quando chegaram lá, aquela névoa assim que tinha descido... chegaram lá no túmulo, encontraram um corpo. A Valquíria desfalecida assim, totalmente caída em cima do túmulo. “Hãããã! Era verdade a maldição! Meu Deus do céu, o que nós fizemos? A Valquíria morreu!”. Aquele silêncio assim, toda a criançada, né?, os juvenzinhos... os maiores já tavam no desespero, assustados, começaram uma gritaria: “Qué sabê de uma coisa, nós vamo embora daqui!”. Só viram aquele esparramo da criançada, de jovens, sumiram tudo. E a Valquíria ficou lá desfalecida em cima de um túmulo.

Acontece o quê? Que a Valquíria, quando foi jogar a faca no túmulo, pegou a faca na saia dela, “taff!”, cravou a faca e cravou na saia. Tentou sair, o que aconteceu? Não conseguiu. Contudo, isso ninguém sabia, os amigos dela, que não eram tão amigos, foram tudo embora. Naquela hora, a Valquíria continuou lá desmaiada, o susto foi tão grande que achou que tinha morrido mesmo... naquela hora chegou o coveiro que trabalhava no cemitério. Chegou desse jeito (tinha ido na festa do Halloween também, tá?), tava bêbado. “Meu Deu do céu, um corpo aqui! Será que eu não fiz meu serviço direito hoje à tarde? E o pior, que é uma moça tão bonita! O que que eu faço? Será que eu errei?” E tava bêbado. “Que que eu faço? Hummmm! Se alguém descobrir que eu deixei esse corpo aqui, vão me mandar embora. E como que eu trato meus filhos em casa? Eu trabalho aqui há mais de vinte anos de coveiro.” E a Valquíria nada de acordar. Desmaiada ali.

Naquilo lá, pensou assim o coveiro, bêbado que tava passado: “Vou fazer um buraco e vou enterrar esse corpo antes que alguém descubra que eu não fiz o serviço direito.” E começou cavar o buraco...”

...

“O desafio agora é vocês contarem dois finais. Eu quero respeitar a igualdade de gêneros. Vai ter uma menina e um menino que vai vir aqui na frente contar um final feliz e o outro vai contar um final triste. Primeira coisa: quem me ajudou a inventar essa história foi uma menina de oito anos e outra de sete. Elas conseguiram inventar uma história com final feliz e uma triste, porque eu queria contar uma história, porque história de terror tem que ter um final triste. Ceis lembram que o coveiro tava fazendo o buraco, lembra? Quem que vai ser os voluntários? Aquele que contar um final melhor, lembrando que um vai dar um final feliz e outro vai dar um final triste... aquele que contar melhor, e vocês vão me ajudar votando, e aquele que ganhar, vai ganhar cinquenta reais. Melhorou, né?

...

Depois de muita discussão, decidiram que seria uma dupla feminina e uma dupla masculina. Como as duas duplas queriam dar um final triste para a história, fizeram a disputa no cara ou coroa. A dupla feminina ficou com o final triste para a história e a dupla masculina ficou com o final feliz.

...

Dupla feminina:

“Quando o coveiro correu pra buscar a pá pra poder cavar o buraco e enterrar a Valquíria, o Paulo, que tava correndo também pra procurar ajuda e acabou resvalando no coveiro. Como ele estava meio, né? ele achou que o coveiro fosse um morto-vivo e ele e os amigos começaram a gritar e correr até o túmulo onde a Valquíria estava deitada em cima, e começaram a chacoalhar ela para que ela acordasse. Então, quando eles estavam chacoalhando ela, ela acabou caindo e batendo a cabeça. Daí, como eles ficaram muito mais desesperados por causa do sangue, daí eles ficaram com medo de serem culpados e tal, daí eles saíram correndo e foram embora, mas o Paulo ficou lá, falando: “Oh, ‘num sei quê’, eu amo a Valquíria”. Daí o Paulo também desmaiou. Ele acabou caindo, só que o coveiro não viu que ele desmaiou, porque ele desmaiou um pouco mais pra trás da onde a Valquíria tava. Daí a hora que o coveiro voltou com a pá, ele terminou de cavar o buraco e jogou a Valquíria lá dentro. Logo que ele fechou o túmulo, ele viu que tinha outro corpo e falou: “Mas que diabo! Esqueci outro copo!” E começou a cavar outro túmulo também e nisso o Paulo acordou, pegou a pá e bateu no coveiro, saiu correndo de lá e o corpo ensanguentado ficou estendido lá”.

...

Dupla masculina:

“Tava lá o coveiro cavando o buraco, cavou que era uma maravilha de tão bêbado que tava. Quando terminou de cavar o buraco, foi lá buscar o corpo. Quando ele foi buscar o corpo, ele tropeçou na pá que tinha deixado no chão, caiu dentro da cova e ficou lá e desmaiou também. Aí amanheceu, daí chegou o Paulo. Aí quando chegou o Paulo, chamou a família dele, aí ele saiu correndo pra ver se a Valquíria ainda tava lá, aí ele pegou, começou a chacoalhar ela, aí ela não queria acordar, aí ele caiu assim e se beijou lá, daí ela acordou bem na hora, aí acordou lá “Uhu, ganhei um beijo!” Aí ele saiu correndo pra encontrar ajuda. Daí encontraram o coveiro, foram lá, passaram-se os anos, se casaram e viveram felizes para sempre.

Depois de muita discussão, tumulto, brigas, “dedos do nariz”, tentativas de compra de votos por parte das duas duplas, ganhou a dupla masculina na votação da classe, ficando com os cinquenta reais da premiação dado pela contadora da história, que prometeu voltar e contar o que aconteceu com o final da história original, mas disse-me na saída que um bom contador deixa a conclusão suspensa no ar e não mais voltou.

3.7.4 2ª parte: Atividades de escuta, gravação, digitação e correção dos casos narrados

Sei que tudo isso deve parecer muito estranho. Porém, se a sombra de uma dúvida restar no espírito de alguém, a solução é simples: que ele próprio faça essa viagem, pois vai então constatar o quão fiel à verdade sou como viajante. (Barão de Munchausen, RASPE, Rudolf Erich⁹, 2014, p. 9).

...

Tendo ouvido, pela primeira vez, que as minhas aventuras foram postas em dúvida, e tidas como piadas, vejo-me na obrigação de me apresentar e de justificar o meu caráter – *por sua veracidade* -, empenhando três xelins na Mansion House desta grande cidade para assegurar os documentos aqui anexados. A isso me vi forçado em prol da minha honra, embora há muito tenha me retirado da vida pública e privada; espero que esta derradeira edição seja capaz de me mostrar sob uma luz adequada aos meus leitores.

(RASPE, Rudolf Erich¹⁰, 2014, p. 17).

⁹ RASPE, Rudolf Erich. **As surpreendentes aventuras do barão de munchausen – em XXXIV capítulos**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

¹⁰ “Nós, abaixo-assinados, que com ardor cremos no lucro, afirmamos com toda a solenidade que as aventuras do nosso amigo, o Barão de Munchausen, em qualquer país que possa ter ocorrido, são fatos simples e evidentes. E, como deles nos convencemos, e de aventuras dez vezes ainda mais

Nessa segunda parte da contação de histórias, todas as narrativas, pelo fato de terem sido, por vezes repetitivas e por conterem muito da história pessoal de cada convidado participante das narrativas, não serão transcritas na íntegra, sendo-lhes feitos alguns recortes, algumas supressões e algumas adaptações a fim de que se tornem mais coerentes e coesas.

Foram três contadores que optaram por narrar aventuras pessoais, “verdadeiras”, como eles mesmo disseram, “pois não são dados a mentiras”. Desses, apenas um, o quarto contador, que, além de narrar alguns de seus feitos, optou também pela lição de moral, fazendo discursos, dando conselhos e chamando a garotada para a responsabilidade, para que estudem mais, para que pensem no futuro. Infelizmente o contador ficou a maior parte do tempo com essas falas e isso tornou sua visita um tanto quanto chata, fazendo com que os alunos não gostassem muito de sua atuação.

Já o terceiro contador narrou fatos bastante fantásticos acontecidos em seu sítio, o que gerou um bate-papo bem produtivo com os alunos, que questionaram, que quiseram saber mais sobre os acontecimentos sobrenaturais ocorridos em seu sítio. Esses diálogos não serão transcritos nesse relato devido ao fato de terem sido exageradamente repetitivos.

O quinto e último contador desfilou causos de sua juventude e fatos recentes também, de suas namoradas “muito bonitas” e um pouco dos seus trabalhos, com algumas passagens fantásticas incluídas nos relatos.

3.7.5 Terceiro contador de histórias

“Meu Nome é Antônio Silvino Marques. Eu resido na Comunidade Santa Teresinha, num sitiozinho que é considerado um sítio arqueológico. No ano de 1984 eu cheguei ali que vim pra conhecer a região, porque eu não conhecia o Mato Grosso. Tinha os irmãos que moravam aqui, e uma irmã que tava no Guarantã, mais tarde ela veio pra cá também. Eu vim ali, cheguei ali eu já tava sabendo dessas pedras que tinham ali, com desenho e tudo. Eu nunca tinha visto nem falar em sítio arqueológico, não sabia de nada, mas mesmo sem ter visto falar desse sítio arqueológico, eu

maravilhosas, assim temos a plena esperança de que todos vão lhe conferir toda a sua crença e convicção”.

Gulliver, Simbá, Aladim (RASPE, Rudolf Erich, 2014, p. 19).

cheguei ali e me deparei com aqueles desenhos bonitos, naquelas pedras ali, aquelas gravuras, aquelas letras, várias coisas importantes que têm nos pontos lá. Aí eu achei bonito aquilo ali, só que na época, até então eu não fui no sítio, conhecer o sítio, eu só fui nas pedras dos desenhos, mas eu já falei pro meu irmão “é uma coisa importante que tá aqui e isso aqui deve ser preservado, que isso aqui é uma coisa histórica”, que na época queimava tudo na região. Eu não sei se vocês ouviram falar nisso aí, mas até os anos 93, 94, 95, não me lembro bem, queimava tudo, virava tudo no carvão essa região toda. O fogo passava por tudo aqui.

Mesmo antes de vir para cá, eu já tava sabendo que aqui não era o Paraná, que era muito diferente, mas igual eu vim pra conhecer e quando encontrei aquelas pedras, parece que aquilo ali me encantou. Aí eu fui de volta pro Paraná, fiquei ali até comezinho de 86. Não queria vir embora para cá, mas aí eu resolvi voltar, porque até então em não tinha terra lá, trabalhava em terra dos outros. Aí era difícil pra mim. Em julho de 86 peguei minha família e vim embora pra cá. Quando eu cheguei ali era tudo mato, era difícil, mas eu encarei aquela dificuldade toda.

Podia ter formado todo o meu sítio na época, mas como tinha alguém que logo começou a visitar ali, o professor Cesar (História) logo começou a visitar disse: “não, isso aqui é uma coisa que deve ser preservada, deve ser cuidada, isso aqui é considerado um sítio arqueológico e tal”. Aí eu fiquei naquela expectativa, “não, eu vou cuidar disso aqui, se isso aqui é um sítio arqueológico, de repente um dia eu vou conseguir cadastrar esse sítio aqui, vou conseguir organizar ele, arrumar pra receber o povo, que pode ser um ponto turístico, né?” Até então estava dando tudo certo, o prefeito gostou da minha ideia e achou que se tivesse aquela área iria atrair mais visitantes, só que mudou o prefeito e ele não ligava muito.

Eu corri atrás, mas infelizmente aquilo não interessava às autoridades e foi tudo por água abaixo o que nós estávamos planejando.

Ali naquele sítio tem um segredo que não foi desvendado ainda. Espero que um dia seja desvendado esse segredo. Já passou muita gente ali, muitos arqueólogos, muitos antropólogos, cientista já passou ali, até ele falou que aquele caminho que tem na pedra, aqueles desenhos é muito importante, que aquilo ali tá indicando alguma coisa que tá guardada, ou seja no sítio ou fora do sítio, mas em algum lugar por ali.

Eu sempre com aquela esperança de um dia encontrar alguma coisa de valor. De fato uma época eu escutei ali naquele sítio, dentro daquele sítio muitos tipos de

barulho, muita voz diferente, às vezes até pensava que era um passarinho, alguma coisa, sei lá... acho que não era.

Houve uma época que até me apareceu em sonhos, que eu ia encontrar uma coisa de muito valor dentro do sítio, só que no sonho era pra ser dentro do sítio, aí então eu comecei a ficar meio animado, aparecia no sonho pra mim, no caso alguém me falava que eu ia encontrar uma coisa de muito valor, só que até então não me mostrava onde é que tava. “Não, tá ali naquele ponto, cê vai lá e tal, cê vai encontrar...” Não, não mostrava isso. Passou o tempo, várias vezes me aconteceu aquele sonho, até que um dia eu achei essas escritas nessa pedra lá e achei uns quadros lá, hoje já não existe mais, hoje foi quebrado tudo, o pessoal meteu a marreta e quebrou achando que o ouro estava debaixo ali. Eu achei aquilo lá, bati na pedra e começou um som diferente, digo: “Ó, o ouro tá aqui, ne?”. Só que eu não fui mexer ali, digo: “não, aqui não tem nada nada, não!” – na verdade em cima da pedra não tem nada, se tiver alguma coisa, que tem, né?, com certeza tem, né?, porque não é só eu que vi muitos sinais lá, os vizinhos que moram tudo em volta ali tudo pode contar a mesma história, que tudo viu e outra coisa, aquela região ali tá sendo muito pesquisada, já são três vez que vem um avião, não sei da onde que vem com um aparelho, a última vez foi em junho, esse avião ficou um dia inteirinho andando na região ali. Só do meu sítio, só da pedra da caverna pra trás ali, diz um vizinho lá que ele passou umas trin..., mais de trinta vez. Subia pra lá, andava, vinha, voltava, então, é claro que ali tem alguma coisa, já tão pesquisando é porque alguma coisa de valor tem, né? Agora sei lá dizer se é uma rocha de ouro, é um diamante que tem ali, mas tem alguma coisa de valor.

Eu sempre recebi muita gente lá. Várias vezes, várias escolas visitava lá. Teve uma ocasião que nós fomos guiar 76 pessoas. Nesse dia tinha gente do Guarantã, tinha de Matupá, tinha de Peixoto, tinha de Terra Nova, tinha uns de Sinop e uns de Cuiabá. Tinha professor, tinha antropólogo, tinha vários tipos de pessoa, várias classes de pessoas, só que tudo adulto, não tinha criança, acho que tinha uns dois, três jovens só. Recebi muita gente ali, só que a maioria das pessoas que visitavam o sítio, deixava alguma coisa lá pra mim se queria, eu nunca cobre nada, guiava o povo lá simplesmente só pra conhecer a região.

E falando das aparição que apareciam ali, tem uma bola de fogo¹¹ muito bonita

¹¹ **Lenda da Mãe-do-Ouro** A Mãe-do-Ouro é uma personagem do folclore brasileiro, muito popular no interior das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Possui a aparência de uma linda mulher, com cabelos

que passeia em toda a região lá, só que não é só no meu sitio, não, é uma bola de fogo muito grande, aquele fogo tipo meio verdeadinho, muito linda. Pode ser qualquer hora da noite, ela clareia que parece dia. Aquela bola de fogo passeia que é um sinal que deve ter alguma rocha de ouro, alguma coisa ali, só que eu nunca achei um lugar pra dizer: “olha, aqui tá marcado, aqui deve ter alguma coisa”, a única existente é lá na rocha da caverna aquela bola que tinha lá pegou e saiu dali.

Aí essa época que eu sonhava, aí de repente passado um tempo, me aparecia pra mim três indiazinhas, uma maiorzinha e duas de um tamanhinho só, num ponto só assim, né?, e as três chegavam juntas assim, aí vinha pra querer... conversavam comigo, só que elas conversavam num tipo de língua que eu não tinha alcance pra entender aquilo lá, elas conversavam, na verdade, mas eu não entendia nada. Não sei se elas queriam levar pra me mostrar onde é que tava aquele tesouro guardado lá, ou o quê, até um dia eu cheguei a sair junto com elas uma meia-noite, mais ou menos, saí até uma altura, mas daí elas começaram a fazer sinal que não podia levar nada, nem facão, nem lanterna, nem espingarda, nada, aí eu fiquei meio assim, porque, não que me deu medo, eu não tinha medo, só que me deu um arrezeiozinho, daí eu voltei pra trás, né? Aí depois disso aí eu parei, né? não fui mais, daí na verdade não apareceram mais, mas apareceu lá pros meus vizinhos, como o Zé Coumo mesmo, que pra ele apareceu assim junto com ele mais que uma vez aquela pedra faiscando assim, que clareava todo o mato, aí no caso ele ficou com medo e nem foi ver o que que era e acabou perdendo. Ele tinha muito medo, teve uma época que ele esperava muito nos matos ali, ele foi um que parou até de esperar. Um dia o meu piá mais novo tava junto, aí em cima de uma pedra, eles estavam esperando umas pacas debaixo de uma árvore bem pertinho da caverna, só que depois que já fazia um bom tempo que ele tinha mudado essa pedra que tava no alto da encosta, que eu creio que era um diamante, né? aí apareceu pra eles, pertinho deles que tava na árvore embaixo, meu piá quis ir lá ver, não deixou, né? de medo. O piá até ficou muito revoltado com aquilo. Ele queria ir. Ficou tão nervoso que não gosta nem que fala.

compridos dourados que reflete a luz do Sol. Aparece sempre trajada de um longo vestido de seda branco. Em algumas regiões, a Mãe-de-ouro é também representada por uma bola de fogo que tem a capacidade de se transformar nesta linda mulher. De acordo com a lenda, a Mãe-de-Ouro tem a capacidade de voar pelos ares, indicando locais onde existem jazidas e ouro. Dizem que em noites escuras e sem estrelas, aquela bola incandescente faz a curva no céu caindo sobre o morro, indicando que ali há tesouro enterrado [...]. Disponível em: <<http://medievallegends.blogspot.com.br/2010/08/lenda-da-mae-do-ouro.html>>. Acesso em: 8 de junho de 2014.

Eu tenho várias histórias. O pessoal que mora tudo em volta ali tem uma história pra contar. Não é só eu que tenho muitas histórias, tem muita gente ali que tem mais histórias do que eu ainda pra contar a respeito dessas aparições.

A gente sabe que alguma coisa de valor tem ali, aonde que tá, em que lugar que tá é que ninguém sabe e então eu fico lá na minha casa esperando que um dia Deus abençoe e que meu sonho se realize e que eu consiga encontrar alguma coisa e eu espero que eu consiga também cadastrar o sitio arqueológico e na esperança que eu tenho ai de repente vocês poderão visitar o sitio ou até trabalhar.

A bola de fogo continuava aparecendo lá ainda, só que eu, no caso, eu num vi mais. Agora antes de ontem eu vi, só que não era esse... era um outro negócio que passou de norte a sul, era um negócio tipo um satélite, só que esse passou pro alto, só que eu não sei se tem alguma coisa a ver com aquilo ali ou não.

Agora essa bola de fogo, o meu vizinho tem visto. Volta e meia falo com ele e ele conta que vê. Agora esses dias atrás aconteceu um negócio bem engraçado com ele, que ficou bem apavorado na hora. Meio apavorado, não, na verdade ele se revoltou. Ele foi puxar uma madeira pro irmão dele desse lado, bem em cima do corgo, num trecho de serra, assim que sai do mato tem um trecho com um lago muito bonito e ele cortou a madeira e foi lá puxar a madeira e subiu no cavalo manso e aquele cavalo não saiu do lugar de jeito nenhum e ai ele se revoltou, ficou bravo na hora e falou: “o que tá acontecendo, esse cavalo nunca fez isso?” E a mulher dele falou: “Deve tá machucado”. Lutaram pra tirar o cavalo dali, mas não conseguiram tirar. Ele falou: “O cavalo não vai levar, mas o burro velho vai levar”, pegou aquela madeira, carregou nas costas e foi embora, deixaram o cavalo lá e ele saiu por conta. Quando ele voltou lá, ele pegou uma cavadeira, uma cavadeira, não, uma foice parece que era, aí ele bateu assim no lugar em que ele tinha cortado a madeira, ele escutou um barulho embaixo, um barulho bem forte, tipo aquela zuada assim, mas nem procurou nada. Só escutou aquilo ali e simplesmente foi embora.

Tem um antropólogo em Guarantã, um alemão que veio várias vezes e esse alemão fala em 6 línguas, só que nas línguas que ele fala, ele não conseguiu decifrar aquelas letras ali. E os desenhos ele tem a mesma opinião que nem eu. Tem muita gente que fala que foram feitos por índios, eu falo que não é índio, aquilo ali é dos padres jesuítas e ele também fala que foram os padres jesuítas que fizeram aquilo ali por causa dos tipos de desenho. O cientista que passou por lá diz que os desenho e as letras são muito importantes, mas o mais importante é aquele caminho que

atravessa de um lado para o outro e lá no final do caminho tem aquelas bolas que parecem uma comunidade, ele fala que, de repente poderiam ser umas tribos que viviam na região, que se reuniam ali, ele falou também que aquele caminho pode ter outra indicação, pode ser alguma coisa que pode tá indicando alguma coisa de valor que tem ali, que não levaram tudo. Os mesmos tipos de coisas que apareciam antigamente, até hoje é visto por muitos, é escutado por muitos e aquele povo continua passando ali. Mas se no caso essa pedra que ninguém desfaz que foi alguém que passou por ali e tirou, era um diamante. Eu falei: “Se tivesse tirado, esse povo não estaria mais passeando por ali naquela bola de fogo”.

O fogo só aparece de noite. Mas um dia foi visto de tardezinha. O sol tava começando a esconder, só que aquilo lá não sei se era ou não. Acredito que seja, né? Ele foi visto por várias pessoas, uns garimpeiros que estavam ali. Era um fogo diferente, daí. Ele veio bem baixinho assim e foi cair dentro de uma gruta que tem lá. Só que no outro dia nós fomos lá procuremo e não achemo sinal nenhum, aí a gente achou que podia ser um aparelho talvez, um satélite ou coisa assim, mas num achemo o lugar que caiu. Lá em casa todo mundo viu. Às vezes cai pertinho da gente e a gente nunca vê nenhum sinal, nem um cavucado, nem uma pedra quebrada, nada. Diz que o ouro, por exemplo, se é uma rocha de ouro que tem, aí aparecem muitos sinais, muito barulho, ou coisa assim, só que não é assim, não aparece especificamente em um só lugar, aparece em vários lugares. Um vê num lugar, outro enxerga em outro, é assim.

O barulho que eu ouvia não era de bicho porque nessa época eu caçava muito lá, sabe? Eu andava muito no mato, andava muito à noite no sítio. Era matão na época, mas... aí, por exemplo como eu vi, não foi mais de uma vez, um ruído lá, um barulho diferente, daí era o lobo, tinha muito lobo na época ali, aquele lobão. Aí teve várias vezes também que escutei barulho diferente, aí no caso era a onça gritando, esturrando pertinho, fazendo um barulho diferente, só que, se eu disser pra vocês que eu vi ela pertinho assim, tô mentindo, nunca vi, vi o barulho dela de longe, mas andei muitas vezes por lá e graças a Deus nunca vi, só que tem muita onça lá, hoje lá ainda tem muita onça, não só onça tem lá, mas todo tipo de bicho. E por aí foi, inúmeros macacos, panteras esturrando perto de sua casa uma tarde inteirinha, mas nada comparado aos barulhos misteriosos que ouvia, completamente diferente.”

...

Desse ponto em diante os alunos começaram a fazer perguntas a respeito da bola de fogo, dos barulhos, das aparições... mas nas respostas ele sempre repetia tudo o que havia narrado anteriormente, por isso é desnecessário transcrever esse diálogo aqui, porém, essa parte da contação foi bastante interessante também e muito proveitosa, já que, inúmeras dúvidas ou partes que os alunos não tinham entendido, ficaram bem esclarecidas.

Esses causos merecem alguns comentários, pois o contador seguiu uma ordem mais ou menos cronológica dos acontecimentos ligados à sua vinda para o Mato Grosso, ao sítio, às pedras, ao sítio arqueológico, aos acontecimentos fantásticos ocorridos na região... Nesse último, como é típico nesse tipo de relato, o contador saiu-se como o sujeito corajoso, que tem apenas um “arreceiozinho”, qualidade que também se estende ao seu filho, ao contrário dos vizinhos, que são caracterizados como medrosos, mas que, por outro lado, são citados para dar mais veracidade às narrativas.

Em sua narrativa, à primeira vista, o surgimento das índias e algumas aparições da bola parecem se dar em um universo onírico, em momentos próximos à meia-noite, mas, no decorrer da sua fala, todos esses elementos surgem em situações em que ele está aparentemente acordado, o que torna a narração mais fantástica ainda.

É importante especificar que essa gravação envolveu o professor de História e o técnico do laboratório de informática da escola, pois o referido docente estava desenvolvendo um projeto de visita ao sítio arqueológico com a turma e, pelo fato de eu me encontrar nas aulas do mestrado, não pude estar presente e foi justamente por esse motivo que a gravação não ficou boa. O contador fala muito baixo e o técnico do LIED posicionou a filmadora mais próxima dos alunos que do contador. Como os alunos conversaram um pouco no decorrer da gravação, em muitos casos aparecia mais as vozes dos estudantes que a voz do narrador, o que atrapalhou e muito a gravação, fato que causou uma enorme dificuldade no momento de extrair a fala do contador de histórias. Por fim mais um problema se deu porque, em vários momentos o técnico do LIED passeou a câmera pela sala filmando os alunos, cujas imagens não pretendo veicular neste TCF.

3.7.6 Quarto contador de histórias

O quarto contador de histórias, um senhor bastante conhecido na cidade e que

atende por seu sobrenome “Zanon”, 75 anos, compareceu à sala de aula para contar seus causos. Quando fui conversar com ele em sua casa, para combinar sua visita por já conhecê-lo devido à sua fama de mentiroso, título deveras calunioso, como se verá pelo pouco que ele contou na sala de aula, mas a mim revelou-me estar indignado com a educação atual, principalmente na língua portuguesa na qual, segundo ele, tudo é possível. Ele afirmou ficar possesso quando ouve os erros de concordância, as pronúncias erradas das palavras, as liberdades linguísticas existentes hoje em dia. Discurssei, citei Bagno, Possenti e mais uma “tantada” de linguísticas famosos, mas nada de dissuadir o homem de suas concepções.

Confessou-me que, vez em quando, discute com sua filha (cujo nome não me foi revelado), escritora ocupante da 19ª cadeira da Academia Brasileira de Letras e que defende a maior liberdade na fala e na escrita do povo brasileiro, fato que o deixa transtornado e contrariado com a quase revolucionária suposta escritora. Em uma pesquisa no site da Academia, descobre-se que o ocupante atual da cadeira de número 19 é Antônio Carlos Secchin. Não quero com essa afirmação engrossar o coro daqueles que, de forma descabida, o acusam de ser um grande mentiroso, mas apenas dizer que, talvez, ele tenha se enganado com o número da cadeira, afinal, são tantas.

Também me contou (e essa ele não contou para os alunos) que, quando, em viagem por essa região amazônica na época em que era tudo mato por aqui, o avião em que estava com mais um piloto caiu no meio da floresta, praticamente despejando-os da aeronave, pois ele caiu em uma parte da mata e seu companheiro caiu a mais ou menos cinco quilômetros do seu ponto de queda. De alguma maneira eles se encontraram e ficaram presos naquele “mar de árvores” por mais ou menos seis meses. Ele passou os dias sem problemas, comeram raízes, frutas que viam os animais comendo e também animais, mas seu companheiro quase enlouqueceu e queria por toda a lei se matar, fato que ele contornava com diálogos. Enfim, foram encontrados e retirados dali.

Em sala, no entanto, apesar de ter relatado algumas de suas aventuras ultramarinas ou até espaciais, optou por ficar na lição de moral aplicada aos jovens e aproveitou sua trajetória para passar ensinamentos e lições que não havíamos programado para tal data, fato que tornou sua passagem não muito agradável para os alunos, pois o que todos esperávamos eram narrativas fantásticas, conforme ocorrera

com os narradores populares que o haviam antecedido. Enfim, vamos aos seus causos.

“Eu vou estar conversando com vocês, mas vai ser uma conversa informal. Se vocês tiver alguma coisa, alguma dúvida, alguma coisa é só perguntar. Levantem a mão, pergunta, vou fazer uma brincadeira com vocês também, além de tá contando um monte de mentira.

Vou começar contando pra vocês... não vou ficar contando histórias, coisa e tal, negócio inventado, que tem a estória e tem história, hoje tá tudo unificado, porque a estória são contos e as histórias são coisas reais. Eu vou falar pra vocês parte, a maior parte da minha vida, porque não adianta conta uma história porque vocês têm na internet aí, tá toda hora vendo histórias, ouvindo e coisa e tal, então vou contar uma das partes da minha vida.

Na idade de vocês, quando eu estudava, naquela época era primeiro, segundo, terceiro, quarto ano, depois vinha o ginásio, não sei se vocês ouviram falar a respeito daquele tempo do ginásio. Daí fazia primeira, segunda, terceira e acho que tinha a quarta série do ginásio. Depois vinha o normal. Bom, no meu tempo comecei a estudar, morava na cidade, comecei a estudar depois me mudei pro sítio. Naquela época não era essa baderna que é hoje nas universidades aí. Professor, professora quebrava a régua nas costas do aluno, batia mesmo e tinha uns e umas professoras lá que não batia de prancha, batia de quina. Eu mesmo já quebrei muita régua da professora. Eu fui muito safado quando era criança. Aí depois mudamos do sítio. A escola mais próxima era quatro quilômetros de distância. Ia de manhã, começava sete e quinze mais ou menos a aula, porque tinha o ônibus que vinha... por exemplo, vou explicar pra vocês, era Sorocaba... é Sorocaba e Itu. Naquele tempo quem tinha carro era doutor, era cara cheio da grana, carro era difícil. Então saía o ônibus de Sorocaba pra ir pra Itu; saía outro de Itu, eles se encontravam no meio do caminho e a professora vinha da cidade lá pra escola. Eu andava quatro quilômetros a pé pra ir na escola. Fosse chuva, calor, frio, fosse o que fosse, era quatro quilômetro todos os dias até passar no terceiro ano... concluir o terceiro ano, daí depois pra fazer o quarto ano tinha que ir para a cidade. Quando voltava da escola, era meio dia e meio, mais ou menos, chegava em casa, mudava a roupa, comia lá o que tava no fogão, naqueles tempos era tudo fogão a lenha, sítio essas coisas e dali saía, ia pra roça ajudar os meus pais na roça. À tarde vinha embora tratar dos animais e aí tomava banho tudo, aí ia fazer a lição. Eu fazia a lição com lamparina, como diz o gaúcho, candeeiro, lamparina, quer

dizer. Construí um rádio, hoje muito pouca gente conhece, se chama rádio galena. Uma bobina, um cristal e você põe um fone de ouvido e só pega uma emissora. Então eu ouvia o rádio, lia bastante, eu lia muito. Aí completei o quarto ano, depois fiz o ginásio. Então, o que eu quero explicar pra você, vou chegar lá nos pontos que eu já fiz as coisas na minha vida. Depois concluí o ginásio, aí eu saí do sítio, com 14 anos saí, meus pais não queriam que eu saísse que casa, eu saí porque quis. Aí fui a São Paulo, onde tinha uns irmãos que moravam lá, que dá oitenta e poucos Km, 90 Km; chegando lá trabalhei, continuei estudando, quando completei meus 17 anos, aí eu fui pra Aeronáutica. Lá se chama assim: antes do prazo pra você se apresentar pra servir, poucos são aqueles escolhidos que podem ficar no quartel, que ali é chamado laranjeira, o camarada que fica no quartel, laranjeira. Então eu fiquei lá de laranjeira nove meses, até chegar o dia da convocação, daí foi indo, foi indo, comecei na mecânica de avião, aí eu fui convidado, eu queria muito, ser paraquedista, fui convidado pra fazer o curso de paraquedismo, fiz o curso de paraquedismo, tenho vários saltos, e aí me entusiasmei pela mecânica de aeronave, concluí o curso na mecânica de aeronave, fui pra Agulhas Negras, que é no estado do Rio de Janeiro pra me aperfeiçoar na mecânica e fazer o curso de pilotagem, aí depois de um ano e meio mais ou menos, quase dois anos, concluí o curso de pilotagem, aí pilotava esses avião aí antigo. Bom, na época em que eu servi, hoje nenhum de vocês pretende servir, né? Ninguém? Aquela época não tinha aquele sistema que tem hoje, com refeição, tem nutricionista, todo mundo cuida, na nutrição tem que ser a coisa bem de acordo, né? Era carne que vinha mal cozida, batata todos os dias, aquele picadinho que não podia nem ver, falava em picadinho pra nós, era uma desgraça. Quantas vezes, à noite, um... ficava 40, 50 num alojamento, alojamento de dois andares, cama de lona, beliche de lona, quer dizer, tem a estrutura, que é lona, aí à noite se fazia bagunça, um ou dois fazia bagunça, todo mundo ia pagar. Às vezes duas horas da manhã, tinha um lugar de quiçaça, capim dessa altura assim, aquele inverno, mas inverno de cortar, ia todo mundo lá rastejar, ficava todo enlameado. Essa é uma parte que todos vocês devem compreender e memorizar isso aí, isso aí se chama disciplina, que lá o camarada não pode fazer o que quer, não. Se ele cair fora da linha, ele vai pra cadeia e de lá não escapa, fica lá, dá cadeia, conforme for a gravidade do caso, ele vai pra enxadinha, uma enxadinha ruim pra caramba, capinar no meio do calçamento num sol de lascar e o comandante tá ali, não deixa o cara nem, né?... Deus o livre...

Bom, voltando agora em matéria de escola, de educação, no meu tempo, como eu já disse, eu fui traquina no meu tempo de infância, eu gazeava aula, ia tomar banho no lago, ia pescar, a professora, diretora mandava bilhete pra casa, eu levava pra minha mãe o bilhete, entregava o bilhete, apanhava, mas no outro dia fazia a mesma coisa, mas nunca fui safado, de ser mal-educado com a professora, com a diretora e tudo, e qualquer coisa que fizesse na sala de aula, a régua comia. Eu não cheguei a ficar nos grãos de milho assim no canto, ficar lá uma hora com os grãos de milho, o camarada ajoelhado em cima. Hoje, a parte de educação nas escolas, eu vejo ruim, não digo vocês, não tô generalizando, os alunos não respeitam mais o professor, fazem o que querem na sala de aula, pintam e bordam, né? Eu fico olhando, eu fico desgostoso. Antigamente, isso é 70 anos atrás, o professor era respeitado, o policial, por exemplo, até 30 anos atrás, o policial era autoridade, hoje tem medo, hoje ele é pior que o bandido. O que que vem a ser isso aí? Vem a ser a má formação das pessoas que tão nos colégios. Por que é o seguinte: vocês têm a educação de vocês em casa, mas este daqui é o segundo pai, a professora, a segunda mãe, é que tá ensinando. Vocês têm que agradecer o professor ou a professora, que eles estão te dando coisas boas pra vocês, pro futuro de vocês. Agora, eu digo pra vocês, estudem bastante, leiam bastante, né? Esse negócio de internet, esquece, nada melhor que você pegar uma revista, não revista de sacanagem, uma revista, um livro, um conto, alguma coisa, ou... ler, se aprimorar, procurar as coisas que são importantes. Faça que nem eu fiz, hoje sou aposentado, não fui atrás da aposentadoria lá dos meus trabalhos que tive, porque são companhias estrangeiras e uma série de coisas que não tem condições. Sou aposentado como produtor rural, ganho uma ninharia, mas tá bom. Então me formei paraquedista, piloto, sou mecânico, fui... essas turbinas que vocês vê que passa aqui por cima, esses jatão aqui, eu fui técnico disso aí. Morei nos Estados Unidos um ano e meio, na Inglaterra fiquei quatro meses pra fazer o reconhecimento dessas turbinas *now horse*, na Libéria, ali, onde fiquei uma vez três meses e meio, fiz o curso pra terceiro engenheiro de máquinas de navio, depois de seis meses, voltei lá fiquei mais quatro meses pra fazer o curso de segundo engenheiro de máquinas de navio, porque é terceiro, segundo, primeiro, depois vem o *stuart*, depois vem o imediato, que o imediato é abaixo do comandante, do capitão, então por aí vocês vê a força de vontade que eu tive, até hoje vocês não encontram um camarada mais feliz que eu na face da terra. Então vocês tenham uma boa educação, façam como eu fiz da vida, vai pra 54 anos de casado, acredite se vocês

quiserem, nunca brigamos, nunca discutimos, tenho uma família fora de série, tudo porque, através dos estudos e através da boa educação que eu tive dentro de casa e com os professores.

Bem, eu quero fazer uma brincadeira com vocês: tem um colono. Ele está nessa margem do rio e tem que travessar pro outro lado; ele tem uma ovelha, um pé de alface e um lobo. Ele tem que travessar pra lá, mas só cabe ele e um, ou a ovelha, ou a alface, ou o lobo. Como é que ele faz pra atravessar os três pra lá? Se ele levar o lobo, a ovelha come a alface; se ele levar a alface, o lobo come a ovelha. Algum de vocês sabe como é que faz essa travessia?

Para um aluno, “ele come a alface, leva a ovelha junto com ele e o lobo vai nadando”.

Não, não. Tudo tem que chegar inteiro do outro lado. Eu vou explicar pra vocês: primeiro ele pega a ovelha e leva pra lá, o lobo não come a alface. Aí ele volta, pega a alface e leva pra lá, a alface ou o lobo, pega a ovelha e traz de volta; aí ele leva o lobo, o lobo não come a alface. Aí ele volta, pega a ovelha e leva pra lá de novo.

Voltando agora para a realidade pra você ver um estudo, o conhecimento. Um navio petroleiro que eu trabalhei, o nome dele era *Universe Lider*, que é líder universal. Naquela época era o maior petroleiro... não, o quarto, um quebrou, carregado de petróleo, que tem os tanques, ele é comprido, então o tanque no meio tem que ficar sempre vazio, que é pra ele ficar flexível e, no Atlântico, no Oceano Atlântico, ele pode carregar todos os tanques que não tem perigo, porque as ondas não pega sempre uma onda no meio do navio, agora no Oceano Pacífico, as ondas são mais longas, então o que acontece: ele é comprido, ele passa pela onda, ela pega aqui e ele faz isso (faz sinal com as mãos em sentido de envergadura), quando ele pega a outra aqui na proa e na ré, ele vai fazer isso aqui (faz o gesto com as mãos de envergadura para cima). Ele, no quebrar, que ali é tudo gás, petróleo é como se fosse um piche grosso, tem um monte de coisa, vem areia, vem o diabo a quatro. Um deles era o *Universe Finance*, Universo de Fiança, ele quebrou e aí explodiu, que qualquer centelha aquilo ali dá uma explosão. Morreu todo mundo, porque se você vai pra baixo é água, se você vem pra cima é fogo e acabou, e nesse que eu trabalhei, ele só fazia o Oceano Atlântico. Daqui de Santos até a Arábia Saudita eram 24 dias de viagem sem parar. Cê vai vendo céu e água, céu e água, só vai ver terra quando chega na ponta da África, lá em *Cakekan*, que se chama Cabo das Tormentas. Ali depois você pega um canal pra ir pra *Kuwait*, é um canal que, se você está no meio dele você não

enxerga a terra nem prum lado nem pro outro. Daqui até a África era..., hoje não, hoje tem navios veloz, era 10 dias; dali da ponta da África até a Arábia Saudita era mais 14 km e ali era uma tripulação mista, tem brasileiro, tem espanhol, tem americano, um monte e você tem que saber falar as línguas toda pra poder se comunicar. No que nós saímos ali de Santos, com quatro dias, o tripulante tava passando mal, uma coisa que vocês vão aprender também, passando mal, passando mal, passando mal, e aí eu fui lá ver o que é que tinha. Era um marinheiro de primeira classe, que o marinheiro de primeira classe, ele sobe no mastro, o de segunda classe não sobe no mastro, não tem autorização pra subir. Isso é tudo especificação, né? hoje em dia não tem mais navio de mastro alto, tem um mastrozinho pequeno, aí fui no camarote dele, olhei, feio, feio, feio, feio... Aí fui à noite, olhei, pior ainda e o comandante, acho que vocês não sabem a respeito do comandante, ele é... se for uma bandeira liberiana, bandeira americana, bandeira brasileira, seja qualquer bandeira que for, ele faz a função do presidente do país, ali ele manda, ele pode fazer casamento, pode mandar matar, pode fazer o que for, ele é autoridade máxima ali. E o comandante, ele tem por obrigação de ter um curso básico de medicina, ter um curso de conselheiro, de tudo. Ele tem que ser uma pessoa íntegra ali, superinformada, informada, informada. Aí eu falei pro comandante: "vou examinar ele". Aí examinei o camarada e falei pro comandante: "é apendicite". "Não, não é apendicite". É muito simples, vocês vão aprender como é que se faz. O apendicite fica nessa região aqui, ó, isso tô contando pra vocês ter uma ideia do que eu já fiz. É uma ponta de uma, vamos dizer assim, de uma tripa, que ela fica do lado, então ela vai acumulando as coisas lá dentro, aí vai, vai, vai, ela inflama, aí ela deteriora, apodrece. Pra examinar o camarada quando tá com apendicite, é muito simples, é só deitar ele no chão ou na cama, aperta aqui e faz ele levantar a perna, vê se levanta. Se ele tiver com problema de apendicite, não levanta a perna nem um pedacinho, ele urra de dor e num levanta, pode crer que é apendicite. E lá no navio tem o ambulatório que é como se fosse no hospital ali, na sala de cirurgia, tudo, não é bem uma sala de cirurgia, tem a sala ali, é tudo bem feito assepsia, ali você pode fazer uma cirurgia, pode fazer curativo, tudo. Aí eu falei pro comandante: "tem que operar ele num tempo bom, e aqui como é que vai fazer?". Nós tamo faltando 6... é... já tava com 4 dias... faltava 14, 12 dias pra chegar na Arábia Saudita, aliás, confundindo as coisas... 4 dias que saímos daqui do Brasil, faltava 6 dias pra chegar na África, na ponta da África, que era mais próxima. Ali num tem recurso, helicóptero não vai, um barco veloz também não tem condições de chegar. O

comandante é obrigado a fazer cirurgia nele, não quis fazer e coisa e tal, então ele vai morrer. Disse: “Você faz?” Eu disse: “faço”. Aí eu pedi pro telegrafista, que naquela época era tudo na base do telégrafo, não sei se vocês conhecem o telégrafo, já ouviram falar alguma vez o negócio do telégrafo? Já? É tititi, tititi, tititi... se comunicava ali, nem rádio pra, pra... era muito difícil rádio, só navio mais moderno é que tinha o rádio mais possante pra você se comunicar com outro. Aí eu pedi pro telegrafista pra que ele comunicasse, achasse aonde tivesse alcance, achasse um médico que pudesse acompanhar uma orientação pelo rádio, aí consegui um na África e colocava um fone, num tinha aquele negócio de *hadfone*, que você coloca o fone e fica o microfone na frente aqui, não tinha aquilo, então tinha o microfone *part kait* (aperta e fala), aí contactou, o camarada segurava. Fiz assepsia no camarada, apliquei anestesia, fiz o teste, estava bom, corta, tira, costura... no segundo dia já tava andando no convés, tava andando, tranquilo. Quando o navio chegou na África, aí veio... não chega a encostar no porto assim... aí veio uma lancha que presta socorro, veio pra pegar ele, aí insistiram pra que eu fosse junto no hospital pra ver como é que tava. Fui muito bem elogiado da cirurgia que eu fiz lá.

Lá em *Kuwait*, lá só petróleo. Quando você chega lá, você quer sair pra fazer compra, lá é *taxi free*, quer dizer, livre de taxa, super barato, você descia do navio, a pista era tudo concreto. Lá não vê, naquela parte ali, tem outra parte que é tudo errado ali, não tem bebida alcoólica, os camaradas, a maioria deles não fuma, não existe prostituição, é proibido, aí as pessoas... não tem ladrão, porque lá naquela parte tem *Kuwait*, Irã e Iraque. Em *Kuwait* o camarada roubou, corta a mão dele, corta a mão, num tem conversa. Então ali você chega, tira o telefone do gancho, é uma cantina que tem, já vem um tipo de uma Kombi com os banco lateral, vem, encosta, cê sobe, né? chega lá na portaria, na portaria, os árabes todo paramentado, o sistema deles, né? o sistema deles. Aí eles pegam... pegavam um livro, Deus o livre, desse tamanho assim, pega o seu passaporte e vai procurando vê se tu pode entrar, vê que tá liberado, aí chama o taxista, cê embarca no carro, sai... era tudo areia aquelas lojas assim, o dinheiro ficava... uma loja estreita assim, no balcão de vidro, tudo aberto em cima, o dinheiro de todos os países, o camarada deitado lá na cadeira assim, ó!, tranquilo. Cê chega, olha, aí você pede pra fazer o câmbio do dinheiro pra você comprar com o dinheiro deles lá. Dava pra chegar ali e pegar o dinheiro, mas pega pra ver, corta a mão do cara. Aí saímos pra fazer compra. O taxista ficava... estávamos em três, três brasileiros, o brasileiro geralmente é safado. Saía um pra cá, outro pra lá, corria atrás

de um, pegava aqui, corria atrás do outro, pegava lá... “não, não, fica tranquilo, fica tranquilo que nós somos diferentes, pode ficar tranquilo aí que não tem problema”. Ia fazendo as compras, ia largando na calçada, material eletrônico, trazia muito brinquedo, seda, roupa pra esposa, né? Ia largando, cê voltava, vinha pegando, ninguém punha a mão, agora, no Iraque e no Irã... nós aportamos uma vez no Irã... o meu camarote e o do amigo meu, o camarote é um corredor, em cima passa a tubulação de tudo e nós, em cima na porta assim colocávamos a chave. Aí meu amigo passou e viu que a porta estava entreaberta, disse: “Zanon, olha aqui”. Aí eu fui lá, botei a mão em cima, a chave tava lá. “Ué, mas eu fechei”. Entro, o camarada tava lá com aquele... me esqueço o nome da roupa, aqui assim um monte de coisa que eu tinha comprado. O camarada disse: “presente pra mim?” (o contador usou uma expressão em inglês, mas ficou meio incompreensível, por isso só a tradução). “Presente procê aqui, ó!. Ele abriu o armário de aço, abriu o armário de dentro e abriu o cofre, são três, além da porta. Pegamo ele, demo um pau nele, mas um pau e jogamos do outro lado do navio que era água e o navio vazio, 18 metros de altura. “Ah, tá livre”, fechamo a porta, saímo, fomo trabalhar. Não passou duas horas, ele tava de novo lá. Aí pegamo ele, batemo nele de novo jogamo ele pro cimento, pro cais, né? mas o diabo teve tanta sorte que o navio tava recebendo mercadoria e ele caiu em cima da mercadoria, aí depois não apareceu mais.

Nos Estados Unidos, que eu morei lá um ano e meio, fiz lá uma parte de navio misto, que é navio carga e passageiro, fazendo a costa dos Estados Unidos, na Itália, também fiquei três meses e meio, na África, fiquei quatro meses, na Inglaterra, como falei, fiquei também, na Monróvia, capital da Libéria, ali foi uma vez pra fazer terceiro engenheiro máquina, depois pra fazer segundo engenheiro máquina e, aqui, por exemplo, no Brasil, tive mecânica muito tempo, mecânica de automóveis, mecânica de máquinas pesadas; já auxiliei também... em Porto Alegre eu fiz um teste na Varig, existia a Varig, tá extinta, né? Fiz um teste na Varig lá pra mecânico, fiquei uma semana lá, fiz o teste, passei, mas eles não pagavam, daí pedi minha carteira de trabalho e desisti.

3.7.7 Quinto contador de histórias

O quinto contador de histórias, o senhor Armindo Pedro Kussler recebeu a mim e a um pequeno grupo de alunos em sua casa para desfiar suas histórias verdadeiras,

segundo ele. Descendente de alemães, casado com italiana que não falava nada em português, por isso tem fluência na língua italiana. Amansador de cavalos quando jovem e transportador de balsas para venda do Uruguai à Porto Alegre nos períodos de enchente.

Conta que namorava uma cigarinha “muito bonita”, escondido “da ciganada”, recebendo suas visitas à noite em sua cama, por isso passou a viajar com os ciganos, ajudando-os a construir barracos, vivendo com eles por seis meses, mas seu ex-chefe no transporte das balsas ofereceu-lhe novamente trabalho como chefe dos peões no transporte das balsas.

Sem conexão ou ligação entre Terra Nova e o Rio Grande do Sul já passou a contar causos ocorridos por aqui, quase um “faroeste caboclo”. Uma dessas histórias é sobre um churrasco na beira de um rio localizado em uma agrovila. Comeram e beberam bem, mas Chico, um dos homens que estava no evento, saiu para tomar banho no rio e desapareceu. Um garoto que havia ido para a beira do rio percebeu suas roupas e o chinelo e veio correndo avisá-los. Todos correram para lá, mas ninguém queria entrar. Seu Armindo ficou com raiva pelo fato de pessoas mais jovens que ele não terem tido coragem de entrar na água; ele entrou, avistou o corpo a uma certa distância (embaixo da água), depois de duas tentativas conseguiu trazê-lo para a margem.

O afogado tinha um irmão chamado Nene e este estava em uma “bodega” bebendo o dia inteiro. Encrencou-se com um tal de Ari, que já era matador na época e este perguntou: “Você me espera aí, Nene?”. “Claro que espero. Sou homem”, foi a resposta. Seu Armindo tentou tirar Nene da bodega, mas ele não quis sair. O matador foi a sua casa e voltou com uma adaga, enquanto Nene continuava bebendo. Nene tinha cabelos longos. Quando ele levou o copo de cerveja à boca, Ari segurou-o pelos cabelos e enterrou a adaga em sua garganta. Morte gratuita. Encrenca sem motivo aparente.

“Daí, no enterro daquele que era mais novo do Chico, no enterro dele, o Chico disse, esse Chico que tava na água morto, ele disse: ‘Óia, Nene, agora tu vai, pode ir, tá morto, mas em quarenta dias eu quero tê junto contigo’, pro morto ele falou. Em 38 dias ele morreu nágua, 38 dias que tinham enterrado o irmão dele, morreu nágua. Tá bem assim? Das veiz Deus diz amém, né?”

Noutra ocasião, o mesmo Ari e um de seus irmãos planejaram matar um desafeto. Enquanto jogavam bocha, chegou ao bar “um coitado, sentou lá e eles

pensaram que era aquele que tinha encrencado ali. Agarrou e meteu um taco na cabeça dele e ele correu pra fora.” Arremessaram em suas costas um banquinho do bar e ele caiu “e tinha um outro que tava de bicicleta, tinha um facão na garupa, mas ele não tinha nada de ver. Ele correu lá na bicicleta e entregou o facão pro Orides, ermão do Ari, daí Orides pegou cortar, tava morto já e ele cortando com o facão. Naquilo vem o padre, escuita o que que é uma conversa de padre também, né? O padre tinha rezado missa numa capela que tem lá e veio e viu aquilo já de noite, né? Mas ele viu embaixo de um bico de luz que ele tava cortando, o padre chegou e disse: “mas filho, o homem já tá morto! Por que cortar? Eu sou o padre”. Aí o Ari foi disse: “Orides, então já que é pedido do padre, degola de uma vez”. Agarrou assim e degolou. Caiu aquele canecão e o padre enxergando. Aí o padre embarcou, ele já queria pegar o padre. O padre foi disse: “Óia, daqui uma hora ocêis tão pegos”. Dito e feito. O padre veio e avisou as autoridade e já foi dois polícia pra lá e eles moravam numa casa só os dois e tinha as duas muié”. Fugiram a pé por uma estrada não muito usada, mas os policiais estavam indo pela mesma estrada que dava acesso à agrovila, tentaram correr, porém não mais foi possível e eles foram presos para não serem mortos.

Seu Armindo foi chamado para depor, mas omitiu a verdade. Em depoimento disse: “Num vi, eu disse, quando vi o homem tava morto, aquilo eu vi, quando ele tava morto já, quando eu saí do banheiro ele tava morto já. Pronto. E o Juiz: “Mas o senhor não tá mentindo?” Digo: “aqui não é lugar de mentir”, eu disse pra ele, “aqui é o lugar da verdade”, mas eu tava cascaiano, eu gostava deles, porque eles me ajudavam muito quando eu morava lá. Uma vez eu plantei bastante arroz, o tempo se formou, eles correram lá mais uma turma de vizinhos e, num instante o arroz tava cortado, num instante foi juntado e empiado tudo, e coberto já”. Então a gente tem de ver que não pode dizer mal pra eles. Se eu falo a verdade que tomou aquele banquinho, lá depois o facão... aí eu prejudicava eles. Eu ficava prejudicado deles ficar contra mim”. Mas mesmo assim eles ficaram presos.

Hoje Orides é pistoleiro em uma cidade pra frente de Progresso, no Pará. E correu um boato de que Ari tinha sido morto, mas é mentira. Ele está foragido e a família de vez em quando recebe notícias dele.

Por fim contou uma história de uma mulher que morou por quase seis anos em sua casa. “Ela ficou aqui, te conto, cinco anos, ia fazer seis anos dia 14 de fevereiro, fazendo comida e tudo e saía também, ela era da arte, né? e boniiiiita e final, que seja

como fosse, né?, foi. Então ela ficou aí todo esse tempo e nós num fizemos um troco de palavra, não encrenquemo nunca, nunca e dormia junto sempre, sempre. “Ó, teu quarto lá, tudo, tem a cama lá que tem dois colchão até, é alto, bom de dormir”. Ela “não”, aqui a minha também é dois colchão e ela queria dormir aqui comigo, nesse quarto meu. E ela era católica. Ela, das vez, passava horas ali na cama deitada lá com a Bíblia, lendo, lendo, lendo, lia aquela bíblia não sei... e eu pegava no sono e ela ficava lá, custava largar da bíblia e eu ficava escuitano, escuitano e ia pegando no sono, muito boa. E ela morreu porque quis. Sabe o que que foi? Taí os dois veio que conta. Ela ia pro Peixoto naquele dia, não ia. Foi assim: nós tava tomando café, a mãe dela chamou por telefone. A veia telefonou pra ela que o veio, aquele do Peixoto que namorava ela, levava ela pro Peixoto, o véi também tava sozinho lá, levava ela. Ela parou de tomar café até. “Eu vou então porque a mãe já chamou”. Ela ia indo ali em cima, eu chamei ela de volta. Eu fui lá no quarto, eu tenho uns santos lá, que vez em quando me dá aquele parpíte, era parpíte que me deu. Digo: “Tuca, desce um pouquinho aqui, vem cá”. Porque eu disse muitas vez coisa pra ela. Ela desceu, eu disse: “Oia, tu vai de carona pra lá, pode ir de carona, que tu vai bem de carona, mas pra cá pra casa, quando tu vem lá de Peixoto, tu não venha de carona, deu ruim pra ti, deu ruim pra ti aí no quarto”. Aí ela foi e disse: ‘Mas das vez se ele não tem dinheiro lá, trocado uma coisa ou outra...’. “Escuita aqui, quanto sai do Peixoto pra vim aí na Terra Nova?”. “Oito”. Meti a mão no bolso “pega dez, pega dez e venha de ônibus, não venha de carona de jeito nenhum”. Ela se foi e o veio convenceu ela pra trazer ela. Então ela foi sexta de manhã e disse que ficava lá sexta e sábado voltava. “Não precisa nem fazer almoço aí que eu venho fazer o almoço”, ela me disse, “eu pego o ônibus lá então e venho”. Não pegou, não veio sábado nem antes de meio-dia, nem depois de meio-dia. Quando foi domingo, domingo eu tenho aquele vício de tomar sempre... pego um ovo de galinha aí na geladeira, e vou lá e furo prego e chupo, todo dia, não todo domingo, todo dia. Eu chupei aquele ovo e disse: “Eu vou ali no veio sabre de alguma coisa”. Fui lá, eles tava na área, sentei, tal. Eu digo: “E a Tuca?” “A Tuca me telefonou agora que ela tá se aprontando lá pra vir”. Eu disse: “Ó, se ela vier de ônibus, não vai acontecer nada pra ela; se ela vier de carona de lá, acontece uma coisa muito feia pra ela, viu?”. Pois ela veio com ele, o veio convenceu ela lá e ia trazer de novo ela aí e vem mete na cara do caminhão. Era pra ela estar viva até hoje, calculo eu, bom, mas quando é pra acontecer, tudo se ajeita.

Uma vez ela disse: “Eu vou lá em Ubiratan”. Eu disse: “Óia, então se tu vai pra lá, tu leva dinheiro daqui, senão tu não faz dinheiro lá pra voltar”. Eu disse bem certinho pra ela. Foi mesmo. Ela não fez dinheiro nem pra voltar. Dali um mês, mais ou menos, ela disse: “E agora, eu poderia ir lá ainda? Como é que tá?”. Eu disse: “pode ir, pode ir que você faz dinheiro agora, agora vem dinheiro pra ti”. E ela foi no mesmo lugar. Veio de lá com dois mil e duzentos, dois mil e duzentos chegou em casa. Saiu sexta de manhã daqui e segunda meio-dia tava aqui, com dois mil e duzentos, trezentos, dois mil e trezentos ela ganhou lá”.

...

No caso do último contador, optou-se por fazer um recorte detalhado de suas narrações, uma vez que ele foi muito repetitivo e contou fatos, por mais de uma hora, que não atingiam os objetivos do projeto, por isso a necessidade de realizar a transcrição de suas narrações de maneira diferente dos demais, com a utilização de discurso indireto, na maior parte do relato.

3.8 MÓDULO VI – ANÁLISE DO LIVRO *23 HISTÓRIAS DE UM VIAJANTE* (2014), DE MARIANA COLASANTI

O livro *23 histórias de um viajante* foi escolhido para figurar no presente trabalho devido ao fato de o mesmo conter a história de um viajante que gosta de narrações e que emoldura as demais, com isso, os alunos podiam perceber como a contação de histórias aparece em livros como esse. Nas 23 histórias contadas por um viajante, chamado por Marina em alguns momentos de “o destino de olhos amarelos”, é ele quem narra os 23 contos de fadas presentes no livro e assim ele abre horizontes e mostra àquele príncipe e sua pequena corte que, além das grandes muralhas do castelo, há um mundo maravilhoso e fantástico que vale a pena explorar e usufruir, mesmo perdendo a proteção que o castelo lhes oferecia.

Os contos do viajante que compõem o livro são: 1ª história: *A morte e o rei*; 2ª história: *No aconchego de um turbante*; 3ª história: *São os cabelos das mulheres*; 4ª história: *Como cantam as pedras*; 5ª história: *Com certeza tenho amor*; 6ª história: *Rosas na cabeceira*; 7ª história: *Na sua justa medida*; 8ª história: *Quem me deu foi a manhã*; 9ª história: *A cidade dos cinco ciprestes*; 10ª história: *Entre eles, água e mágoa*; 11ª história: *Na neve, os caçadores*; 12ª história: *Como se fosse*; 13ª história: *Antes que chegue a manhã*; 14ª história: *De muito procurar*; 15ª história: *De torre em*

torre; 16ª história: *Quase tão leve*; 17ª história: *Do seu coração partido*; 18ª história: *Um homem, frente e verso*; 19ª história: *O riso acima da porta*; 20ª história: *Poça de sangue em campo de neve*; 21ª história: *Vermelho, entre os troncos*; 22ª história: *Com uma grandíssima fome* e, 23ª história: *No caminho inexistente*.

Assim, para esse módulo, foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

- Perceber como o maravilhoso surge e ressurgue nos contos de Marina Colasanti e como a autora constrói suas personagens de contos de fadas, por intermédio da leitura e da análise em pequenos grupos dos contos do livro a fim de subsidiar os alunos nas suas próprias construções de narrativas em que o maravilhoso aparece como elemento primordial;

- Relacionar, por meio de discussões orais, os contos de fadas presentes no livro *23 histórias de um viajante* com contos de fadas tradicionais do conhecimento dos alunos para que eles percebam as mudanças e as nuances introduzidas pela autora em seus textos modernizados;

- Incentivar os alunos, em pequenos grupos, a procederem à leitura e a análise dos contos do livro *23 histórias de um viajante*, para a realização de um debate em sala e da apresentação aos colegas das conclusões e interpretações do grupo.

A primeira ideia para o desenvolvimento dessa SD era a divisão dos contos do livro em forma de sorteio, mas, conforme os grupos iam comentando a respeito dessa ou daquela história, optou-se por eles discutirem nos grupos e eles mesmos escolherem os contos que mais chamaram sua atenção, juntamente com a história do viajante que perpassa por todas as 23 histórias.

As análises do livro ficaram assim configuradas:

1. Dos temas *amor, ódio, vingança, paixão, morte...*, qual(is) aparece(m) nos contos analisados pelo grupo? Faça uma análise, em forma de texto, escrevendo suas impressões de cada uma das 5 histórias escolhidas pelo grupo e também do conto moldura que narra a história do pequeno reino e da trajetória do viajante.

O grupo um (que escolheu a 1ª, a 8ª, a 9ª, a 11ª e a 23ª histórias) respondeu da seguinte forma:

“1º conto: Fala sobre a Morte, que vem para buscar o rei, mas também fala da enganação, pois o rei pensa que a engana, mas ele foge no cavalo da Morte.

8º conto: Fala sobre a amizade, pois os animais que ficam no corpo dela dão a vida para salvá-la, e também a discriminação, pois eles acharam que os animais eram joias e como a moça não tinha uma boa classe social, eles a acusaram de ser uma bruxa.

9º conto: Fala sobre a ganância, pois o homem foi atrás da cidade, atrás de um grande tesouro, mas também fala sobre a família, pois quando o homem finalmente encontra a cidade, ele não acha tesouro, mas sim uma cidade para se unir com a família.

11º conto: Fala sobre a vingança, pois o caçador matou uma raposa macho e deixou a fêmea, pois estava prenha, e quando voltou para a floresta, foi transformado em uma raposa macho para ajudar a proteger a família.

23º conto: Fala sobre o amor, pois a filha e o pai se amam mesmo com suas dificuldades”.

Completo a resposta com a história do viajante: “O viajante viajou por terras distantes, quando chegou em uma muralha muito alta e pediu para entrar, o rei aceitou e todos os dias ele contava histórias que abriram a mente do rei fazendo com que ele abrisse os portões do reino”.

O grupo dois (que escolheu a 1ª, a 4ª, a 9ª, a 12ª e a 23ª histórias) respondeu da forma que segue:

“1ª história: Guerra, morte e poder. A 1ª fala de um rei que engana a morte até não poder mais.

4ª história: batalhas, cansado (cansaço), dormir (sono), tempo, cantos, solidão, pedra. A 4ª fala de um guerreiro que chega em sua casa cansado das batalhas e dorme por anos até não se mover mais, vira uma “pedra” e canta espantando a todos que iam na onde ele estava, até que um dia um viajante vai até ele e toca flauta e faz com que ele volte à “vida”.

9ª história: tesouro, ouro, paz e família. Fala de um homem que tem um sonho com riquezas e uma cidade e ele faz de tudo para encontrá-la, até que encontra, e monta sua família, e seu sonho se realiza.

12ª história: O rei morreu na batalha, festa para o coração do novo rei. Todos acharam que ele já estava com feição de um homem assim como seu corpo, até sua

morte, que por uma batalha antes de morrer tiraram-lhe a máscara que sua mãe colocou e lá estava ele com feição de um garoto”.

Em relação ao tema, o grupo respondeu dessa forma, como se fosse um pequeno resumo do conto), já em relação à análise, a resposta ficou bem parecida, sendo que nessa parte o grupo escreveu que se trata “de um rei que morre e deixa tudo para seu filho pequeno que imediatamente é coroado e sua mãe coloca nele uma máscara que tinha a face de seu pai e ele cresce ainda com a máscara, vai à guerra e no leito de sua morte é tirada a máscara e se vê que seu rosto era apenas de um garotinho.

23ª história: Filha muda, quando o pai cego sonhando os dois que o mar é o deserto e o deserto é o mar”.

Nessa análise, ocorre o mesmo fato da análise do conto anterior, sendo que, na segunda parte da resposta, o grupo expôs que se trata “de um pai cego e uma filha muda que andam até chegar no deserto e acham que é o mar, e depois chegam ao mar e acham que é o deserto”.

O grupo três (que escolheu a 1ª, a 5ª, a 9ª, a 17ª e a 19ª história) concluiu que: “No texto 1 fala de um rei que está fugindo da morte tentando enganá-la. Depois de tanto tempo ele consegue enganá-la.

No 5 fala de um homem e uma mulher que se apaixonaram. O homem tinha mais 10 irmãos, a mulher morava em um quarto alto, os irmãos do homem a subir na janela, subiram um em cima do outro até o homem chegar na janela até que ela se abriu.

No texto 9 fala de um homem que sonhou que um pássaro pousou na janela dele e falou de um baú com ouro e então o homem foi atrás mas não achou, então fez uma casa lá e o baú estava em cima dele no meio dos ciprestes.

No texto 17 fala de uma mulher que estava costurando, viu cair sangue no tecido, chamou o senhor mas não a escutou, ela foi atrás dele e viu o senhor retirando o punhal da moça. O sangue caiu no tecido, mas ela nem viu.

No 19 fala de um cara que foi decepado e penduraram a cabeça na porta da casa dele por causa de um crime que não tinha cometido e com o calor a pele secou e encolheu e apareceram os dentes. O culpado do crime passou ali na frente, viu ele sorrindo e falou que seria melhor se ele tivesse morrido.

No conto moldura fala que o viajante chega no reino, janta e passa a noite, no outro dia ele e o rei partem em uma cavalgada pelo reino e o viajante contando

histórias e nós achamos que é uma forma de contar para o rei que tinha medo de morrer e dizia que, se vivesse trancado no castelo morreria e queria saber como era o mundo fora do reino”.

Esse grupo comentou o conteúdo dos contos, no entanto não citou os temas presentes neles.

O grupo quatro realizou o trabalho de análise e interpretação escolhendo a 8ª história do viajante *Quem me deu foi a manhã*; a 13ª história do viajante *Antes que chegue a manhã*; a 15ª história do viajante *De torre em torre*; a 16ª história do viajante *Quase tão leve* e, finalmente, a 23ª história do viajante *No caminho inexistente*.

Em relação ao tema das histórias, a resposta do grupo ficou bastante incompleta, pois ele mencionou apenas um tema de uma história somente, afirmando que o tema é a “morte, como no caso da história *De torre em torre* que, com a morte do homem, trouxe a doença através do mensageiro”.

Em relação às impressões do grupo a respeito das histórias escolhidas, seus componentes responderam:

“A história de um viajante é incrível, pois fala de um rei que tinha medo de sair de seu reino e do contador que entra em seu reino e encanta a todos com suas histórias.

A história número 8 do viajante é *Quem me deu foi a manhã* é uma linda história, pois os animais que parecem nojentos quando vistos pelo mundo moderno com muita falsidade, podem se transformar em lindas joias e nos dá a moral de que as coisas, às vezes, mais bobas podem ter muito valor.

A 15ª história (*De torre em torre*) é uma história muito triste, pois relata um homem que tinha quatro esposas e que as trancou por ciúmes e assim fez com que uma praga acabasse com sua cidade.

A 16ª história (*Quase tão leve*) é a história do monge que queria flutuar e voar como os pássaros. Durante muito tempo observou os pássaros até que percebeu que seu lugar era na terra.

A 23ª história (*No caminho inexistente*) relata um pai e sua filha. Andando pelo mundo, mas confundindo sua filha dizia que o deserto era mar e o mar era o deserto, por isso andavam em um caminho inexistente”.

O grupo também estava com a 13ª história *Antes que chegue a manhã*, no entanto, não teceu qualquer comentário a seu respeito.

O quinto e último grupo selecionou para análise a 1ª história *A morte e o rei*; a 11ª história *Na neve, os caçadores*; a 15ª história *De torre em torre*; a 19ª história *O riso acima da porta* e a 20ª história *Poça de sangue em campo de neve*.

“O texto 1 *A morte e o rei* fala que, quando o príncipe se tornou rei, mandou construir um muro bem alto para que quem entrasse e saísse ele visse, porque ele viu o pai e o avô morrerem”.

O grupo equivocou-se totalmente na análise das histórias escolhidas, pois o que ele menciona não é o seu conteúdo, mas, em alguns contos, o início da narrativa da chegada do viajante e a explicação daquelas muralhas tão altas; em outros alguns fragmentos de outras partes do conto moldura; e em boa parte deles, uma mistura entre esses fragmentos e frases soltas retiradas aleatoriamente dos contos analisados. O único analisado de maneira mais ou menos interessante foi a narrativa 11, exposta logo abaixo, em que o grupo menciona um tema e expõe um pequeníssimo resumo da história em questão:

“O texto 11 fala sobre ódio. Fala sobre o caçador que mata a raposa e fica o rasto de sangue pela neve”.

Apesar de muito discutido e explicado, o grupo parece não ter compreendido a questão e aparentemente não conseguiu distinguir no livro o que era história contada pelo viajante e o que era a história do próprio viajante e daquele pequeno reino.

2. Quais foram as suas impressões das histórias narradas? Elas são muito parecidas com as que você já conhecia? Em que? O que elas trazem de diferente, de inovador, de atual?

O grupo 1 mencionou que “são contos que nos fazem querer continuar lendo sem parar” e o grupo acredita que elas são diferentes das histórias lidas pelos alunos, pois “elas são histórias com elementos diferentes e fora do normal”, embora esses elementos e essa normalidade fora dos padrões conhecidos pelos alunos não tenham sido mencionados pelo grupo.

Os alunos do grupo 2 disseram, a princípio, que as histórias são “legais” e que não são parecidas com as histórias que eles conheciam “porque o modo como elas interagem conosco é diferente”, mas complementaram dizendo que elas “não trazem nada disso”, ou seja, de diferente, de inovador, de atual.

Já a impressão que ficou para o grupo 3 “é que fala mais de amor e terror e elas não são parecidas com as que eu lia, elas trazem de diferente, de inovador uma pessoa que fugiu da morte”.

O grupo quatro esclarece que “elas são parecidas com algumas por ter o fantástico, o inacreditável, como as histórias 8 e 16 que trazem a mulher que foi queimada, mas não morreu ou a do monge que voava, mas não conseguia voar mais”.

Finalmente o grupo cinco respondeu: “As minhas impressões das histórias narradas é que parece que narra e na mesma hora não narra. As histórias não são muito parecidas com as histórias que eu conhecia. As histórias são maravilhosas, têm ficção e realidade”.

3. E a atuação do viajante contador de histórias, como você o caracteriza? Por que ele tem tanto conhecimento e por que ele conhece tantas histórias? Você acredita que ele seja parecido com a autora Marina Colasanti? Em quê? Que tal descobrir um pouco sobre a vida da escritora? Faça uma pesquisa sobre a autora e conte um pouco de sua vida e de sua obra.

Em relação aos dois últimos pontos da questão que tratam da vida e obra de Marina Colasanti e considerando-se que as respostas apresentadas foram bastante parecidas, uma vez que boa parte do que os alunos pesquisaram sobre a autora está na internet ou faz parte dos livros publicados por ela, tais itens não serão expostos nesse trabalho por acreditar ser esses interessantes para os alunos conhecerem mais a escritora, mas pouco relevante para a composição do presente trabalho e que em nada mudará ou acrescentará, por se constituírem basicamente de cópias as respostas dos grupos. Vamos às análises dos itens anteriores e que permitem aos grupos uma maior reflexão em relação ao viajante e à escritora Marina Colasanti.

O grupo 1 escreveu que “ele foi abrindo a mente do rei e fazendo com que ele abra os portões do reino”. A explicação sobre o fato de ele ter muito conhecimento e conhecer várias histórias é “porque ele já viajou por vários lugares e já conheceu várias pessoas que contavam várias histórias para ele”. O grupo acredita que esse contador seja igual à escritora Marina Colasanti, especialmente porque os alunos acreditam que ela também “já conheceu vários lugares e várias pessoas”.

Na visão do grupo 2, o viajante é “um homem sábio, porque por onde ele viajava, ele escutava mais e mais histórias”. “Em suas sabedorias”, ele e Marina Colasanti se parecem.

O grupo 3 o descreve “como uma pessoa que gosta de viajar”, porém não o relaciona à escritora Marina Colasanti nem complementa a resposta.

Segundo o grupo quatro, “o viajante tem grande importância por contar as histórias do livro. Ele conhece as histórias devido às viagens que ele fez. O homem é parecido com Marina Colasanti pelo fato de que os dois de certa forma são contadores de histórias”.

O grupo cinco disse que acha “a característica muito legal, deixa a história mais boa. Ele tem tanto conhecimento porque ele é um viajante e em cada viagem ele aprende novas histórias. Marina é parecida com o viajante porque fala no livro que ‘viajar foi, desde o início, sua maneira de viver. E, desde o início, aprendeu a ver o mundo com o duplo olhar de quem pertence e ao mesmo tempo é alheio”.

4. As leituras desse livro despertaram em você a curiosidade de conhecer e ler mais histórias de Marina Colasanti? Por quê?

Para o grupo um, “sim, pois o jeito como ela escreve, desperta a curiosidade para que queiramos conhecer mais as suas obras”.

O grupo dois também acredita que “sim, pois o modo como ela escreve desperta interesse nas histórias”.

O grupo 3 cita a mesma resposta, “sim” e a justifica dizendo que é “porque as histórias deles são legais, contam coisas fascinantes”.

O grupo quatro respondeu “sim, pelo jeito dela escrever é um jeito leve, apesar de muitas das suas histórias estarem relacionadas à morte e à tragédia e também pelo fato de suas histórias serem bastante interessantes”.

O último grupo também disse que “sim” e explicou que “a história fez eu começar e não querer mais parar de ler, a curiosidade de saber como irá terminar a história, porque eu gostei de ler os contos de Marina Colasanti. Quero mais histórias dela”.

5. Por que esses contos podem ser considerados fantásticos/maravilhosos? Cite exemplos de personagens e espaços pertencentes a esse tipo de narração encontrados nas histórias lidas pelo grupo.

Para o primeiro grupo, deve-se ao fato de “conter elementos e personagens fora do comum. A morte, o cavalo que coloca fogo com as patas, a raposa que se transforma em mulher.”

Já o segundo grupo diz ser “porque não existe algo do tipo: homem que vira pedra, o home rei com aparência de garoto.

De acordo com o grupo 3, esses são contos fantásticos/maravilhosos “porque falam coisas que não há na vida real, um exemplo é um homem que virou raposa porque ela mordeu ele na floresta quando ele tava caçando”.

Na visão do grupo quatro eles “são considerados fantásticos pelo fato de acontecer neles coisas como a loucura do homem que trancava suas mulheres nas torres da cidade ou a história da moça que, com uma salamandra, saiu da brasa da fogueira”.

O grupo cinco acredita ser “porque é além da realidade e do outro mundo. Viajante, caçadores, príncipes, etc., neve e outros.

6. Quais são as semelhanças e diferenças que você percebe entre os contos lidos e os contos de fadas tradicionais?

O grupo 1 acredita que “as semelhanças são que ambos contêm elementos fantásticos e as diferenças são que os contos lidos contêm morte, sangue, entre outros.”

O grupo dois expôs o que acredita ser a diferença, mas não mencionou as semelhanças, com resposta bastante curta e simples, ao informar que “contos de fadas têm final feliz, esses nem sempre, etc...”.

Para o grupo três, “a igualdade é que fala de coisas imaginárias; a diferença é que nos outros contos fala de fadas que mais são para criancinhas e da Marina é mais para adolescente”.

Já o grupo quatro pensa que, “apesar de serem fantásticos, os contos de Marina Colasanti trazem um pouco de realidade entre as linhas de seus textos. Mas, como disse no começo, os textos dela são muito contos de fadas”.

O grupo cinco sugere que há “bastante” semelhança, “como o começo, tipo histórias de era uma vez, num belo dia e todos começam sem isso, começam com “numa cidade” e outros tipos”, o que mostra a diferença entre eles, de acordo com o grupo.

7. De todas as 23 histórias, de qual você mais gostou? Por quê?

O grupo 1 não chegou a um consenso e acabou ficando com duas histórias, sendo a primeira o “conto *Do seu coração partido*, porque o conto contém uma jovem que gosta de costurar sedas, tem roseiras e por falar de amor”. Já a segunda escolha “foi do *Na neve, os caçadores*, pois o homem se torna uma raposa depois de ter matado a raposa macho que protegia a família.

O grupo dois chegou a um consenso e elegeu como sua preferida a história *Como se fosse* e explicou ser “porque fala que o homem tira a máscara e está com a aparência de um garotinho no leito de sua morte”.

Já a preferência do grupo três é a primeira história *A morte e o rei*, sem justificativa da escolha.

O grupo quatro também ficou o “texto 1 *A morte e o Rei* porque fala sobre a morte, daí o príncipe constrói um muro alto para a morte não achar, também sem justificativa para a escolha.

Para o grupo cinco, a melhor foi a oitava história *Quem me deu foi a manhã*, pois, segundo os alunos, ela “reflete a simplicidade das coisas, pois até as coisas mais simples têm muito valor, porque, com a ajuda de uma salamandra, a moça da história conseguiu se livrar de ser queimada viva”.

Estas respostas justificam a mudança de estratégia ao abandonar o sorteio, deixando os grupos escolherem livremente seus contos para análise. Das seis histórias escolhidas como favoritas, houve apenas uma coincidência de resposta, que foi a escolha, por dois grupos da 1ª história do viajante *A morte e o rei*. Na sequência do livro aparece como preferência de outro grupo a 8ª história *Quem me deu foi a manhã* sendo também selecionadas a 11ª história *Na neve, os caçadores* e a 12ª história *Como se fosse* e, por fim, a 17ª história do viajante *Do seu coração partido*.

3.9 MÓDULO VII – PRODUÇÃO DE CONTOS PELOS ALUNOS COM TEMAS LIVRES RELACIONADOS AO UNIVERSO FANTÁSTICO/MARAVILHOSO.

Objetivos específicos:

– Produzir, individualmente, contos maravilhosos tendo por base os cenários, personagens, ambientes, espaços... com o intuito de demonstrar toda a criatividade

do aluno e como forma de perceber a recepção que cada um teve dos diversos textos lidos, ouvidos e analisados, bem como dos filmes assistidos.

Após as primeiras produções, os textos serão analisados, corrigidos e encaminhados para os alunos para que procedam a reescrita, tendo por base as anotações na folha de redação e de diálogos com o professor.

Os textos produzidos pelos alunos foram corrigidos e digitados por eles e os que apresentaram narrativas que, de alguma forma, apresentaram em sua composição elementos do universo maravilho/fantástico foram selecionados para fazerem parte dessa coletânea. Num total de 12 contos escolhidos, muitos deles apresentam universo fantástico, elementos mágicos que em geral muda a vida das personagens, seres misteriosos, um universo mágico e em quase todos eles há a presença da morte. Os que mais se encaixam em todos ou em boa parte desses elementos são os contos: *O espelho*, *O segredo*, *As frutas de Camila*, *O enviado*, *O sacrifício de Catarina*, que também traz à tona a eterna juventude, como acontece em muitos contos de fadas, *A recuperação* que busca a presença dos amigos invisíveis em ambiente aparentemente normal, morte e imaginação que se perde conforme o personagem vai crescendo e *Aquela parte*, que evolve o amor platônico, quase uma mulher invisível ou inexistente, que leva uma parte do protagonista, personagem que o leitor não sabe se realmente existe ou se é apenas fruto de sua imaginação, de seu sonho.

Os demais contos tratam de morte, aparecendo neles também em maior ou menor medida o universo fantástico, com elementos maravilhosos, espaços sombrios, mistérios, assombrações e fantasmas, encaixando-se nesses quesitos os contos *O caixão*, que mostra também a retomada dos 3 desejos atendidos não por um personagem mágico, mas pelo próprio protagonista, *A ilha*, *A menina*, *A noiva traída*, com elementos que envolvem também a traição e o mundo dos sonhos, o universo onírico e *O livro*.

O Espelho

Margaret era dona de uma loja de antiguidades, todos os dias recebia pessoas e mais pessoas.

Um dia, chegou um jovem de capa preta, mostrando só metade do rosto, com algo nas mãos, na hora, ela não conseguiu distinguir o que era, e achou que era um

assalto, mas o jovem se aproximou do balcão, e, colocou um espelho em cima, Margaret logo se interessou e o comprou, por ser uma peça muito bonita.

O rapaz nunca mais apareceu, e, a cada dia, várias pessoas se interessavam por várias coisas, menos pelo espelho.

Certo dia, um homem entrou na loja e ficou se olhando no espelho por várias horas, quando Margaret se aproximou, ele só disse:

– O espelho da lenda, a lenda diz que, quando a pessoa se olha no espelho ele a reflete sendo assassinada, de maneira cruel, pela pessoa que ele mais ama, e quando a pessoa se dá conta, ela já está morrendo.

Aquelas palavras ecoavam no ouvido de Margaret, ela não podia acreditar no que tinha acabado de ouvir, mas, antes que pudesse perguntar qualquer coisa, o homem começou a sangrar, e caiu, morto, ao seu lado. Agora ela acreditava.

Mas quando Margaret se olhou no espelho, ela viu um jovem, com a vestimenta do exército, apontando uma arma para uma mulher, e quando o barulho de tiro se ouve, Margaret cai, morta.

Muitos tentaram investigar esse crime, mas todos caíram, mortos.

O espelho foi coberto de poeira, a loja foi fechada e, cinquenta anos depois, chega um jovem de capa preta, mostrando só metade do rosto, que comprou a loja em um leilão, interessado somente em uma peça. Então, entrou na loja, cobriu o espelho, e o levou. Precisava tê-lo de volta.

O segredo

Em um dia começou tudo que eu vou falar. Uma menina feliz está viajando com a avó. Ela fez a avó parar para comer em uma cidade muito esquisita, já para a menina era muita bonita e quis passear na cidade dos seus sonhos.

A avó a deixa ir ao parque para brincar. Ela foi em um brinquedo que tinha o nome de “túnel secreto” que ia em lugar muito além do que estava lá.

E o homem que ficava lá fora falava que era especial e que quem entrasse lá não voltava mais, pois ele era um brinquedo mágico.

Ela foi ao mundo dos sonhos, da imaginação dela e esqueceu de voltar. A avó foi ao túnel que parou no mesmo lugar, mas ela não via porque não tinha imaginação para vê-lo nem ir lá.

A avó logo voltou para fora sem notícias da neta, quase ficou louca. Procurava a neta, gritava o nome dela: “Luanda, volta neta!”

Tempos de procura, ligou para polícia para ir lá, mas tinha uma polícia que era de chocolate, um rio de suco de uva, as árvores de sorvete, o sol de bala, as flores de bolacha, chovia coca, tinha príncipe e princesa, castelo e torre. Lá ela tinha amigas especiais, animal que falava, unicórnio que falava, tudo o que ela sonhava acontecia, mas a avó não sabia mais o que fazer. Daí apareceu uma menina que falou:

– Eu já fui ao túnel secreto, ele leva para outro mundo muito legal, lá é o mundo dos sonhos.

A avó perguntou:

– Como assim?

A menina respondeu:

– Só de imaginação você vai lá e só tem um jeito de voltar: acordando do sonho.

A avó falou:

– Muito obrigada – e correu para o túnel e gritou: “Luanda, acorda logo!”

A menina apareceu. A avó não queria voltar logo. A seguir um carro bateu na menina e antes de a menina morrer, ela falou:

– Te amo, vó! Vou para um lugar muito legal! – e morreu.

E a vó caiu no chão e se conformou e fez o velório. Logo depois viu a neta e a menina indo embora para o mundo dos sonhos.

As frutas de Camila

Certo dia ouvi falar sobre uma menina, uma linda menina que andava pelas florestas procurando por várias frutas diferentes, sem temer nada que poderia acontecer com ela, porque a vovó dela disse:

– Um dia um meteoro cairá sobre sua cabeça e então você ganhará superpoderes que você só irá descobrir o que ele faz se você ficar na floresta procurando por todas as frutas mágicas que eu enterrei perto da menor árvore dessa floresta.

Então a menina Camila ia andando pela floresta todos os dias, o dia inteiro procurando por essas frutas desaparecidas que sua avó deixou para quem ficasse com os superpoderes, mas Camila sabia que ela precisava achar essas frutas, para descobrir o que o seu “poder” poderia fazer. Camila tinha ficado horas, dias, meses,

enfim, cinco longos anos procurando por essas tais frutas que sua avó tinha lhe falado, e ela ficou pensando:

“Como será o tamanho dessa árvore? Será que é muito pequena mesmo? Será que é tão pequena que precisarei tomar cuidado até onde eu piso?”

Essas dúvidas ficavam na cabeça dela o dia inteiro, e ela sabia que não iria parar enquanto não achasse uma nova aventura ou as tão esperadas frutas que revelam segredos.

Um dia Camila estava na floresta procurando pelas frutas e encontrou uma garota, uma mulher para falar a verdade, bem mais velha que Camila, então elas se aproximaram, começaram a olhar uma a outra de cima a baixo, vendo os mínimos detalhes para ver se o que ela queria eram as frutas, então a mulher Marina disse:

– Porque você está aqui? O que está procurando?

– Estou procurando pelas frutas mágicas! – Disse com toda confiança.

– Pois bem, eu também estou procurando por essas frutas!

– Então vamos procurar juntas, porque o que mais quero é descobrir um segredo sobre mim mesma!

Camila toda entusiasmada já arrumou suas coisas e foi para a floresta com Marina. No caminho da sua jornada a procura das frutas, acharam um mapa que revelava o lugar de um tesouro, e no desenho do mapa o tesouro tinha asas. As duas ficaram abismadas com o que viram, ficaram se perguntando “é mesmo possível isso?” Quando viram o mapa direito, o tesouro estava no topo de uma montanha cheia de espinhos, então decidiram ir lá, olharam para o alto e viram a montanha enorme cheia de espinhos e de animais protegendo o pico da montanha.

Foram indo para a montanha e, após três longos dias de caminhada, acharam uma passagem escondida que dava por baixo da montanha, olharam bem para aquela passagem, ficaram com medo de entrar, mais falaram, “pelas frutas!” Então Camila sempre como a mais corajosa das duas, foi na frente tomando toda a iniciativa, e então descobriram que era um labirinto todo feito de gelo, elas andaram seguindo o mapa, andaram, andaram e acharam um elevador que levava para o topo da montanha em um instante.

Elas subiram e lá viram o tesouro fincado em um dos espinhos no topo da montanha, as asas emborrachadas estavam escuras, estavam com cor de sangue, foram até o baú, abriram e acharam dois pares de botas com asas para elas saírem por aí voando, tudo para achar as frutas. Pegaram as botas e saíram voando de lá.

Camila sempre teve um olho de águia, podia enxergar qualquer coisa no meio da floresta, mesmo de longe, parou de voar e sentou em um cogumelo cheio de folhas, parecendo uma árvore! Estava descansando e Marina incansável estava procurando pelas frutas. Após três horas Camila acordou, estava deitada no cogumelo-árvore e acabou caindo dele, quando caiu fez um barulho oco, parecia que tinha algo escondido por baixo do cogumelo-árvore, então pegou uma pá e foi procurando, procurou, procurou, procurou e então de fato tinha algo no pé desse cogumelo-árvore, ela achou a primeira fruta, eram 6 frutas, só que a fruta não queria sair desse cogumelo, então ela cavou mais e não conseguiu do mesmo jeito, Marina já tinha desaparecido e não ajudou ela nem um pouco. Camila então decidiu puxar o pé de cogumelo-árvore, e então a fruta era a raiz da planta, e juntas todas as frutas. Elas contaram seus maiores segredos que você ainda não sabe, Camila concluiu que as outras frutas estariam em outros cogumelos iguais a esse, Camila olhou ao redor dela e viu que tinha não só um cogumelo-árvore, mas sim os outros 5 cogumelos em forma de círculo, e no meio tinha cinzas de uma fogueira feita pela avó dela, então ela puxou todas as raízes dos cogumelos e achou todas as frutas, colocou-as em volta da fogueira e acendeu a fogueira, o fogo começou a tomar forma, ela descobriu que podia achar coisas só pensando nelas, como se fosse que ela seria o computador para rastrear o chip que estaria nas coisas que ela pensava, então se ela pensasse só nas frutas ela iria achar a localização das frutas, após descobrir, as frutas se enterraram novamente e o fogo foi apagado, então saiu pelo mundo afora procurando a sua família, e disse que nunca iria desistir até ter toda a sua família reunida.

O enviado

Machu Picchu, meados do século XIII, em uma pequena vila vivia uma família de três pessoas, descendentes incas. O homem chamava-se Queiroga, a mulher Quíchua e o filho Quechum. Uma família tranquila que passava por algumas dificuldades.

Há algum tempo, Quechum vem relatando coisas bizarras para seus pais, ele dizia que toda noite saía de sua cama e passava nos fundos de sua casa, o único problema é que atrás de sua casa não tinha absolutamente nada. O que seus pais não sabiam é que Quechum era um viajante. Ele dormia em sua cama e no meio da noite ele entrava em “transe” e acordava em um mundo surreal, onde o único ser

humano era ele. No sonho ele levantava de sua cama e andava vagarosamente pela vila e, nos fundos de sua casa havia sim uma porta, quando ele atravessava essa porta, saía em um mundo maravilhosos, cheio de árvores e animais magníficos.

Neste mundo encantado, Quechum possuía um amigo, uma preguiça falante chamada Icho, que tinha 371 anos e sabia de muita coisa, sabia também que seu amigo humano era o enviado para matar a serpente gigante. Esta morava no lado sombrio deste mundo fantástico, no lado que Quechum não conhecia.

Todo animal que passasse dos limites da fronteira era preso e acorrentado no covil da serpente.

Quechum era o enviado pelos deuses incas para derrotar a serpente e libertar os prisioneiros. Icho, então, levou Quechum para o desconhecido anjo sagrado, o protetor do mundo fantástico, ele disse para o garoto que quando acordasse no mundo real novamente, ele deveria reunir três elementos, o galho da árvore mais alta, a ponta da lança do maior guerreiro inca e o manto do ancião.

Quando Quechum retornou para o mundo real, a primeira coisa que ele pensou em fazer foi ir em busca dos três elementos, porém, seus pais, com medo de que algo ruim acontecesse ao garoto, decidiram proibi-lo de sair de casa. No entanto, Quechum, pensando nos animais prisioneiros, resolveu fugir. Já que ele não tinha amigos, foi sozinho. Chegando no monte mais alto para recolher um galho da árvore mais alta, percebeu que isso ia ser muito fácil, pois sabia muito bem escalar árvores. Sem fazer a menor noção de quem foi o maior guerreiro da história inca, partiu em busca das vestes do ancião. Conseguir o manto do ancião foi fácil, pois o mesmo se derreteu ao ver o olhar doce daquele menino.

Quase escurecendo, Quechum voltou para sua casa, onde encontrou seu pai muito furioso.

Seu pai muito bravo e, ao mesmo tempo, contente de ver o menino sem nenhum arranhão, levou o garoto para o quarto e pediu para sua mulher não o interromper enquanto ele estivesse com o garoto no quarto. Já no quarto, o pai não fez nada de mal para o menino, apenas conscientizou o garoto do perigo que ele tinha passado e contou uma história semelhante, porém, que o final não foi nada bom.

Depois que Queiroga acalmou-se, Quechum triste pergunta:

– Papai, quem foi o maior guerreiro da história inca?

Seu pai, então, todo orgulhoso, respondeu ao garoto:

– Foi seu bisavô, meu avô.

Quechum, agora todo feliz, agradeceu seu pai por tudo que havia lhe ensinado naquele dia, falou que ia dormir. Já que era tarde da noite, seus pais fizeram o mesmo, pensando que seu filho estava descansando.

Quechum, sabendo onde seu pai guardava os objetos de herança da família, esperou o mesmo adormecer para pegar a ponta da lança de seu bisavô. Depois que reuniu os três elementos, Quechum foi finalmente dormir.

Quando acordou em seu sonho, pegou o galho, a ponta da lança, o manto do ancião e foi em direção à porta atrás de sua casa e entrou para o mundo fantástico. Quando entrou lá, foi diretamente falar com o anjo sagrado, ele então disse para o garoto vestir o manto do ancião e com o galho e a ponta da lança, fazer uma nova lança, o anjo explica também que o garoto tem que acertar um único golpe na cabeça da serpente. Não tinha muito o que fazer pois a cobra viu que ele possuía as coisas que podiam fazê-la morrer e, surpresa, falou:

– Um dia eu voltarei para acabar o que comecei.

Então, instantaneamente, ela se teletransportou para outro lugar.

Até hoje, todos daquele mundo fantástico temem o retorno da serpente maligna.

O sacrifício de Catarina

Em uma certa província, em um lugar distante, naquela época as moças belas eram tratadas como princesas. Esse era o caso de Catarina, uma moça tão bela que sua beleza causava inveja à própria lua e fez com que o sol, tão imponente, se apaixonasse por ela. Seus olhos brilhavam com a força de 20 mil estrelas, seus cabelos eram como o mais longo rio e claros como a luz do sol e a sua voz era afinada como a de um rouxinol.

Catarina, apesar de bela, era egoísta e só pensava em si mesma. Era tão bela que tinha medo de envelhecer, por isso passava boas horas na frente do espelho, mas mesmo assim a idade começava a chegar. Já não tinha 18 anos mais, mas sim 30, por isso resolveu achar uma solução, então foi em busca de uma velha senhora que dizia ter o segredo da juventude eterna.

Catarina atravessou bosques e lagos, montanhas e mares até chegar a um lugar frio onde ela encontrou a velha senhora, então Catarina se apresentou e disse: “É verdade que você tem o segredo da eterna juventude?”. A senhora parecia já que

era muito velha, Ihe respondeu: “Sim, é verdade”. Mas antes que Catarina dissesse algo, voltou a falar: “Mas tem um preço”. Então Catarina falou para a velha senhora: “Não importa, eu pago”. Mandou seus homens trazerem um baú de joias, mas a velha fechou o baú e disse: “Não precisa de dinheiro”. Catarina questionou: “Então o que você quer?” A velha sussurrou ao ouvido de Catarina: “Eu quero almas!” Catarina, então, admirou-se: “Almas?!”. E ela respondeu: “Sim”.

Então a velha senhora voltou a dizer: “Todas as vezes em que eu me comunicar com você, independente da data, você terá que me dar uma alma, mas tem que ser a que eu pedir.” Catarina aceitou e a bruxa Ihe deu um baú com 2 mil pétalas de cristal e disse: “A cada 100 anos, coma uma pétala de cristal que nunca mais irá envelhecer.”

Com o passar do tempo muitas almas foram dadas até que um dia ela se apaixonou por um jovem chamado Cristian e juntos tiveram uma filha que se chamava Emanuele. Com o tempo Catarina começou a notar que sua filha estava crescendo e quase ficando de sua idade, então a velha voltou a aparecer e Ihe disse: “Eu quero outra alma!” Catarina perguntou: “Qual?” E ela respondeu: “Sua filha”. Catarina gritou: “Não!!!”

Saiu de casa e partiu em busca da velha, chegando no mesmo lugar da primeira vez, atacou a velha e com uma facada a matou, mas então ela começou a sumir e acabou virando apenas uma lembrança no coração de sua filha.

A recuperação

Em um dia bem calmo, uma mulher chamada Maria perde o seu filho e fica muito triste e o seu marido João também. Era o primeiro filho do casal. Maria ficou em depressão. João pensou e disse a Maria:

“Maria, vem cá. Tive uma ideia”.

A mulher perguntou: “Qual? Me fale logo. Você sabe que eu sou muito curiosa”.

O marido respondeu: “Vamos adotar uma criança?”

A mulher achou a ideia ótima. Os dois foram a um orfanato que tinha várias crianças, principalmente meninos. Maria queria mesmo um menino, mas tinha um que ela se encantou por ele. Ela perguntou para o menino qual era o seu nome. Ele respondeu que era Gabriel. Maria achou o nome lindo. O marido também adorou Gabriel. Eles queriam adotá-lo, mas o diretor falou que ele era meio maluco, mas eles não ligaram para isso.

Quando eles chegaram em casa, Gabriel viu que ela era muito linda e ele ia ter um quarto só para ele. Gabriel se sentia sozinho, não tinha nem uma criança para brincar com ele, porém ele tinha uma imaginação muito forte e apareceram muitos amigos na casa dele e eles foram brincar lá fora de futebol e o Gabriel era o goleiro. Os amigos imaginários eram Felipe, Leonardo, Mateus, Tiago e Daniel. Eram três para cada lado e começaram a jogar. Gabriel se achava o melhor. Ele foi chutar a bola, chutou o chão e caiu sentado e o Daniel era o palhaço e ficou tirando sarro e dando risadas dele. Gabriel começou a chorar e saiu correndo atrás dele. Daniel atravessou a parede e Gabriel partiu a cabeça no muro. No dia seguinte Maria foi ver Gabriel, que estava todo dolorido e ela perguntou a ele o que tinha acontecido. Ele disse que estava brincando lá fora com seus amigos.

“Que bom”, Maria falou, “qualquer dia você traz eles aqui?”

“Tá bom”, respondeu Gabriel.

Passou muito tempo e nada. Gabriel foi crescendo e perdendo sua imaginação.

Aquela parte

E lá estava ela, com aquele vestido branco e dourado (ou seria preto e azul?), naquela festa, naquele dia, quando estava tocando aquela música, e lá estava ela, com aquela delicadeza, com aquele perfume, ela e as amigas, naquela pista. Ah! Ela! Tão perfeita! E lá estava ele, com aquela camiseta do Rolling Stones, jaqueta de couro preta, bebendo e curtindo com os amigos, quando a viu, ele sentiu algo, algo que o atraía a ela, então ele saiu, o mais rápido possível, mas não conseguia correr pois as pessoas eram como barreiras que o atrapalhavam para chegar nela e de repente, ele a perdeu de vista, e quando a perdeu, sentiu como se tivesse perdido uma parte dele, uma parte que não sabia se encontraria de novo, uma parte que o tornava bom, que o fazia sentir-se como uma pessoa melhor, uma parte que ele mesmo não conhecia até vê-la, então saiu, procurou pela festa toda, viu muitas garotas, mas nem uma parecia com ela, nem uma que o fazia sentir como se aquela parte tivesse voltado, nem uma que o fazia se sentir bom.

E quanto mais ele procurava, mais ele se decepcionava, por não achá-la e por não a ter conhecido antes, e quando se cansou de procurar, ele desistiu, sentou no bar e ali ficou, bebendo, sozinho, sem esperança de a encontrar novamente, sem

esperança de conseguir de volta aquela parte, aquela parte que ela levou dele quando sumiu.

Naquele momento estava imaginando quem seria aquela garota, aquela garota, que entre tantas pessoas, foi ela que ele enxergou, aquela garota que pelo simples fato de vê-la, ele já se sentia uma pessoa melhor.

E na quinta dose de whisky ele achou que a tinha visto, parada, ali, a alguns metros dele, então correu, desta vez como se não existissem pessoas na sua frente, ele pensou que aquela seria a garota, a garota que o fazia se sentir melhor, mas quando chegou até ela, viu que era só uma ilusão, que ele não tinha visto ninguém, então voltou para o bar e se afundou no resto da garrafa de whisky.

O caixão

Tudo começa quando em um cemitério da cidade de Esqueletópolis um velho esqueleto moribundo em seus poucos dias de vida resolve fazer tudo o que tem vontade antes de morrer.

Senhor Bisqueleto é um velhinho de 115 anos que estava doente e que morava sozinho nas profundidades de seu caixão. Ele era um senhor muito bondoso e solitário, pois todos os seus parentes já haviam morrido e ele, por ser sozinho, era muito descuidado e estava com a barba comprida, os cabelos brancos e longos.

Ele tinha três desejos antes de morrer, mas antes de ele realizar seus desejos, ele passou no shopping da cidade, cortou e pintou seus cabelos de ruivo e também fez a barba, comprou roupas pretas e assim ele estava pronto para realizar seus desejos.

Seu primeiro desejo era jogar sua dentadura no lago da cidade para um velho amigo seu usar, porque o peixinho já estava desdentado com o passar dos anos e assim ele fez.

Seu segundo desejo era se declarar para a estátua da condessa Monalisa que ficava no fim do cemitério. Ele sempre foi apaixonado por ela, mas nunca entendia porque ela não se mexia e assim ele se declarou, mas como sempre nunca foi correspondido. Coitado, ficou arrasado, mas não desistiu de realizar seu terceiro e último desejo.

Seu terceiro desejo era dar uma festa para todos os seu vizinhos e dançar *halei sheik* e assim ele fez, deu uma festa de arromba que durou três dias e três noites. De

tanto ele dançar e beber com seus amigos, depois de 5 dias ele morreu com um sorriso no rosto por ter realizado todos os seus desejos e assim seu caixão foi lacrado para sempre.

A ilha

Sexta-feira, noite chuvosa. No meio do lago onde existia uma ilha na qual ninguém podia ir, uma turma de alunos do colégio de Portugal resolveu fazer um jogo justamente naquele lugar, só que tinha uma garota que já havia ido lá e dizia que o lugar era amaldiçoado. Ela não queria ir, mas os professores a obrigaram a ir senão ela iria tirar uma nota baixa.

Logo em seguida foram os 6 alunos: Marcos, Patrícia, Pedro, Tiago, Karla e Bruna. O Pedro e a Bruna eram namorados, sempre aprontando com os colegas, enquanto Marcos era um rapaz quieto e muito estudioso. Marcos gostava da Patrícia, que era a garota que já tinha ido lá e visto algo de ruim.

Quando chegaram à ilha, existia uma cabana onde eles iriam fazer o jogo sobre terror, mas eles não imaginavam que, o que iam jogar era real. Na hora do jogo, os alunos foram a uma sala assombrada onde tinha uma alma, mas só que eles nem ligavam pra alma que estava lá, porque achavam que era só um esqueleto.

Os alunos começaram a jogar o jogo de terror e cada partida que jogavam era uma coisa de terror pior que a outra e eles ouviam barulhos lá naquela ilha, que eles começaram a ficar com medo disso, até que o Tiago e a Karla, os corajosos da turma, foram procurar pra ver se havia almas ali ou pessoas mortas. Antes de eles irem, a Patrícia contou que já tinha ido lá e falou que aquele lugar era uma ilha assustadora, ela disse: “Eu não queria ter vindo, mas como os professores me obrigaram a vir, porque vale nota, me disseram que, quem passasse aqui não sairia vivo.”

Aí mesmo que os alunos ficaram com medo e cada vez mais ouviam aqueles barulhos. A Karla e o Tiago foram procurar primeiro os professores, até que os acharam mortos lá perto de uma cabana. Karla diz para Tiago: “E agora, o que vamos fazer, Tiago?”

Tiago respondeu: “Vamos lá nos outros alunos e dizer o que aconteceu com os professores, aí vamos sair desse lugar antes de nós morrermos também”.

Eles saíram correndo desesperadamente e foram até onde os alunos estavam. Chegaram lá, o Tiago disse para eles que alguém tinha matado os professores. Os

alunos, em pânico, saíram correndo para tentar escapar daquele lugar, só que eles não viram mais a saída e ficaram com medo. Tiago disse: “Já que tamos aqui, vamos desvendar esse mistério de almas e mortos que dizem que estão aqui.”

Quando o Tiago foi achar pistas para isso, os outros 5 alunos foram achar outras pistas, e eles estavam quase encontrando o mistério dali, até que uma alma apareceu para eles e disse: “De fato quem passar por aqui vai morrer e vocês são as próximas vítimas de nós”.

Eles saíram correndo até que acharam um lugar fechado e entraram lá e viram aquelas coisas de terror, livros, cartas, roupa e um monte de coisas mais, até que Pedro viu algo lá, umas folhas bem antigas que um homem chamado Nicolas Abreu escreveu e nelas estava escrito tudo o que havia acontecido naquela ilha. Bruna leu tudo o que estava escrito nelas e falou para os colegas que aquelas almas que tinham matado muita gente, morreram ali por causa de pessoas que os fizeram entrar lá e eles acabaram morrendo dentro de uma cabana presos muitos dias, por isso eles matavam quem chegava à ilha, que era para se vingar das pessoas.

Os alunos acharam uma saída e foram embora daquela ilha mal-assombrada. No dia seguinte eles contaram para algumas pessoas o que realmente havia acontecido lá e foram espalhando para todo mundo, até que a cidade toda ficou sabendo e foram lá naquela ilha e levaram flores, velas e um monte de coisas para a cabana onde havia morrido aquelas pessoas, até que depois aquelas almas que assustavam todo mundo foram em paz para o céu.

A menina

5 anos atrás uma menina chamada Nicolý tinha 12 anos, muito bonita, morava numa casa em Nova York, ela adorava jogar bola, até que um dia ela foi jogar bola e um menino que não era legal, derrubou Nicolý e a queda sangrou seu nariz, assim ela foi ao médico, e o médico disse que ela estava com câncer. Assim ela ficou chorando e no outro dia estava internada para se tratar, depois de 1 mês ela cortou os cabelos e no outro dia, foi para a escola. Todos os alunos desejaram as boas-vindas. Chegando em casa foi internada de novo, e os alunos iriam para o acampamento. Nicolý insistiu para o médico deixa-la ir. O médico deixou de tanto ela insistir mas a mãe dela foi junto porque Nicolý estava muito fraca e cansada. Ela queria jogar com eles porque a vontade era demais. Assim ela desmaiou e foi ao médico de novo.

Infelizmente tinha uma garota chamada Luciana que Nicolý e ela não se gostavam. Nicolý ficou sem cabelo, ficou com a cabeça pelada. Nicolý morre no dia de seu aniversário, dia 2 de julho de 2002 quando iria completar 13 anos. Como Nicolý odiava Luciana, começou a assombrá-la, e ela começou a ficar com medo.

A assombrada gritou:

– Sai de mim, satanás!

Nicolý falou:

– Te quero, você vai ver, vou te matar e trazer você para o meu lado – Há Ha

Ha!

A assombrada saiu correndo e falando:

– Sai, sai capeta!

Chorando sentada na escada da igreja, Júlia encontrou-a e perguntou-lhe o que tinha acontecido e Luciana falou o que tinha acontecido. Júlia ficou muito assustada e se arrepiou toda. Júlia perguntou:

– Você quer ir ao psiquiatra?

Luciana respondeu:

– Vamos!

Chegando lá aguardaram a chamada para serem atendidas. Assim que chega sua vez entram no consultório e o médico perguntou:

– O que você tem?

Lucina falou que estava sendo assombrada e o médico falou:

– Minha filha, não existe isso. Vamos internar você, você está louca!

Júlia falou:

– Não, não, ela não está louca, por favor não interne ela!

E então o médico diz:

– Então tá. Vá para casa, fique de repouso e descanse.

Assim no outro dia foram ao cemitério e levaram uma rosa. Nicolý ficou com pena porque ela estava quase ficando louca e Nicolý nunca mais assombrou Luciana, assim acalmaram-se os nervos e Luciana tirou um peso de suas costas e ficou bem mais calma e viveram felizes dali em diante.

A noiva traída

Sim! Era o que ela queria ouvir, no dia do casamento. Jenny e Ian estavam lindos, ela com aquele lindo vestido e ele de terno, ela disse que o amava e ele também... depois do casamento, Ian vendou seus olhos, e a levou para ver o pôr do sol no parque, mais ela não sabia que ele era um maníaco, um serial killer.

Ele a matou no carro vendo o pôr do sol, mas em seu sangue havia uma maldição, que se fosse morta cruelmente por quem amava, amaldiçoaria aquele lugar eternamente a menos que um humano fosse lá e se apaixonasse por ela novamente... Esse sim seria o verdadeiro Amor. Então ela morreu e o enlouqueceu naquele mesmo instante, pois a morte era pouco para ele, e a cada pessoa que ia visitar aquele lindo lugar, era assombrada pelo fantasma da noiva traída.

Até que um dia um homem chamado Franklin foi até lá e se apaixonou por ela e ela por ele. Ele passou a ir lá todos os dias, mas ela sabia que tinha que parar de vê-lo, porque teria que matá-lo, então Franklin ficou triste e foi embora, mas Jenny encontrou Franklin, porque ela pôde voltar a viver...

Ela o amava e ele também, Franklin a reconheceu na hora e ela lhe contou tudo... Ian morreu louco, e eles se casaram pois nada daquela vida valeu. E então Meredith acordou e viu que não passou de um sonho...

O livro

Em uma biblioteca chegou um menino e foi até o fim dela, se encostou na parede e começou a ler, de repente o livro sumiu, ele estava em uma floresta, uma bruxa que passava voando por ali fala para ele que provavelmente o livro estaria na biblioteca global, "mas para chegar até lá você vai ter que passar por muitas coisas até encontrar o livro", ela só não deu carona na vassoura porque estava indo pro outro lado para uma convenção de bruxas. O menino agradeceu e foi atrás do livro, ele andou bastante até chegar a um hotel, já estava escurecendo então resolveu chegar, o porteiro chegou e arrumou um quarto e o levou para o quarto que era do lado de fora. O menino não tinha percebido que tinha cabanas, o porteiro mandou ele não se assustar porque elas aparecem e desaparecem quando ele queria, o menino entrou no quarto tomou um banho e começou a assistir TV, mas pensando no livro. De repente apareceu um fantasma, eles se tornam amigos e passam a noite conversando, no outro dia o menino andou até chegar em um pântano que estava vazio até que começaram a aparecer ogros por todo lado, deixam ele preso para o

comerem no dia seguinte. Quando o fantasma soube foi ajudá-lo, de noite o fantasma libertou o menino e continuou junto com ele, quando os ogros viram que ele não estava ali foram atrás dele.

O menino conseguiu chegar à biblioteca, mas os ogros também e ainda acharam o livro e a cópia que o menino estava caçando e foram na direção da fornalha ardente e dos cinco ciprestes de gelo. O menino ficou sabendo e foi atrás deles.

Eles acharam os ogros na fornalha de fogo, tentaram pegar, mas não conseguiram. O livro começou a pegar fogo e o menino desmaiou, quando acordou foram atrás deles, mas eles já estavam pondo o livro no congelador rápido e o menino começou a congelar.

Alguns anos depois ele descongelou e depois de alguns anos ele passou por uma cirurgia que iria colocar o livro no corpo dele mas ele morre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta longa, intensa e magnífica jornada na qual, utilizando-se de textos em formatos diversos, disseminados em suportes diferenciados, os alunos compreenderam, de maneira bastante satisfatória, a lógica do texto, sua importância na escola e a relevância do letramento, multiletramento e letramento literário não através de teorias complexas e desconexas com sua realidade, mas por intermédio de uma sequência didática em cujos módulos e etapas se explorou a fruição literária seja em análises e interpretações, seja em produção de textos realizada pelos alunos.

Notou-se, em todos esses oito meses de trabalho que se iniciou em meados de abril de 2014, que uma atividade longa, com objetivos pré-definidos, com o aluno sabendo de onde ele sai e em que ponto deve chegar, tem-se um aproveitamento e um compromisso muito maior, além de aumentar significativamente os conhecimentos necessários para a formação dos estudantes, o que leva a crer que a sequência didática com base em Dols e Scheneuly (2004) e, mais especificamente na sequência expandida de Cosson, é uma prática moderna, eficiente e que consegue extrair produções e reflexões em uma turma considerada complicada de se trabalhar. Para se ter uma ideia da importância de um trabalho desta natureza e nos moldes da sequência, com trabalho relativamente longo como fora o desenvolvimento deste, no primeiro bimestre de 2015, em uma turma também da 3ª Fase do 3º Ciclo, desenvolvi algumas dessas atividades de forma isolada, sem a preocupação com as etapas da SD e o resultado, apesar de a turma ser considerada mais interessada e menos problemática que a envolvida neste trabalho os resultados ficaram muito aquém do esperado, não superando em nenhum deles o desempenho da turma precedente.

Outro fato importante que foi percebido com o desenvolvimento da SD em questão deve-se ao envolvimento dos alunos com a leitura (excetuando-se aqueles que não se empenham ou se envolvem pouco, de cuja presença na turma foi bem reduzido, acreditando ser pelo seu envolvimento em um trabalho longo e sequencial, conforme já comentado), talvez pelo fato de essas atividades não terem seguido uma sequência de dias, havendo entre um módulo e outras atividades fora desse contexto, normais de sala de aula, ocorrendo em vários momentos durante o ano letivo.

Quando o aluno sabe o que vai ler, quais são as expectativas, os objetivos e as estratégias de leitura e quando lhe é antecipado de que trata o texto, creio que a tarefa de entendimento seja facilitada, pois, “quanto mais informação possuir um leitor sobre

o texto que vai ler, menos precisará se ‘fixar’ nele para construir uma interpretação” (SOLÉ, 1998, p. 24), em outras palavras, mais fácil será sua leitura e mais facilidade ele terá para processá-la, compreendê-la e inferir opinião a respeito dela.

No desenvolvimento das atividades da SD percebeu-se que os alunos tiveram menos dificuldades em realizá-las que em momentos nos quais eram trabalhadas atividades de análise de contos, por exemplo, quando não incluídas nos módulos do trabalho. Creio que o aluno que se envolveu na fruição literária levou com seriedade todas as etapas da sequência expandida foi, nesses momentos, de fato um leitor, que é “aquele que constrói sentidos”, e não simples ledor, “que apenas reproduz o que lê” (SANTOS et al, 2013, p. 40). Nesse ponto é importante salientar e esclarecer, ainda com base nas autoras, que o ledor “não consegue ir além do texto, apenas repete as informações contidas nele”, claro que, em algumas respostas, continuamos tendo a “mera reprodução alienada de palavras ou de trechos veiculados pelo autor do texto” (SANTOS et al, 2013, p. 40), até respostas em que o grupo copiou trechos de textos diferentes daquele que estava sendo por ele analisando, mas, em comparação com outros tipos de atividades, o número, de certa forma foi bastante reduzido.

Neste sentido, o que predominou, portanto, foi a presença do aluno leitor, pois o que se viu exposto nas análises e interpretações, na grande maioria dos casos, foi o aluno realizando “o adentramento crítico dos textos propostos”, pois nas respostas o aluno “faz inferências, observa as entrelinhas, percebe as intenções do autor e a estrutura do texto”, existindo, nas análises, “a posse, a apreensão ou compreensão de ideias” (SANTOS et al, 2013, p. 40), como se viu, em diversos momentos das produções dos alunos o entendimento de questões complexas envolvendo o psicológico das personagens, por exemplo, por esse motivo a proposta de uma leitura crítica e participativa dos textos orais e escritos que foram envolvidos no desenvolvimento do projeto levou em conta a análise em grupos das questões elaboradas, muitas delas extremamente simples e básicas, outras com grau de complexidade bastante elevado para a turma, o que propiciou maior entendimento daqueles estudantes que estavam com mais dificuldades, lendo, relendo, analisando e interpretando de forma coletiva e colaborativa.

Além dessas atividades houve a brilhante participação das estrelas dessa SD, os contadores tradicionais que foram convidados para contarem seus causos e contos para a turma. Houve uma expectativa muito grande dos alunos com a vinda deles a nossa sala de aula. Dois itens merecem destaque nesse ponto: primeiro, a dificuldade

em encontrar contadores de histórias entre as pessoas mais velhas da comunidade (sobre pessoas mais novas não soubemos de nenhum). Tínhamos uma lista de mais de dez pessoas, mas só conseguimos convencer e/ou contactar apenas cinco. A segunda tem a ver com os alunos, que participaram brilhantemente desses momentos, dialogando com o contador, perguntando, respondendo a perguntas ou desafios, com pouquíssimos momentos de conversas ou algazarras.

Com as produções de textos ocorreu a mesma determinação dos alunos, com alguns surpreendendo nas atividades, já que não gostavam de escrever, segundo suas falas e muitas vezes se recusavam a isso, outros confirmaram sua boa escrita e criatividade, e alguns poucos decepcionaram com seus textos, por esse motivo nem todos os contos foram selecionados para figurarem no trabalho final, pois alguns alunos não conseguiram produzir textos narrativos fantásticos, outros produziram textos pouco criativos e com enredo bastante problemático.

Como se verificou aqui e como todos os professores de língua portuguesa sabem, a leitura na escola não está indo muito bem, por isso, por intermédio dos resultados das atividades dessa sequência didática, foi elaborado um esboço de projeto de leitura para a escola, envolvendo todos os professores, pois a leitura e a produção não estão somente nessa disciplina, mas ela perpassa todas as demais. Assim, coletivamente, a partir desse esqueleto, o grupo de educadores da escola foi montando um projeto viável que já está em pleno desenvolvimento e que se dá, em forma de avaliação, nos vinte minutos finais das aulas de segunda a sexta-feira. Em uma primeira e superficial análise, parece pouco, mas é uma hora e quarenta minutos por semana lendo. Para que isso fosse possível, cada aula “perdeu” cinco minutos, antecipou-se o horário de intervalo e, quando estão faltando 20 minutos para terminarem as aulas, a sineta toca e todos, alunos e professores, pegam seus livros ou textos para procederem suas leituras.

Outro ponto importante a ser destacado é a criação do produto final que consiste em um site para a divulgação dessas conclusões, estudos, apresentações dos contadores tradicionais, reflexões e produções dos contos fantásticos/maravilhosos dos alunos, no site *Contadores da Terra*, disponível no endereço eletrônico <<http://profsidneirocha.wix.com/contadoresdaterra>>, bem como vídeos selecionados dos contadores no canal *Contação de histórias*, disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UC2gl-0xjouUJsaTzAxLj1Ug>>.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARRIE, James Matthew. **Peter e Wendy**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAZERMAN, Charles; HOFFNAGEL, Judith Chambliss & DIONISIO, Angela Paiva (Org.). **Gênero, Agência e Escrita**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Os pensadores. Textos escolhidos/Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. Tradução: José Lino Grünnewald... [et al.]. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BUSATTO Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e ciberespaço**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- CARVALHO, Maria Angélica Freira de & MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.). **Práticas de Leitura e Escrita – Programa Salto para o Futuro**. BRASIL. Ministério da Educação, 2006.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- COELHO, Nelly N. **O conto de fadas**. São Paulo: DCL Difusão Cultural, 2003.
- COLASANTI, Marina. **23 histórias de um viajante**. São Paulo: Global, 2012.
- _____. **Fragatas para terras distantes (ensaios)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Esse amor de todos nós**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____. **Um amor sem palavras**. 3. ed. São Paulo: Global, 2001.
- COLOMER, Teresa. **Andar Entre Livros – A Leitura Literária na Escola**. São Paulo: Global Editora, 2009.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra quê?**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2009.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na Terra do Nunca: Ensaio sobre a fantasia**. Porto Alegre: Penso, 2011.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Letramento Literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012.

- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- FARIAS, Carlos Aldemir. **Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade.** In: PIETRO, Benita (Org.). **Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes.** Rio de Janeiro: Pietro Produções Artísticas, 2011. p. 19-22.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços.** 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- KOCH, Ingedore Villaça, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- MATO GROSSO, SEDUC. **Orientações Curriculares: área de Linguagens: Educação Básica.**/ Cuiabá: SEDUC-MT, 2010.
- MATOS, Gyslaine Avelar. **A palavra do contador de histórias.** 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- OLIVEIRA, M. S.; TINOCO, G. M. A. M.; SANTOS, I. B. A. **Projetos de letramento e formAÇÃO de professores de língua materna.** 2. ed. Natal/RN: EDUFRRN, 2014.
- PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê.** Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola.** São Paulo: Artmed, 2003.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba & TEIXEIRA, Cláudia Souza. **Análise e produção de textos.** São Paulo: Contexto, 2013.
- SILVA, Salma. **O mito do amor em Marina Colasanti.** São Paulo: Cênone Editorial, 2003.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura.** 2. ed. Goiânia: Cênone Editorial, 2009)
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Referências webgráficas:

- FAJARDO, Márcia Cristina de Souza & ORTENZI, Denise Ismênia Bossa Grassano. **Letramento digital e midiático: desafios para o ensino da língua inglesa no século XXI.** Disponível em: <http://ensinodelinguascomtic.files.wordpress.com/2010/03/webquest-para-letramento_digital_e_midiatico.pdf>. Acesso em: 09 de maio de 2014.
- KLEIMAN, A. B. 2005. **Preciso ensinar o letramento – Não basta ensinar ler e escrever?** Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletras/biblioteca_professor/arquivos/5710.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2013.
- _____. **Professores e Agentes de Letramento: Identidade e Posicionamento Social.** <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59763/62872>>. Acesso em: 10 de julho de 2013.
- OLIVEIRA, M. S. **Produção escrita e ensino: o texto como uma instância multimodal.** Disponível em: <www.letramento.iel.unicamp.br>. Acesso em: 13 de agosto de 2013.
- PERRRONE-MOISÉS, Leyla. **Literatura para todos.** São Paulo: USP, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/lis/issue/view/1488>>. Acesso em: 12 de maio de 2014.
- SARMENTO, Rosimari. **A narrativa na literatura e no cinema.** 14. ed. In: Revista Travessias V. 6, Nº 1, 2012. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/issue/view/422>>. Acesso em: 7 de junho de 2014.